



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

IDENTIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE RIO PARDO/RS.

Adilson Silva da Silva

Porto Alegre, 15 de janeiro de 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

IDENTIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE RIO PARDO/RS.

Adilson Silva da Silva

Dissertação de mestrado em Antropologia Social apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof.^a Dra. Denise F. Jardim

Porto Alegre, 15 de janeiro de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Adilson Silva da
IDENTIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE RIO PARDO/RS /
Adilson Silva da Silva. -- 2023.
138 f.
Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Identidade. 2. Negritude. 3. Racismo. 4.
Sociabilidade. 5. Comunidade Quilombola. I. Fagundes
Jardim, Denise, orient. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

IDENTIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE RIO PARDO/RS.

Adilson Silva da Silva

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Paula Comin de Carvalho (PPG Ciências Sociais/UFRB)

Prof. Dr. Iosvaldyr Bittencourt (IACOREQ)

Profa. Dra. Ceres Gomes Victora (PPGAS/UFRGS)

Profa. Dra. Denise F. Jardim

(Orientadora)

“Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define”.

Abdias do Nascimento

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a minha mãe, Dona Neusa Maria Silva da Silva (*In memoriam*), por ter tido a coragem de prestar, e ter sido aprovada no ano de 1972 no Concurso Público para Datilografa na UFRGS, tendo sido nomeada no ano de 1974. Naquela época, o jeito que ela encontrou para dar um pouco de conforto a sua família e sair da periferia da cidade de Alvorada, vizinha à Porto Alegre, e uma forma de ascensão social para uma mulher negra, foi através de concurso público. Com esse ato, a minha mãe me inseriu no universo da Academia. Me recordo de, aos cinco anos de idade, perambular pelos imensos corredores da antiga Faculdade de Medicina, naquela época localizada no campus centro, perto da Reitoria.

Agradeço imensamente à Professora Denise Fagundes Jardim por ser a minha “Mestra”. Assim como a minha mãe na minha infância me apresentou o universo da Academia, a professora Denise me apresentou, aos meus 43 anos de idade, o universo da Antropologia. Além de me mostrar o caminho da Antropologia também me orienta e me incentiva a seguir em frente.

Agradeço ao meu pai Sr. Warly Franco da Silva (*In memoriam*) por me ensinar a conviver, como homem negro, nessa sociedade racista e segregadora. Agradeço à minha esposa Ana Paula, meus filhos Yuri da Rocha da Ambrósio e João Victor da Rocha da Silva por estarem ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, inclusive no Covid. Agradeço meus irmãos, André Valni Silva da Silva e Angélica Silva da Silva por também estarem do meu lado nos piores e melhores momentos. Gostaria de fazer um agradecimento especial ao meu irmão mais novo Alexandre Silva da Silva (*In memoriam*), por ser, ao longo da vida, meu irmão gêmeo (apesar de dois anos de diferença), por estar do meu lado sempre que possível, ter compartilhado comigo muitas coisas e também ter me ensinado muitas coisas.

Agradeço ao meu sogro José Cledi Gouvêa da Rosa e minha sogra Leci Silva da Rocha por me acolherem na sua família, como genro, e na sua casa sempre, durante as minhas incursões à cidade de Rio Pardo, além das saídas de campo. Esse contato foi muito importante como pesquisador e o contato com a família altamente agregador e prazeroso, além de instrutivo.

Agradeço ao Sr. Adair David, presidente da Comunidade Quilombola Rincão dos Negros, por me acolher e ser um anfitrião que além de me acolher na sua casa me mostrou toda comunidade, se dispôs a contar a história da comunidade e, num gesto de muita gentileza recebeu também a minha família numa das saídas de campo, proporcionando à minha esposa Ana Rocha e meus filhos João Victor da Rocha Silva e Yuri Rocha Silva a oportunidade de conhecer um pouco da rotina em uma propriedade rural quilombola, e como são as práticas quilombola na confecção de farinha, criação de animais, preparo e cultivo da terra, além da fabricação de insumos para a casa, como sabão e óleos.

Gostaria de agradecer a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo, na pessoa do seu Presidente Sr. Lailton Ferreira e todos os diretores que me acolheram nesta que é a maior escola de samba da cidade de Rio Pardo. Agradeço a comunidade por terem me acolhido na sua sede, por terem me dado toda a atenção. Todas as informações foram muito importantes para a conclusão deste trabalho. Agradeço também pelo convite para participar da equipe que estava criando coletando informações para o tema e para o samba enredo do carnaval de 2023. Agradeço imensamente ao Sr. Lailton Ferreira, presidente da Escola Samba Embaixadores do Ritmo por ter me aberto as portas da escola. Gostaria de fazer um agradecimento especial ao Sr. Bagé (In memoriam) por ter me contado um pouco da sua história que em alguns momentos se entrelaçam com a história da escola. Obrigado à todos negros e negras da cidade de Rio Pardo por todo o carinho que recebi durante o período em que estive envolvido com a pesquisa.

Dedico esse trabalho a Ana Paula Silva da Rocha, João Victor da Rocha da Silva e Yuri da Rocha Ambrósio.

IDENTIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE RIO PARDO/RS.

Resumo:

Este estudo objetiva observar e examinar a sociabilidade na cidade de Rio Pardo e as estratégias de posicionamento da parcela negra da população no que diz respeito a suas formas de enfrentamento ao racismo. Desenvolvo este estudo no município de Rio Pardo, localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul. Empreendo uma pesquisa baseada na observação participante, fazendo uso de entrevistas dirigidas, pesquisa documental e das propostas da autoetnografia. Sob uma perspectiva interseccional busco mapear os espaços de sociabilidade com o objetivo de conhecer a dinâmica do compartilhamento de espaços de convívio, seja nos locais públicos, seja nos espaços privados, nos quais há um uso comum. A partir do mapeamento e da compreensão da sociabilidade como sugere G. Simmel, entrevisto sujeitos autodeclarados negros, sobre temas relacionados a sua vivência, sobre o racismo, as formas e o histórico de relacionamentos conflituosos que aconteceram no passado e que se expressam na atualidade nos espaços de convívio na cidade. Ancorado no debate crítico sobre a democracia racial, racismo, identidade negra, e sociabilidade interétnica busco contribuir com o debate sobre racismo no Brasil elencando situações e subsídios para os estudos sobre a formas de dar visibilidade a racialização, um tema cada vez mais revisitado pela antropologia nas mais variadas regiões do Brasil. O estudo das relações interracialis nos dias de hoje, permite evidenciar que existem locais frequentados só por negros, e locais frequentados só por brancos na cidade. Indago sobre as novas modalidades de segregação que são construídas cotidianamente e como se expressam na ocupação de espaços sociais. Parto da evidência desta lógica através da situação conhecida como a “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”, localizadas no interior do município. Busca-se demonstrar como tal situação conecta esse passado mais recente de conflito, mesmo após a abolição. Amplio a observação para os dias de hoje, apresentando outras modalidades de segregação, sob a forma de “Escola de Samba dos Negros e Escola de Samba dos Brancos”, para tanto, apresento os locais de uso comuns que pessoas negras não frequentam ou frequentam de modo muito singular, perfazendo uma fronteira, por conta da cor da pele.

Palavras chave: Identidade, Negritude, racismo, sociabilidade, comunidade quilombola

IDENTITY AND BLACKNESS IN THE CITY OF RIO PARDO/RS.

Abstract

This study aims to observe and examine sociability in the city of Rio Pardo and the positioning strategies of the black portion of the population with regard to their ways of confronting racism. I develop this study in the municipality of Rio Pardo, located in the central region of the state of Rio Grande do Sul. I undertake a research based on participant observation, making use of directed interviews, documentary research and the proposals of autoethnography. From an intersectional perspective, I seek to map the spaces of sociability in order to know the dynamics of sharing living spaces, whether in public places or in private spaces, in which there is a common use. From the mapping and understanding of sociability as suggested by G. Simmel, I interview self-declared black subjects on topics related to their experience, racism, the forms and history of conflicting relationships that happened in the past and that are currently expressed in the spaces of coexistence in the city. Anchored in the critical debate on racial democracy, racism, black identity, and interethnic sociability, I seek to contribute to the debate on racism in Brazil by listing situations and subsidies for studies on ways to give visibility to racialization, a theme increasingly revisited by anthropology in the most varied regions of Brazil. The study of interracial relations today shows that there are places frequented only by blacks and places frequented only by whites in the city. I investigate the new forms of segregation that are constructed daily and how they are expressed in the occupation of social spaces. I start from the evidence of this logic through the situation known as the "Church of the Blacks and Church of the Whites", located in the interior of the municipality. I seek to demonstrate how such a situation connects this more recent past of conflict, even after abolition. I expand the observation to the present day, presenting other modalities of segregation, in the form of "Black Samba School and White Samba School", to this end, I present the places of common use that black people do not attend or attend in a very singular way, making a border, due to the color of the skin.

Key words: Identity, Blackness, racism, sociability, quilombola community

Sumário:

Introdução.....	11
Capítulo 1 - Descobrindo o campo: conhecendo as pessoas desvendando histórias... 17	
1.1 A Rio Pardo histórica e a Rio Pardo de hoje.....	21
1.2 O trabalho de campo	33
1.3 A posicionalidade do pesquisador	39
Capítulo 2 - Racismo estrutural e as bases conceituais para os estudos sobre o racismo	45
Capítulo 3 - Sociabilidade e Negritude em Rio Pardo	65
3.1 A construção histórica da negritude como <i>periférica</i>	65
3.2 Lugares e modos de afirmação da negritude	72
Capítulo 4 – Espaços e intensidades da negritude em Rio Pardo	85
4.1. As intensidades do lazer na Escola de samba	85
4.2 Bairros, comunidades e quilombolas	91
4.3 Carnaval e negritude	99
4.4 A História vividas na escola de samba	110
5. Considerações Finais	128
6. Referências Bibliográficas	133
7. Anexos.....	136

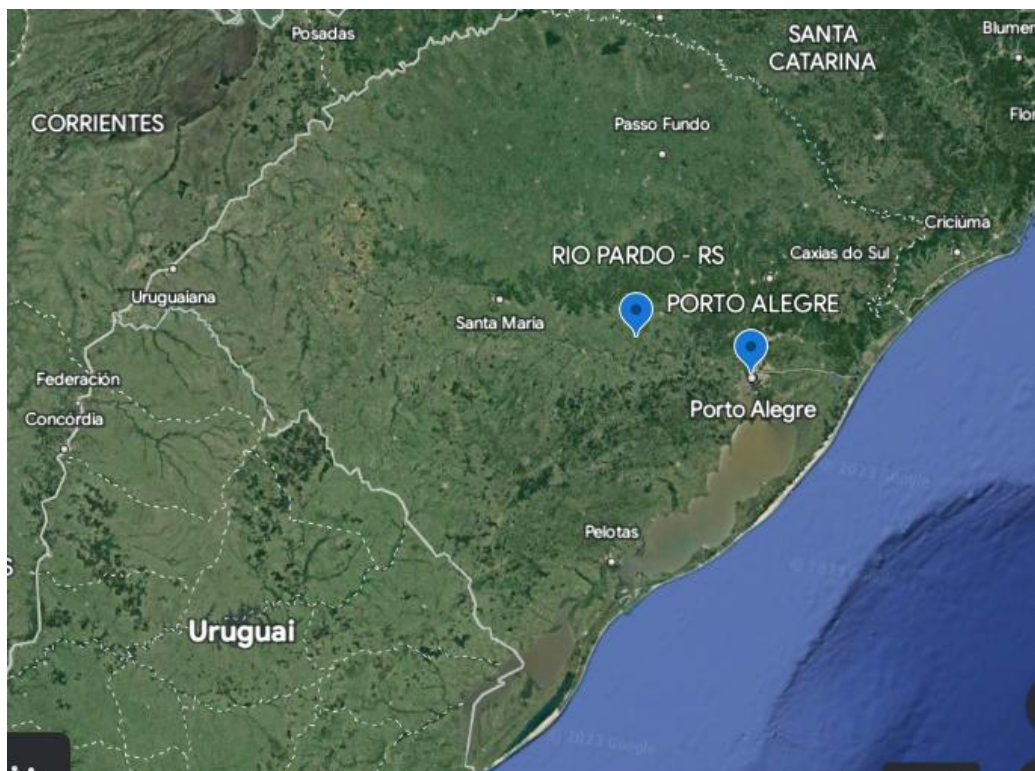
Relação de mapas	
Mapa 1	11
Mapa 2	20
Mapa 3	88
Mapa 4	94
Mapa 5	95
Relação de Fotos	
Foto 1	26
Foto 2	27
Foto 3	28
Foto 4	70
Foto 5	71
Foto 6	101
Foto 7	105
Foto 8	106
Foto 9	106
Foto 10	107
7. Anexos.....	136
Tabela 1	137
Tabela 2	138

Introdução

“Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertença, interagindo no contexto global da sociedade brasileira é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define”.

Abdias do Nascimento

Este estudo objetiva observar e examinar a sociabilidade na cidade de Rio Pardo e as estratégias de posicionamento da parcela negra da população no que diz respeito a suas formas de enfrentamento ao racismo. Desenvolvo este estudo no município de Rio Pardo localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul.



Mapa 1: Mapa do RS. Relação entre capital Porto Alegre e Rio Pardo.

A cidade de Rio Pardo, no interior do estado do Rio Grande do Sul, localizada a cento e cinquenta quilômetros da capital Porto Alegre, foi no passado, um município

importante historicamente. Entreposto comercial, aonde, se comercializavam os mais variados produtos e, entre suas práticas comerciais, a venda de escravos. Local estratégico militar, importante na defesa do Rio Grande do Sul e do Brasil do ataque dos Espanhóis. E como local de interação social, local aonde ocorreu o encontro entre o Indígena, o Português, o Espanhol e o negro.

“Em mil oitocentos e nove quando se criaram os quatro primeiros municípios da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, Rio Pardo abrangia mais da metade desse território, se estendendo pela fronteira oeste. Paulatinamente fragmentando-se em novos municípios, e em mil oitocentos e setenta e dois seu território circunscrevia-se a sete distritos. Com exceção da freguesia de Santa Cruz (terceiro distrito), que se emancipou no ano de mil oitocentos e setenta e sete. Era essa a sua configuração territorial no contexto do nosso estudo. A posição estratégica e a existência de um rio navegável que o ligava a Porto Alegre viabilizou o desenvolvimento de atividades mercantis e a circulação de pessoas de diferentes condições e origens. Do porto de Rio Pardo as mercadorias chegadas da capital seguiam para regiões distantes, como os campos de cima da serra e região das missões. Paralelamente a essas atividades desenvolvia-se a agricultura e pecuária voltadas ao mercado interno. Para movimentar essa dinâmica, trabalhadores de diferentes condições e origens matizavam o cenário produtivo e social rio-pardense” (Perussato, 2010).

Ao longo de mais ou menos três séculos, o sistema escravagista teve na cidade importante fonte riqueza através de corpos convertidos em mão de obra para sua construção como centro urbano e, nos séculos seguintes os desdobramentos de relações inter-raciais produziram outras situações que combinaram um convívio intenso inter-racial, situações de segregação e espaços exclusivos de sociabilidade marcados pelas noções de comunidades e de sociabilidade intensa interétnica. Esses aspectos, demonstram a persistência de uma segregação racial em diferentes espaços.

Empreendo uma pesquisa baseada na observação participante, fazendo uso de entrevistas dirigidas, pesquisa documental e das propostas da autoetnografia.

“Ao me colocar no texto, não tenho qualquer pretensão de realizar uma auto etnografia e muito menos de sugerir que as discussões realizadas sejam uma novidade, mas sim, de lançar elementos que me ajudem – e auxiliem também outros antropólogos – a questionar e a problematizar o método, a escrita, as técnicas, que compõem o que chamamos de etnografia. Ainda que diferentes correntes teóricas tenham colocado a etnografia em questão, parece-me que este é um processo inacabado e uma discussão sempre pertinente. Afinal, fazer campo extrapola qualquer manual e é uma vivência subjetiva”. (Parreiras, 1991)

Sob uma perspectiva interseccional busco mapear os espaços de sociabilidade com o objetivo de conhecer a dinâmica do compartilhamento de espaços de convívio, seja nos locais públicos, seja nos espaços privados, nos quais há um uso comum. A partir desse mapeamento e da compreensão da sociabilidade como sugere G. Simmel (2006), entrevisto sujeitos autodeclarados negros sobre temas relacionados a sua vivência sobre o racismo, as formas e o histórico de relacionamentos conflituosos que aconteceram no passado e que se expressam na atualidade nos espaços de convívio na cidade.

O período no qual fiz a parte mais aguda da pesquisa, ou seja, a observação *in loco*, das situações, nos mais variados ambientes, pesquisa no arquivo histórico, entrevistas e observação participante, foi talvez um dos períodos mais difíceis para qualquer atividade no Brasil e nos outros países mundo afora. Me refiro ao período da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo nos anos de 2020 e 2021, com reflexos ainda no ano de 2022. No meu caso, fazendo o Mestrado, saliento que as aulas foram todas feitas no modo remoto, e as orientações eram para que se fizesse as entrevistas também no modo on-line. Fui resistente à ideia de fazer pesquisa de modo on-line, pois desde antes, ainda na Graduação fazendo Bacharelado em Ciências Sociais na UFRGS, já havia feito etnografia como pesquisador voluntário, no qual dei início aos estudos que atualmente organizo através de uma dissertação e posteriormente a defesa da mesma.

A partir de meados do ano de 2022, a pandemia começou a perder força, e de uma forma consciente e responsável comecei a fazer as minhas saídas de campo de modo presencial. Para quem tem gosto pela antropologia e já teve, em algum momento, o prazer de desenvolver esse trabalho de forma presencial, se inserindo nos ambientes e territórios, conhecendo as pessoas, fazendo amizades, buscando explicações para os fenômenos, a

melhor maneira de fazer etnografia, como nos foi ensinado pelos precursores da Antropologia, é no modo presencial.

A cidade de Rio Pardo era um local que eu já conhecia. Conhecia como turista, que eventualmente visitava a cidade, e como morador, pois no ano de 2002 fui morar na cidade, residindo por mais ou menos 6 meses. Com conhecimento prévio, aliado aos ensinamentos do curso de Ciências Sociais, adquiri bagagem suficiente para construir uma rede de contatos que me permitiram gravar algo em torno de 30 horas de gravação. Acrescento a essas trinta horas, as gravações que fiz também como observador participante, no período pós-pandemia, quando as pessoas ainda estavam um pouco inseguras de conversar na rua. Fiz o uso do gravador para registrar comentários, relatos, explicações, situações, acontecimentos etc.

Concentrei as entrevistas no último ano e entrevistei um número considerável de pessoas. Considerando a escola de samba, as pessoas na rua, as pessoas na comunidade quilombola, alguns conhecidos da família, entrevistei mais de trinta pessoas diretamente e também conversas despreziosas, conversas que surgiam de maneira inesperada e proporcionavam informações e ideias de assuntos e entrevistas. Nesse caso aumenta o número de pessoas. Concentrei as entrevistas no último ano mas já vinha pesquisando na cidade desde 2014. Fazendo um acúmulo de informações que agora me foram muito úteis. Algumas informações coletadas no período como pesquisador voluntário me foram úteis para a escrita do meu TCC, aonde expus essas ocorrências no intuito de receber o título e concluir o curso de Bacharel em Ciências Sociais, na UFRGS no ano de 2019. Para a dissertação ampliei o conjunto de questionamentos e indagações.

O foco dessa dissertação está centrado na etnografia, entendendo que essa abordagem teórico-metodológica pode contribuir para o debate crítico sobre a democracia racial, racismo, identidade negra e outras discussões que se fizerem necessárias. Para a sociabilidade interétnica busco contribuir com o debate sobre racismo no Brasil, elencando situações e subsídios para os estudos sobre as formas de dar visibilidade à racialização, um tema cada vez mais revisitado pela antropologia nas mais variadas regiões do Brasil.

O estudo das relações interracialis nos dias de hoje, permite evidenciar que existem locais frequentados só por negros e locais frequentados só por brancos na cidade. Indago sobre as novas modalidades de segregação que são construídas cotidianamente e como se

expressam na ocupação de espaços sociais. Parto da evidência desta lógica através da situação conhecida como a “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”. Aponto essa situação com a intenção de demonstrar como tal situação conecta esse passado mais recente de conflito, mesmo após a abolição. Amplio a observação para os dias de hoje, apresentando outras modalidades de segregação, sob a forma de “Escola de Samba dos Negros e Escola de Samba dos Brancos”, para tanto, apresento os locais de uso comuns que pessoas negras não frequentam ou frequentam de modo muito singular, perfazendo uma fronteira, por conta da cor da pele.

Organizei essa dissertação em seis capítulos. No primeiro, estabeleço os parâmetros de minha abordagem antropológica, seus condicionantes e o modo como foi feita a inserção em campo. A escolha pela cidade de Rio Pardo não é aleatória pois nesta cidade fiz imersão, ampliando a observação a cada dia, mesclando o trabalho antropológico com uma forma de me repensar nas relações que já detinha na própria cidade.

No segundo capítulo, apresento as reflexões que não tinham tido espaço no trabalho de conclusão de bacharelado. Uma compreensão mais ampla do racismo estrutural, a partir das propostas de autores contemporâneos e relevantes para a intelectualidade negra no Brasil que foram basilares para essa dissertação.

No terceiro e quarto capítulo, levo o leitor para percorrer a Rio pardo que conheci, através de meus interlocutores e para, a partir deles, refletir sobre os espaços de sociabilidade e de afirmação da negritude, seja no mundo dos brancos, sejam em uma sociabilidade que domina espaços e se expande na geografia da cidade.

Este trabalho é parte de um esforço pessoal e profissional para fazer com que a antropologia se detenha nos *imponderáveis da vida social*, como sugere Malinowski, mas agregando a esses imponderáveis um debate necessário sobre racismo que não pode nunca ficar em segundo plano nos trabalhos etnográficos.

Exponho no início dessa introdução a epigrafe de Abdias do Nascimento. Busco nessa epigrafe a inspiração necessária para completar essa tarefa. Somente com muita inspiração e muita força consegui levar cada etapa desse trabalho. Travei inúmeras batalhas, e as mais árduas foram comigo mesmo, mas nunca deixei de acreditar no sucesso. Sei da força ancestral que sempre trago comigo. Ao longo do trabalho, procuro deixar claro que sou um homem negro. Sob a perspectiva da interseccionalidade, manifesto o meu grande interesse não só como um pesquisador, não como um membro

da academia, mas sim como membro de uma família de negros da cidade de Rio Pardo, que está à mercê da discriminação. A minha condição de negro, amplifica a minha condição de pesquisador. Jamais conseguiria, ou permitiria, me deslocar da condição de negro que está como pesquisador e percebe nas práticas, olhares e situações as agruras do preconceito. Vejo a grande importância de trazer à tona esses estudos, pois se não for para resolver os problemas que há séculos desampara a raça negra, que seja pelo menos para dar visibilidade, pois, ao meu ver, o conhecimento é a melhor arma em qualquer batalha.

Capítulo 1 –

Descobrimo o campo, conhecendo as pessoas, desvendando histórias.

Entre os anos 2014 e 2022, conduzi a observação participante no município de Rio Pardo/RS. Observei, de modo preliminar, a sociabilidade entre as pessoas do município, percebi que havia problemas nos relacionamentos que para mim não se mostraram muito claros inicialmente, ou seja, não estavam evidentes. Realizando observação, amparado nas teorias antropológicas, me utilizei de metodologias e da literatura antropológica, estabelecendo uma rotina de observação sobre as relações sociais.

Nestes anos, realizei visitas estendidas na cidade, mesmo tendo como minha residência a cidade de Porto Alegre, o que significava viagens de finais de semana. A cidade está distante da capital Porto Alegre, cerca de 3 horas de viagem. Isso representou uma rotina de pesquisa e ocupou boa parte do que tenho como “tempo de lazer” pois realizei tanto a graduação como a pós-graduação sempre vinculado a um emprego formal.

Ao longo deste período, o que me instigou foram as relações sociais com ênfase nas relações sócio raciais, entendendo a relevância de dar destaque às relações entre diferentes etnias. O que me interessara foram os conflitos resultantes dessas relações. Por ser conhecida como uma cidade que fora capital provincial e que tivera no passado pessoas escravizadas, o que notadamente a coloca como uma cidade central no tema da escravização no sul do país, escolhi Rio Pardo do presente para compreender como o passado escravagista é redimensionado nas relações atuais.

Nos dias de hoje, Rio Pardo apresenta diversas formas de sociabilidade que parecem reverberar esse período escravista. Por isso as questões centrais nas quais dediquei as minhas investigações foram a sociabilidade, os relacionamentos, e os compartilhamentos de espaços públicos e privados e, mais minuciosamente, os potenciais conflito resultantes dessas relações e as estratégias de enfrentamento a eles. Existem casos emblemáticos e simbólicos dentro de um contexto histórico que remontam o período da escravidão, e no período pós abolição que apontam para situações singulares que nos levam a entender o modo como conflitos interétnicos impactam a vida dos cidadãos, principalmente os cidadãos negros. Um exemplo disso se encontra no reconhecimento de um quilombo na

localidade, no interior do município conhecido como “Rincão dos Negros”¹. No ano 2022, essa localidade foi reconhecida como comunidade quilombola, e esse reconhecimento reacendeu um conflito que estava aparentemente extinto, pelo menos, há meio século, desde 1968, quando o padre da paróquia de Rio Pardo conseguiu dissuadir os dois lados da ideia de fazer os eventos religiosos separados.

O meu trabalho de campo parte da base oferecida pela dissertação de Rui Leandro Santos (2001). Rui Leandro fez uma minuciosa análise da situação dos negros na cidade de Rio Pardo, partindo da premissa de que os negros moradores e oriundos da comunidade quilombola Rincão dos Negros tem no seu local de origem, a comunidade quilombola, o pertencimento ao território. Com esse pertencimento Rui Leandro demonstra através de dados concretos que os negros adquirem um sentimento que os tornam mais fortes e decididos a serem agentes das mudanças, tomam atitudes que os levam a enfrentar os embates sociais que se apresentam no dia a dia, criam estratégias de convivência e muitas vezes essas estratégias os levam a ser protagonistas das suas decisões. Com o sentimento de pertença, segundo Santos, os negros teriam força e disposição para enfrentar as diferenças sociais que a sociedade os impõe. As questões de identificação com a sua etnia, as questões com o sentimento de pertença foram amplamente observadas por Santos que evidenciou as questões relacionadas às relações interétnicas na cidade de Rio Pardo.

Através de uma perspectiva histórico-antropológica percebo que com o passar dos anos, o Brasil como um todo avançou em termos de desenvolvimento social, da democracia, tecnológico, cultural e outros tantos avanços. Em Rio Pardo, por ser uma cidade do interior, assim como na maioria das cidades do interior do Brasil, fatos relacionados a tensões inter-raciais podem ocorrer da mesma forma.

Por isso, ao pensar e investigar Rio Pardo, penso que podemos aprender algo sobre o que é a sociabilidade e as fronteiras simbólicas das relações inter-raciais de modo mais evidente do que em grandes cidades. Entendo a sociabilidade nos termos de Simmel (2006):

“Em si e para si, essas matérias com as quais a vida se preenche, essas motivações que a impulsionam, não têm natureza social. A fome, o amor,

¹ Ao longo dessa dissertação faremos referência ao trabalho de mestrado do antropólogo Rui Leandro Santos (2001) sobre a comunidades negra em Rio Pardo que, posteriormente, desencadeou o primeiro pleito como comunidade quilombola na região.

o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentido imediato, por si sós, sociais. São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses - sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade. A sociabilidade é o seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (Simmel: 2006: p.61)

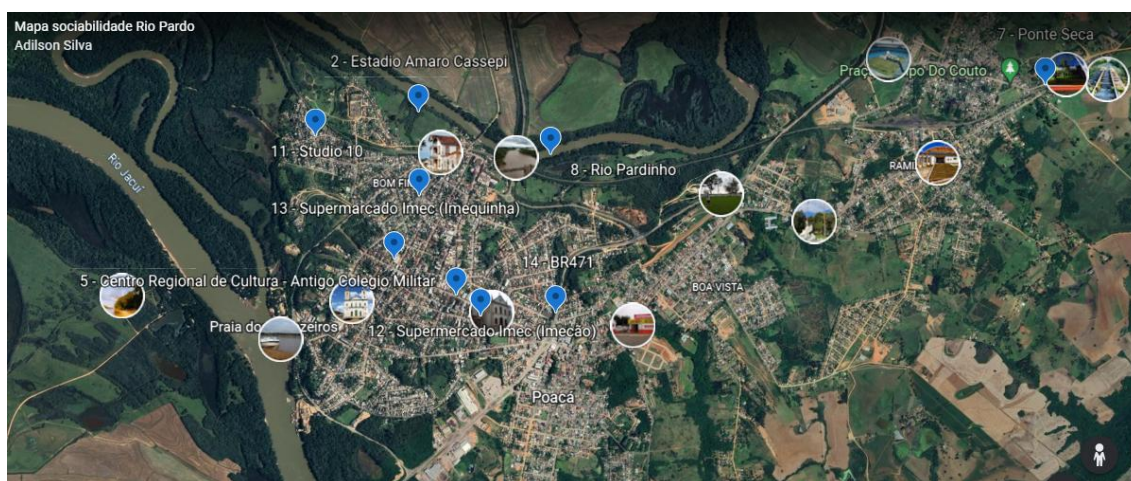
Baseado nessas premissas comecei a identificar na cidade, os parâmetros de como os sujeitos estão imersos em relações sociais na atualidade, indagando sobre quais elementos seriam os constitutivos das relações étnico raciais na cidade. Observei que há no município uma extensa rede de locais de sociabilidade, nos quais há um grande movimento de indivíduos, que produzem uma sociabilidade que configura áreas de encontros e intensa sociabilidade e há lugares para as ações de praticamente todos os indivíduos. As ações corriqueiras como ir ao supermercado, caminhar pelas calçadas, solicitar um serviço na prefeitura, estudar, passear na praça, praticar esportes nas praças e academias, pescar, enfim nas atividades do dia a dia há o encontro de pessoas, e de pessoas de etnias diferentes. Em algumas ocasiões essas sociabilidades se entrecruzam e, muitas vezes, entram em choque. Esse choque, nem sempre é visível, nem sempre significa um conflito, apesar de beneficiar um grupo de pessoas e prejudicar outro.

“Acredito que a maior contribuição de uma antropologia urbana à antropologia e seu *modus operandi* é a de seguir os indivíduos em redes em seus múltiplos pertencimentos”. (Velho, 1987)

Em Rio Pardo há, o que a antropologia urbana já destacou, através de estudos inspirados em Gilberto Velho, como o de Vianna (1997) uma vida urbana vivida em lugares sociais específicos, os “pedaços”. Lugares em que um determinado grupo entende como seu espaço de convívio, suas fronteiras e exigências morais de exclusividade.

“Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações”. (VELHO, 1987, p. 28).

Inicialmente, analisando os diversos ambientes da cidade, fazendo observação participante, me inseri no dia a dia dos cidadãos. Observei as vivências, escutei depoimentos sobre os relacionamentos sociais, profissionais, culturais e outros, com isso, fui construindo um perfil dos moradores da cidade de Rio Pardo, dando ênfase à parcela negra da população, observando as suas necessidades, anseios, e ações que pareciam não frequentar “o pedaço” da área central e histórica da cidade.



Mapa 2 – Mapa do centro de Rio Pardo e arredores. Inscrições do autor.

Legenda: 1 – Trevo; 2 - Estádio municipal Amaro Cassepi; 3 - Prefeitura; 4 – Avenida Andrade Neves; 5 – Centro Regional de Cultura – Antigo Colégio Militar; 6 - Igreja Matriz de Rio Pardo; 7 – Ponte Seca; 8 – Rio Pardinho; 9 – Clube Literário; 10 – S.E.R. Embaixadores do Ritmo; 11 – Studio 10; 12 – Supermercado Ibec (Imecão); 13 – Supermercado Ibec (Imequinha); 14 – BR471

Não precisava ser um antropólogo muito experiente para saber que esse tema era complicado e de difícil abordagem. O que estava em jogo eram relações sócio raciais em uma cidade aonde haviam compartilhamento de quase todos os espaços. À medida que vamos nos inserindo em campo, percebemos e construímos o mapa acima, evidenciando em quais lugares a sociabilidade negra se expande e se coloca de modo mais evidente.

Essas relações, já há algum tempo mostravam que seguir esse mapa ou não, baliza as relações pois as condutas são passíveis de provocar problemas, pois evocam o caso da

escravidão, que talvez seja a “ferida aberta” que ficou dos relacionamentos entre negros e brancos. A centralidade histórica, por ter sido fortificação portuguesa e central da província da cidade de Rio Pardo (nunca foi uma capital), mas está num ponto de chegada a província junto ao Rio Jacuí, fez com que a escravização estivesse em um ponto estratégico, e isso explica não só a sua intensa presença de um número maior de escravizados em relação a outras cidades, mas também pelo comércio de escravos que ocorria para outros lugares quando ainda o RS era uma província de um sistema colonial.

1.1 A Rio Pardo histórica e a Rio Pardo de hoje.

O município de Rio Pardo foi um entreposto comercial para onde vinham indivíduos de todo o estado fazer negócios com a capital provincial. O passado é um desses problemas que as pessoas de Rio Pardo também precisam conviver na atualidade. Veremos adiante como os historiadores referem a esse passado colonial.

Não é de se surpreender que a população negra vive sendo estigmatizada, pela marca da escravização, e talvez isso demore anos para sair ou talvez nem saia do horizonte de suas relações sociais. Muitas famílias do município hoje são abastadas justamente pelo usufruto da escravidão. Hoje para muitas famílias brancas é difícil admitir, mas hoje são ricas justamente pela escravidão. Este trabalho não busca configurar acusações retroativas, mas converge à perspectiva de estudos feitos em documentos de antes da abolição demonstram as vantagens financeiras e os benefícios das famílias brancas possuidoras de escravos.

Quero deixar claro que não é essa a intenção do meu trabalho. Estou citando porque o fato de ter havido escravos na cidade e ainda hoje existirem indivíduos negros, aponto que são eles que são imediatamente desprestigiados pela associação com a escravização, os quais sofrem na pele as questões do racismo, de serem desvalorizados socialmente, uma das motivações centrais de meu trabalho. Poderíamos indagar, o contrário, hipoteticamente, por que os escravizadores não sofreram ou sofrem estigmas atualmente por terem aprisionado pessoas e usufruído dos corpos de outros?

“Taurino de Resende e Mauricio de Carvalho possuíam provas acerca da filiação e posse legítima de Rosa e Cláudio. O primeiro apresentou “escritura pública, matrículas, certidão de um inventário e testemunhas maiores de toda a exceção”, enquanto

Carvalho provou apenas com a escritura pública – pelo jeito. Taurino queria provar que todas as formas a legalidade de sua posse. Rosa era filha de Rita, pertencente à herança de Florinda Maria do Nascimento, e Claudio, filho da escrava Tomásia. O Mercantil seguiu sua defesa argumentando que a “falta de declaração na matrícula foi simples descuido” e diante de provas tão completas, podia um juiz decente deixar de dar sentenças favoráveis aos autores? De certo que não” (Perussato, 2010 p. 235)

Como apresentado na dissertação de Melina Perussato (2010), expondo uma disputa em torno da posse de escravos, percebe-se que os escravos são tratados como mercadoria, e eram disputados como propriedade, traziam lucratividade e acúmulo de capital. Convém lembrar que com a posse do escravo havia também o lucro pela sua produção, que poderia ser nas fazendas, na lida do campo, na lida com animais, nas casas dos senhores, na cozinha, no cuidado das crianças, na organização da casa. Havia também o lucro na venda dos negros e o lucro no aluguel dos negros para fazerem serviços de abertura de estradas, pavimentação de ruas e na construção da igreja matriz em Rio Pardo.

“No tocante ao mundo do trabalho masculino adulto (entre 15 e 44 anos), conforme o Censo de 1872, mais da metade dos homens eram lavradores. Não obstante, as listas nominativas permitem ir além: informam sobre a expressiva presença de campeiros. Ainda figuravam inúmeros roceiros e poucos vaqueiros. As ocupações domésticas não-especializadas eram menos expressivas, aproximando-se ao percentual do Censo. Merece destaque a diversidade de atividades especializadas que poderiam se realizar em diferentes espaços, inclusive no doméstico: carpinteiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates, pedreiros, serventes, carroceiros, ervateiros, costureiros, oleiros e cozinheiros. Em suma, todas as fontes confirmam a predominância dos escravos adultos em atividades ligadas ao espaço agropecuário” (Perussato, 2010 p. 860)

Esse é um assunto delicado e problemático, mas é inegável que a cidade de Rio Pardo foi local de trabalho escravo como fica explícito nos trechos do trabalho de Melina

Perussato. Nos dias de hoje com certeza há indivíduos que não se reconhecem como racistas ou acreditam que não tiveram acesso a escravizados. Muitos repudiam atitudes racistas, muitos se empenham para que tenhamos um ambiente mais fraterno e igualitário.

Todavia, minha intenção não é uma averiguação sobre a relação de sujeitos com o racismo, mas situar a escravização como uma gênese que permite compreender as causas dos acontecimentos, e seguir pela antropologia, pois ao meu ver, a antropologia vai estar sempre atenta às relações sociais atualizadas e às transformações que essas relações provocam. Também cabe ressaltar que a minha intenção era buscar um outro ponto de vista, o do enfrentamento ao racismo e do protagonismo do negro na melhoria de sua vida, dos familiares, amigos e vizinhos.

Durante meu trabalho de campo esses temas eram, e ainda são, um tabu na cidade. Isso se mostra nas disputas por pedaços de terras no interior no município mesmo quando elas foram herdadas e recebidas pelos escravizados. Eu colhi relatos de brigas sangrentas por terras no período pós escravidão, havendo casos de brigas e o resultado foi a dificuldade de um dos membros da comunidade quilombola ter acesso a estrada, tendo que passar por dentro do terreno daquela família que eles haviam brigado. Esses acontecimentos muitas vezes envolvem a família de membros do poder público, do meio político, famílias tradicionais e famílias influentes da sociedade. Famílias que, muitas vezes, constroem uma rede de proteção e ajuda mútua que só favorece os “bem estabelecidos” financeiramente em detrimento dos negros, vistos como irregulares e invasores.

Somando a participação de pessoas e famílias influentes com relações do passado que não foram bem digeridas, juntamente com desavenças da atualidade existe uma grande possibilidade das desavenças se transformarem numa guerra. Foi exatamente esse cenário que eu encontrei na iminência de haver um conflito de grandes proporções. A palavra guerra, tal como verbalizada quando há conflito, e a iminência de haver um conflito, ao meu ver, foram o ponto de partida para os meus estudos.

Eu precisava ter o entendimento de como relações tidas e vistas como relações de cordialidade e até mesmo, como diria Gilberto Freire, de “democracia racial”, se apresentavam, nesse cenário, como uma “guerra” iminente².

A tensão se expressava exatamente na disputa de lugares de sociabilidade. Uma das primeiras situações concretas, estão configuradas como um clube negro, um local de sociabilidade negra em sua plenitude: os sócios são pessoas negras, os dirigentes são pessoas negras e as atividades ali constituídas são reconhecidas como próprias da cultura negra²

Esse clube negro se chama Escola de Samba Embaixadores do Ritmo, uma instituição que, surgiu das desavenças entre negros e brancos, e pode ser considerada como um local que traz para seus indivíduos, identificação, sentimento de resistência, sentimento de pertença e reforço da identidade negra, transformando os em protagonistas da sua luta.

Entretanto, mesmo entre seus sócios, há indivíduos que até mesmo evitam falar sobre racismo. Temendo represálias, evitam se indispor com um empregador, um amigo ou vizinho, geralmente pessoas muito próximas e para os quais as relações interétnicas se expandem. Há também indivíduos, muitos deles negros, que não citam a escola de samba como a escola dos negros, preferem dizer que é a “escola do povo”. Percebia que alguns evitam rotular a escola de samba como sendo a dos negros. Por esses e pelos mais diversos motivos tive que ter cuidado ao abordar esses assuntos, e compreendi as sutilezas que o tema do racismo suscita atualmente, mesmo sendo um pesquisador homem negro. Além do mais, procurei sempre evidenciar que a minha conduta se baseava numa perspectiva científica, deixando claro que não buscava julgar ninguém por suas escolhas, mas que gostaria de ouvi-los para entender suas perspectivas diversas.

A perspectiva teórica dos estudos, é entender sobre racismo, racismo institucional, e racismo estrutural, para isso, me apoiei em autores que construíram ao longo dos anos estudos que possibilitam que pesquisadores sigam investigando e trazendo contribuições para a construção de um referencial teórico capaz de responder as perguntas a quem se interessar pela questão do negro, do racismo, da distinção, injúrias e relacionamentos

² O termo guerra iminente, se refere aos casos de relacionamento conflituoso, esse conflito na maioria das vezes não é explícito, fica no campo das ideias.

³ Há uma constante atualização na antropologia sobre as histórias recentes e pretéritas de lugares de sociabilidade e clubes negros em cidades do RS. Ver Paixão & Lobato (2018), Peres de Lima (2015) e Bittencourt (1995), entre outros trabalhos etnográficos.

interétnicos. Cito o exemplo de autores como Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Silvio Almeida, que trataremos nos próximos capítulos dessa dissertação.

Inicialmente, os estudos vêm no sentido de observar a identificação do indivíduo com a sua etnia. Num primeiro momento busquei entender a forma como os negros se identificam, e que características eles julgam fundamentais para, admitindo a sua etnia, se afirmarem e se posicionarem perante a sociedade na qual eles estão inseridos. Se, em um primeiro momento, minha escuta situava o racismo como uma inscrição nas relações interpessoais tomando como foco a contribuição de Oracy Nogueira (1998), sobre racismo de marca e de origem, pouco a pouco fui me aproximando da ideia-chave de racismo estrutural para dar conta de uma leitura sobre a distribuição de oportunidades e de espaços públicos que regem a distribuição de sociabilidades na cidade.

Assim, posteriormente, observei sob a perspectiva do racismo estrutural, e constatei que as situações vividas pelos cidadãos negros da cidade em contato com os brancos são reflexos desse racismo estrutural. Tomo o racismo estrutural nos termos de Silvio de Almeida (2020):

“O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político, caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. (Almeida, 2020 p. 40)

Desse modo, negros e brancos tem espaços e oportunidades repartidos e são constituídos para terem determinados comportamentos e acessos a bens e oportunidades. De outra parte, o conceito da branquitude é relevante pois aborda a ideia de que pelo fato de ter a cor de pele branca as pessoas obtêm acesso a vantagens. Significa dizer que nesses indivíduos, a raça e a cor não são observadas como um desvalor. Esses comportamentos, beneficiam os brancos em detrimento aos negros.

“O campo de Estudos Críticos da Branquitude teve seu início no século XX nos Estados Unidos, mas a problemática da ideologia da brancura já vinha sendo trabalhada nacionalmente através de distintas perspectivas de entendimento por Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Alberto Guerreiro Ramos desde o século passado no Brasil (CONCEIÇÃO, 2020). Em termos gerais, a operacionalização do conceito

de “branquitude” se dá para retirar as pessoas brancas de um lugar de não-racialização, no qual apenas o Outro (no Brasil, um “Outro” negro ou indígena) possui raça, mantendo o branco em uma posição de neutralidade e universalidade, enquanto ao negro e ao indígena cabe a posição de particular”. (Landgraf, 2022 p. 26)

Me concentrei, inicialmente, em identificar em que momento esses comportamentos se chocam e geram conflitos, em que pese uma compreensão aparentemente consolidada de lugares e destinos sociais.

Um exemplo disso é como a cidade é apresentada em guias de turismo e que dialogam diretamente com fontes historiográficas. Alguns prédios ou monumentos históricos remetem a algum herói nacional e esse herói pode ser originário da cidade, como é o caso do Almirante Alexandrino que Santos (2001) cita e observa que ele é visto como herói na cidade e o Almirante Negro que também é de Rio Pardo, não é citado nos livros de história da cidade. Temos outros casos de características arquitetônicas na cidade de Rio Pardo que reforçam a questão da escravidão e traz aos negros moradores da cidade um estigma que está intimamente ligado a essa característica arquitetônica. Em primeiro lugar quero citar a Rua da Ladeira. Conforme diz a placa a rua foi pavimentada em 1813 e ligava o entreposto comercial, ou seja, o “centro” da cidade, com suas ramificações no interior.

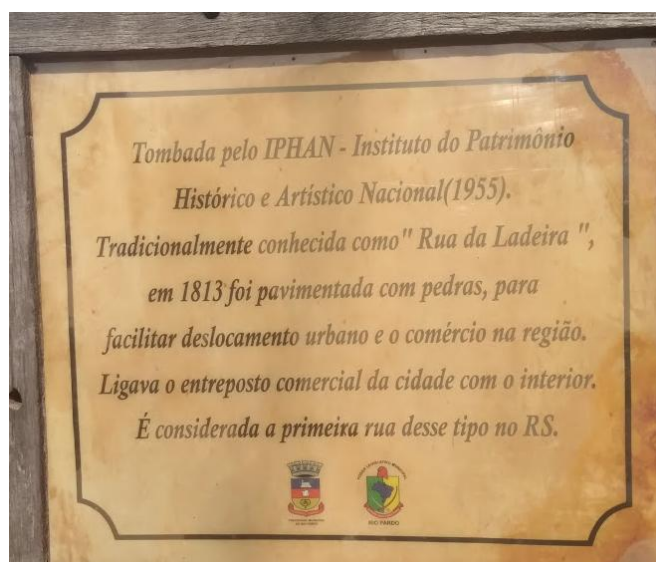


Foto 1 – Placa do tombamento histórico da rua Ladeira³

³ As fotos dessa dissertação são de autoria e inteira responsabilidade do autor.

Essa rua, todos os moradores sabem que foi pavimentada pelos negros escravos. A rua atualmente é um ponto turístico da cidade. Quando chega um grupo de turistas, geralmente pessoas de fora da cidade, alguma família ou grupo de pessoas para visitar a cidade, eles invariavelmente visitam a Rua da Ladeira, por ser um ponto turístico. Sempre há o relato de que foi feita pelos escravos.



Foto 2 – Rua da Ladeira -

O fato de ter sido feita pelos escravos, ao meu ver, só reforça o estigma que os negros da cidade sofrem. Ao meu ver, a descrição da rua da Ladeira poderia muito bem ser dita que foi uma contribuição dos negros que moravam na cidade, assim como a sua contribuição em vários outros segmentos em que a mão de obra e a cultura negra se fizeram presentes.

“Ainda havia aquelas que facultavam a possibilidade do ressarcimento por meio de jornais/alugueis mensais ou anuais, sugerindo o maior grau de autonomia – equivaliam a 66,4% dos alforriados sob condição de serviços em 1884. Após condicionar aos serviços para si e sua família vinha a seguinte cláusula. [...]Poderá o mesmo escravo remir os serviços a que fica obrigado durante o referido prazo de 7 anos e isentar-se da prestação deles. Mediante o aluguel mensal de 20\$000 reis, que deverá ser pago a mim ou aqueles que me substituírem no direito sobre os serviços do dito escravo devendo realizar-se o pagamento no princípio de cada ano pagando sê-me então a quantia de 240\$000 reis[...] Nesse caso apresentado, ao fim dos sete anos o libertando pagará 1:680\$000 réis ao

seu senhor – valor máximo a ser ressarcido. Pelo menos outros 40 casos eram idênticos. Dentre os quais 60% eram mulheres entre 15 e 40 anos, já os homens possuíam entre 14 e 32 anos. Isso nos faz conjecturar que a indenização da liberdade por meio dos serviços ou jornais ao longo de no máximo sete anos acarretaria uma supervalorização de seu preço e que o valor a ser ressarcido pelas mulheres era superior ao dos homens. Por não ser nosso objetivo discutir o preço dos escravos apenas gostaríamos de pontuar que essa constatação contrapõe-se a ideia de que as mulheres eram menos valorizadas. (Gorender, 1985). Entretanto, não podemos tomar esses casos como regra, torna-se necessário melhor compreender o que motivou tal valorização. Retornamos a essa questão no próximo capítulo evidenciando as implicações dessas alforrias”. (Perussato, 2010 p. 173, 174)

Perussato cita o aluguel dos indivíduos negros, com a intenção de conseguir a liberdade ou alforria. Com esse relato, conseguimos entender como teria sido feita a rua da ladeira. Os proprietários faziam um acordo com “seus escravos” para libertá-los após sete anos. Nesse período o escravo deveria prestar serviços, inclusive ser alugado para obras no município. A rua da ladeira, um logradouro público, teria sido construída dessa forma, porque a prefeitura não possuía escravos, então alugava mão de obra escrava para os serviços em locais públicos. A rua da Ladeira, é mostrada aos turistas que visitam a cidade de Rio Pardo como a rua que foi construída pelos escravos, reforçando o estigma dos negros da cidade de Rio Pardo.

Outra característica arquitetônica observada é na residência datada de meados do século XIX. Percebe-se que além da porta e das janelas da residência, na parte de baixo, existem pequenas janelas. Essas janelas à época da escravidão eram as janelas da senzala. Na casa em questão, que atualmente foi comprada e está sendo reformada, aparecem essas pequenas janelas com grades e muito bem pintadas, aparecendo como uma característica arquitetônica, mas ali naqueles porões na época da escravidão os negros que trabalhavam na casa, para aquela família, ficavam confinados.



Foto 3 – Casa do século XIX

Trago esses relatos para mostrar o quanto fica difícil modificar o pensamento das pessoas. O racismo estrutural está presente justamente nessas situações, é difícil mudar a forma de pensar de uma cidade inteira, incluído centro, periferia, zona rural e outros locais. Mas é possível que todos se conscientizem e lutem em torno de uma causa que vai beneficiar não só os negros, mas toda a cidade. Então percebe-se que o racismo estrutural também está inserido na forma como se mostram e como se ocultam as características arquitetônicas de uma cidade.

Como antropólogo, me concentrei também em observar os comportamentos, os locais de sociabilidade e como eram os comportamentos nos diferentes locais de sociabilidade. Não se tratava apenas de mapear a cidade, mas de evidenciar como os “pedaços” eram intensamente habitados e vividos e explicitavam o resultado de relações potencialmente conflituosas se não estivessem visíveis e demarcadas no espaço urbano. As relações sociais na cidade de Rio Pardo, assim como na maioria das cidades do Brasil, parecem ser de uma cordialidade muito grande, mas são relações contidas em espaços delineados.

Nas cidades do interior, a *peçoalidade* antecipa os modos de tratamento. As pessoas se relacionam da melhor forma possível já sabendo de antemão que um sujeito é parte de uma parentela com a qual em algum nível o sujeito tem ou terá alguma relação de trabalho ou lazer. Até mesmo as pessoas que por algum motivo poderiam ter alguma diferença ou estar envolvidas em algum conflito não demonstravam, ou pareciam não demonstrar ou perceber a situação de racismo no qual estavam inseridos. Busquei observar tais comportamentos da melhor forma possível para obter o máximo de informações sem macular as relações de “cordialidade”. Os objetivos dos estudos eram única e

exclusivamente de evidenciar os casos em que existem distinção na conduta dos indivíduos, sejam eles negros ou brancos.

Procurei manter a transparência sobre minhas intenções como pesquisador em todos os momentos da pesquisa. Me posicionei sempre como alguém que observa de fora, mas que estava inserido, às vezes como pesquisador, às vezes como visitante surpreendido pelos fatos que me contavam, em uma sociedade com supostos casos de racismo. Lembrando sempre que os casos eram quase sempre, por causa da cor da pele. Intencionei, a partir do momento em que eu tive uma boa relação com meus interlocutores, manter essa transparência nas minhas ações, atitudes e comportamento. Tal atitude me proporcionou aprofundar os estudos tanto com os interlocutores que eram pessoas negras, quanto para o restante da população da cidade que nem sempre eram negras, mas sempre tiveram para comigo um grande respeito e se mostraram dispostos a ajudar.

Fui a Rio Pardo, me inseri no dia a dia das pessoas, transitei pelos espaços de sociabilidade, fiz um mapeamento dos locais aonde existiam diferenciação nos frequentadores. Locais aonde haviam um maior número de indivíduos brancos, ou locais aonde havia um maior número de indivíduos negros. Observando o dia a dia, entrei na rotina das pessoas, fiz amizade, interagi, dialoguei, observei e compartilhei momentos com pessoas das mais variadas origens na cidade. Com essas informações construí a narrativa do que acontecia no município e, principalmente, de como se construía as relações e quais eram os resultados dos envolvimento profissionais, pessoais, culturais, religiosos etc.

A imersão no cotidiano da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo foi resultado de algumas inserções à campo como pesquisador e músico. Com essas inserções conheci um pouco do cotidiano das pessoas negras da cidade de Rio Pardo.

Partia de uma investigação anterior (Santos: 2001) e tomava como objetivo a necessidade de entender um pouco mais sobre as circunstâncias em que ocorreu a divisão da “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”. Com isso, estendi meu olhar do Rincão para a cidade e adquiri um novo ponto de partida tanto no sentido de observar essa situação, como também observar os desdobramentos dessa situação nas relações da cidade que, ao meu ver, acontece, mesmo que simbolicamente, até hoje. Esse local, ao ser reconhecido como comunidade quilombola, e reacendeu o conflito, expondo algo que parecia ter sido superado. Na verdade, a situação das igrejas era uma espécie de “ponta do iceberg”, e

estava disfarçada de relações cordiais e harmoniosas, quando houve a primeira discordância, o conflito veio à tona. O conflito que era algo do passado, voltara à tona.

É necessário considerar que as duas igrejas não estão situadas em paralelo como uma solução de conflito, elas expressam o próprio conflito. São o resultado de desavenças entre os as famílias de ricos fazendeiros do entorno que não aceitaram que os negros se tornassem herdeiros das terras deixada em herança pela sua senhora na época da abolição. Como forma de resistência e tendo a pequena igreja como referência os negros se negaram a destruir a sua igreja e construir uma maior. Os fazendeiros então fizeram a outra igreja a mais ou menos 30 metros, maior, aonde realizam os eventos religiosos, e os negros realizam seus eventos na pequena igreja.

Com isso percebi que as relações inter-raciais ainda mantinham a mesma fragilidade do passado. Esses acontecimentos, ao meu ver, foram emblemáticos. A “Igreja dos negros e Igreja dos brancos” marcou negativamente o município e isso tem reflexos até os dias de hoje. Para a parcela negra envolvida no caso das terras do Rincão, o reconhecimento como Comunidade Quilombola foi positivo, pois ao ser reconhecida provocou nos seus moradores uma mudança comportamental. Para serem reconhecidos eles precisam se identificar como quilombola, ao se identificar, eles se tornam quilombolas em um novo patamar nas relações locais, com sua história e direitos territoriais reconhecidos. Essa identificação e esse comportamento, quando bem assimilado só traz benefícios para os negros do Rincão e para os negros do resto da cidade, pois o fato de ter um território negro no município traz a ideia de que os negros estão sendo reconhecidos pelos brancos.

Nesse sentido, podemos entender esse comportamento na forma como é descrito por Max Weber (2000) quando nos traz a ideia de que os negros se identificam com a sua etnia não só enquanto um grupo por estar junto com indivíduos com as mesmas características, físicas, comportamentais, culturais, mas por uma vivência em comum, enfim, com a mesma maneira de viver, no seu local de origem, pertencentes a um território em face a “outros”. A perspectiva de Barth (2000, 2003) nos permite considerar a partir de sua teoria sobre as fronteiras, que o indivíduo se identifica com sua etnia enquanto está em contato com os outros, nas fronteiras. Essas fronteiras são porosas e permitem aos indivíduos transitarem em um lugar de heterogeneidade de modos de viver,

e são exatamente nessa heterogeneidade das fronteiras que é propiciada as formas de reiterar a auto identificação, a partir do contato “com o outro”.

Ao observar esse comportamento na cidade fiquei instigado a pensar como os indivíduos que não são da comunidade quilombola se identificam, pois estão inseridos em uma sociedade em que existem fronteiras “flutuantes”, que fazem com que os indivíduos da comunidade quilombola se identifiquem com sua etnia entre os seus equivalentes, e também como os negros que não são da comunidade se relacionam e com quem vive na cidade. Fica então a indagação sobre como “enfrentam” as situações resultantes dessas fronteiras interétnicas, e como isso repercute em suas relações atuais?

Com essa indagação e dúvida, surgiu a hipótese de que haveria a possibilidade de haver um local, ou mais de um, na cidade, aonde as pessoas pudessem se identificar e reforçar a sua noção de pertencimento, de modo positivado, como uma etnia. Após um breve período de observação, transitando pela maioria dos espaços de sociabilidade, observando com objetividade cada local, observando a localização espacial, observando a origem das pessoas, assim como a etnia. Identifiquei um local que, ao meu ver, poderia responder a esse questionamento. Percebi que dentro do universo do Carnaval, e mais precisamente na Escola de Samba Embaixadores do Ritmo as pessoas se colocavam como um dos espaços de expressão e identificação com a sua etnia e reforçavam a sua negritude.

Fiz um recorte que, ao meu ver, mostraria um pouco do comportamento dos indivíduos no que diz respeito às relações étnico raciais. O percurso de trabalho de campo, após um bom período como observador participante, me levou a um levantamento de dados que mostram uma intensa sociabilidade. Como não poderia observar o comportamento em toda a cidade, comecei a fazer recortes e cheguei à escola de samba. A Escola de Samba, ao meu ver, tem uma inclinação para o lado cultural do comportamento e das relações intra grupo, porém, segundo o que pude observar, a filiação à escola de samba, a vivência dentro da “família” Embaixadores do Samba é uma coisa que pode ser considerada como forma de agência dos sujeitos e de sociabilidade que remete ao comportamento dos indivíduos negros nas suas relações do dia a dia que repercute e transborda para outros locais em outras atividades.

Partindo dessa perspectiva, entendi que um dos objetivos deste estudo seria o de comprovar ou refutar essa ideia, ou seja, testar a produtividade desta hipótese. Estruturando a minha pesquisa com abordagens qualitativas, entrevistas dirigidas,

pesquisa documental e observação participante busquei traçar um perfil dos cidadãos negros da cidade de Rio Pardo que circulam, trabalham, convivem diariamente num misto de sociabilidade, diversidade, ideias diversas de multiculturalidade, de compartilhamento de espaços, além das vivências em família. Nesses espaços, segundo as minhas observações, os indivíduos negros da cidade criariam estratégias de produção de si para além da sobrevivência.

Obviamente a cidade de Rio Pardo não vive uma guerra, muito pelo contrário. Existiria até um entendimento de que seria ideal cumprir um certo horizonte de cordialidade e um entendimento de que, desse modo, isso proporcionaria que todos vivessem em harmonia, remetendo, ao que já fora mencionado como um ideal de democracia racial. Posteriormente, o meu olhar se voltou para os membros da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. Busquei estruturar meus estudos de forma que pudesse ir aumentando a compreensão do comportamento dos membros da escola de samba no que diz respeito a sua identificação como negro e como a filiação à escola proporciona um engajamento à causa negra. Tal engajamento me foi levando aos indivíduos e a entender que ali encontraria pessoas com aspirações e desejos em comum e, de uma certa forma compartilhavam sofrimento, pois as atitudes racistas ao qual todos os negros são submetidos traz muito sofrimento.

Tentei entender a importância da escola na vida deles, que elementos constituem a sua agência frente a dificuldades do racismo em suas vidas, e o que faz com que eles se sintam melhores e encorajados para traçarem estratégias de sociabilidade.

1.2 O trabalho de campo:

Dentro das minhas possibilidades, pude realizar esta pesquisa, ao formatar um roteiro de entrevistas para extrair dos meus interlocutores elementos que iriam compor as informações mais importantes para a estruturação dos meus resultados. Buscando as causas dos acontecimentos, e esses acontecimentos posso traduzir em casos e situações que eu vi, vivi e me foram contadas pelos interlocutores. Com situações no período da escravidão, situações no período pós-escravidão. Brigas e disputas por lotes de terras, pessoas sendo impedidas de acessar o riacho para dar água aos animais. Recentemente indivíduos sendo impedidos de frequentar bailes por ser o baile de brancos, indivíduos que não entram em determinado clube por que ali é o clube dos brancos. Pessoas que trabalham como funcionários de empresas ou casas de família que recebem tratamento

quase que de forma análoga à escravidão, enfim, diversas situações em que os indivíduos negros ficam em desvantagem.

Convém lembrar que por mais estruturado que seja o pesquisador não consegue controlar inteiramente, o que ocorre em campo, faço menção ao que Malinowski (1984) chama de “*imponderáveis da vida real*”. As vidas dos indivíduos são dinâmicas, os indivíduos, assim como estão em algum lugar ou alguma situação, daqui a pouco não estão mais. Diferente de uma pesquisa dentro de um laboratório, em uma pesquisa antropológica, com pessoas, não é possível ter um grau de previsibilidade do andamento da pesquisa. Sabemos que os indivíduos são criaturas que se relacionam, se casam, se mudam, brigam entre si depois fazem as pazes, observam a vida dos outros, falam da vida dos outros, enfim, toda uma dinâmica que insere o pesquisador em uma teia de relações que detém uma complexidade. A complexidade da vida em comum, torna a pesquisa complexa. Por isso a observação participante foi uma estratégia fundamental na coleta de informações, porque ao longo do tempo consegui, além de ir me inserindo no dia a dia da cidade, entender a dinâmica dos acontecimentos e as práticas dos sujeitos envolvidos.

Com uma certa familiaridade acerca do funcionamento das instituições na cidade, percebi que alguns eventos poderiam ser previamente agendados. Alguns eventos me forçaram a modificar as minhas estratégias ao longo do percurso. A cidade de Rio Pardo fica a cento e cinquenta quilômetros de Porto Alegre, e exigia uma logística mais objetiva. Essa percepção foi fundamental para entender a dinâmica do funcionamento do município e o que é mais importante, como se movem, se comunicam e como se dá a sociabilidade entre as pessoas. Alguns eventos ou outras agendas constavam no calendário de eventos do município. Algumas entrevistas eu já havia agendado previamente antes de chegar ao meu destino.

A escola de Samba Embaixadores do Ritmo é uma instituição consolidada, pois foi fundada em mil novecentos e sessenta e oito e faz parte da vida de muitas famílias. A escola tem uma agenda de eventos durante o ano todo, tem uma boa relação com as outras escolas de Rio Pardo e também com outras agremiações carnavalescas do estado do Rio Grande do Sul. Geralmente traz para seus eventos grandes nomes da música nacional. Por esses motivos incluir a escola de Samba nos estudos se fazia necessário como parte do processo total, não se trata somente de um lugar, mas uma vasta agenda que envolve

um considerável número de pessoas, na sua maioria negros e movimentada a cidade ao longo do ano.

Durante a pesquisa, buscando pessoas para serem entrevistadas e dando voz a essas pessoas eu adentrava um contexto que havia sido construído com conversa, observação participante, caminhadas de reconhecimento, enfim, eu fazia uma imersão nos modos de vida da comunidade. Tentava entender como meus interlocutores haviam construído suas percepções da cidade e de suas relações. Essas situações e acontecimentos narrados pelos interlocutores, as vezes, reforçavam alguma ideia pré-concebida sobre determinado assunto. Algumas vezes eu partia de uma percepção ou ideias equivocada, baseada de preconceito e valores que nesse contexto não faziam sentido, ou não poderiam ser aplicados. Isso tornou o processo complexo e extenso, me obrigando a ir a fundo nas conversas, nas entrevistas a fim de trazer a informação mais precisa possível do que estava querendo ser dito por aquele interlocutor. Isso trouxe muitas informações e esclarecimentos à pesquisa.

Com uma boa construção narrativa os entrevistados trouxeram relatos dos acontecimentos ocorridos desde o período pós abolição até os últimos desfiles de carnaval. Com essas informações procurei agrupar elementos referentes às relações sócio raciais, suas consequências e as transformações que trouxeram para a sociedade.

Entendi que, do ponto de vista das pessoas negras, as estratégias vão desde a aceitação da sua própria etnia, passando pela identificação com a sua negritude, a partir dessa identificação o seu posicionamento na sociedade através de estratégias de permanência e de sobrevivência. Essas estratégias foram observadas no dia a dia dos indivíduos negros da cidade.

Na cidade, observei que haviam indivíduos das mais variadas origens, crenças, credos, ocupações, etnias, aspirações e gêneros. Não foi possível separar as ações dos indivíduos negros dos outros indivíduos, pois deu para perceber, nas observações, que no dia a dia, os indivíduos vivem de forma compartilhada. O que observei é que nas relações sociais há distinção nas práticas das pessoas, essas práticas são diferentes de acordo com a etnia e de acordo com as práticas se estabelece conexão, ou não, entre essas pessoas.

Observando sob a perspectiva do racismo estrutural, pode se dizer que todas essas práticas são construídas para gerar uma relação de poder. Foi preciso, inicialmente,

identificar as práticas e quais as estratégias para sobrevivência no dia a dia. Alguns episódios são bem marcantes na cidade de Rio Pardo. Eu poderia pontuar aqui uma série de episódios e de casos, desde a abolição, que poderiam ser observados e estudados. Cito como ponto inicial para os meus estudos a “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”, que ao meu ver é um marco nas relações étnico raciais, pois remete a uma situação de apartheid social. Foi possível perceber, que ali existia divisão não como um apartheid social, mas como uma estratégia de não ceder à pressão dos ricos fazendeiros do entorno, porque os indivíduos negros estavam naquele que eles acreditavam ser o seu território. Na área urbana da cidade, os indivíduos negros estabelecem outras estratégias de sobrevivência. Foi observando os espaços de sociabilidade e quem frequenta esses espaços que comecei a “dar forma” aos meus estudos.

Os encontros são situações corriqueiras do dia a dia. Como já foi dito, a vida das pessoas em Rio Pardo, assim como em qualquer outro agrupamento humano, é feita de encontros. As pessoas da cidade de Rio Pardo se encontram nas mais diversas atividades. As crianças se encontram nas escolas, os amigos se encontram nos bares, nos clubes, nas jogatinas e pescarias. As mulheres se encontram nas lojas, nos parques, nos clubes, cabeleireiros, salões de belezas, e desfiles de moda etc. Todos se encontram no supermercado, no trânsito, na praia, na igreja, nos templos, enfim, vivem de encontros, para os encontros não existe regra, não existe, por exemplo, uma norma dizendo que negros podem, ou não, participar de determinadas atividades ou frequentar determinados ambientes. Mas existem regras de conduta sociais que, em alguns casos, transformam os encontros em “desencontros”, pois mesmo estando juntos, convivendo em harmonia, há situações desagradáveis que tiram o negro do protagonismo nas relações e os remete à indivíduos de menor importância dentro da hierarquia social. Busquei entender quais seriam esses códigos de conduta e quais as estratégias dos negros para burlar ou se adaptar a esse código de conduta, ou, ao menos, amenizar as desavenças e sofrimentos. Nas relações sociais entre negros e brancos, as pessoas desempenham papéis que se referem a conduta dentro das mais diversas situações e acontecimentos na cidade. Segundo observações, percebi que os negros quase sempre ficam em situação de desvantagem e os brancos, geralmente tentam impor sua pretensa superioridade nos relacionamentos.

Franz Fanon (2008) cita que os negros, em algumas situações, se utilizam de máscaras brancas para serem aceitos e adentrarem a sociedade do homem branco. Observei em Rio Pardo essa prática que consiste em ter algum subterfúgio que torna os indivíduos negros

aptos a serem aceitos em todos os ambientes. Esse subterfugio é o que muitos indivíduos negros me relataram que são os chamados “negros branqueiros”. Para esses indivíduos, nem sempre usar uma “máscara branca” é sinônimo de derrota ou tentar assumir uma outra postura que não seja a de um cidadão negro. As vezes usar uma “máscara branca” é sinônimo de agência e busca de oportunidades pela relação direta com pessoas brancas.

O deslocamento da condição de coadjuvante para a condição de agente na condução da sua vida, de acordo com as minhas observações, é uma atitude inconsciente, ou seja, quem se utiliza da “máscara branca” parece não ter a menor ideia do que esteja fazendo. Paradoxalmente, aciona uma imagem de si já aceita socialmente e enquadrada na subalternidade, como apontara Fanon (2008). Muitas vezes essa mudança almejada através da relação interracial vem acompanhada de mudanças significativas não só para o elemento como para sua família ou grupo de pessoas. Segundo uma parcela das pessoas negras da cidade, realmente algo deve ser feito para mudar o *status quo*, conforme diz a Constituição brasileira, somos todos iguais e, teoricamente, ninguém deveria se utilizar de subterfúgios para obter aceitação social.

Ao observar esses papéis sendo apontados percebi que os relacionamentos interraciais não deixavam de acontecer. Muitos eram conflituosos, sempre havendo uma relação de poder, e o negro quase sempre em desvantagem. Algumas vezes esses relacionamentos beiravam a escravidão, e esses casos acontecem nos dias atuais, quando não existem mais pessoas escravizadas. São relacionamentos aonde os indivíduos são explorados de outras formas. Em alguns casos, sabem que são explorados, e em alguns, não.

De posse dessas informações restou a mim procurar identificar esses relacionamentos, identificar a origem desses relacionamentos e o que é mais importante, quais as consequências desses relacionamentos interraciais aos indivíduos e principalmente aos indivíduos negros, que são os que mais sofrem atingidos pela subalternização da relação imposta.

Os grupos que compõem essa sociedade são inúmeros. Esses grupos convivem e compartilham espaços urbanos e rurais de forma integrada e cooperativa. A vida acontece, dentro dos grupos, e entre os grupos. De forma sutil, silenciosa e simbólica existem conflitos, desavenças e discórdias que geralmente ficam no terreno da cordialidade, da brincadeira e das desculpas como “não foi isso que eu quis dizer” ou “não foi por mal”. Fica difícil identificar os casos que acontecem em grupos coesos que se auxiliam

mutuamente e compartilham espaços. Dentro desses grupos podem estar acontecendo casos sublimes de discriminação e racismo e convém lembrar que essa é uma lógica que vale para toda a sociedade brasileira. Como refere Kabenguele Munanga (2019), tudo se passa como se as relações de exploração não fossem repercussões do racismo e da desqualificação de um dos polos da relação interracial, o que Munanga ressalta como uma ideia do racismo à brasileira, como um “crime perfeito”, um racismo que omite os racistas⁴.

Procurei obedecer a uma lógica na observação dos casos, estabelecendo uma hierarquia entre casos individuais, posteriormente grupos e finalmente avançando para pensar uma estrutura da sociedade quanto a distribuição espacial, e de oportunidades. Me detive nos relacionamentos entre negros e brancos, ou seja, entre etnias diferentes que convivem, compartilham espaços e fazem parte de uma rede de relacionamentos pessoais. Observando essa rede de relacionamentos cheguei às organizações e instituições. Observando as organizações e instituições, percebi que elas também são passíveis de casos de racismo. Até mesmo nas organizações políticas, jurídicas, judiciais, culturais ou sociais existem casos de racismo. Isso provoca o que Almeida (2019) chama de racismo estrutural, que é quando as estruturas estão impregnadas de casos de racismo e muitas vezes não conseguem modificar essa estrutura que faz parte do dia a dia dos cidadãos, nem fornecer um serviço que atenuar os casos de racismo.

As transformações acontecem nos relacionamentos, de indivíduo para indivíduos. Se avoluma até atingir diferentes grupos. Nas minhas análises percebi que os negros perdem espaço, sofrem discriminação, deixam de ocupar cargos etc. Isso, ao meu ver, impacta no estilo de vida que os indivíduos adotam para viver na cidade. Aquilo que era para ser o ideal de convivência e compartilhamento de espaços se torna uma disputa que vai refletir diretamente no estilo de vida de todas as pessoas que compõem a população. Pois, segundo observação, alguns estarão sempre empenhados em obter vantagens nessas relações e outros estarão sempre tendo que inventar novas formas de serem aceitos, novas estratégias de sobrevivências.

Com essas situações que transformam a vida das pessoas, vislumbrei a hipótese de que os negros da cidade de Rio Pardo, nos dias de hoje, assim como no passado, quando se abrigavam, frequentavam e participavam de cultos e eventos na “Igreja dos Negros”,

⁴ Ver Kabengele Munanga em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=fuCJeIOIQdg> acesso em 10 de janeiro de 2023.

por verem aquele local como seguro, atualmente também necessitam de um local para se abrigar, frequentar e participar dos eventos. Hoje esse local se expandiu e os indivíduos se relacionam com o resto do município. Como no passado, agora também existem os mesmos casos de discriminação, racismo e intolerância por isso ainda existe a necessidade de locais seguros. Percebi, a partir de minhas observações, que esse lugar, hoje, é simbólico, ou seja, um local de sociabilidade, com a presença de indivíduos negros, que tem os mesmos ideais, buscam os mesmos objetivos e se sentem bem, estando entre seus pares.

Depois de observar, investigar, me inserir no dia a dia dos indivíduos negros da cidade, conversando, ouvindo “causos”, tenho ao meu favor o fato de ter residido na cidade por um período e ter frequentado por mais de uma vez o carnaval. Com essas experiências pessoais e de posse de um pouco de experiência acadêmica, cheguei à conclusão que existe na cidade um local que pode ser considerado um território negro. Evidente que existem outros locais com predominância da presença de indivíduos negros, mas preferi me dedicar à Escola de Samba Embaixadores do Ritmo, por ser um clube negro, com alguns anos de atividade, pois foi fundado em 1968. Esse local, ao meu ver, proporciona aos indivíduos negros absorver a ideia de que ser membro da escola, por ser um local de preservação da cultura negra, ter uma boa aglomeração de indivíduos negros, proporciona a conexão com outras entidades dentro e fora do município, torna-os fortes e confiantes para confrontar as ameaças, simbólicas ou não, que possam vir a acontecer.

1.3 A posicionalidade do pesquisador:

O meu interesse por realizar uma pesquisa antropológica não tinha qualquer outra motivação que não fosse a de dar voz àqueles que assim como eu sofrem, no dia a dia, casos de racismo e discriminação. Com essa conexão, eu também me incluo como objeto de estudos, pois como cidadão negro, residi por um período na cidade e também destaco o fato de que a família do meu pai é de Rio Pardo. Ele viveu até os dezoito anos na cidade é depois foi para Porto Alegre prestar o serviço militar. Sempre recordo as lembranças da minha infância. Tenho recordações das viagens de trem, dos finais de semana, das férias escolares na casa da minha avó, as conversas dos meus tios reunidos em frente ao fogão à lenha enquanto a minha avó preparava quitutes para a janta, as brincadeiras ao redor da estação de trem, enfim, lembranças pessoais que me remetem a momentos de grande alegria. Hoje, adulto, me encontro como pesquisador, fazendo estudos que ao meu ver

contribuirão para ajudar na construção de uma sociedade melhor. Com essa percepção, consigo ver que além das lembranças, havia também os casos de racismo, mas eu não percebia ou não entendia como racismo.

Recordando os acontecimentos do passado consigo entender que eu também estava incluído nas percepções que coletei junto aos meus interlocutores. Pretendo trazer para o meio acadêmico, expor à luz do conhecimento científico, explorando todas as nuances dessa estrutura que beneficia alguns em detrimento de outros. Ao meu ver, a minha situação traz algo que é de grande importância, e não trarei à academia somente impressões daquilo que colhi em campo, trarei a minha vivência enquanto homem negro, trarei as percepções de quem circulou e ainda circula por essa cidade, ou como pesquisador ou como cidadão, mas alguém que espera que a cidade acolha bem seus visitantes e proporcione acesso às necessidades básicas dos seus habitantes.

Tendo observado essa teia de acontecimentos e situações positivas e negativas, percebo que em algum momento as situações de discriminações e racismo acontecem. Acontecem disfarçados de brincadeira, disfarçados de cordialidade ou acontecem de forma objetiva nas discussões, nas brigas, nas divisões físicas como foi o caso das igrejas, e mais recentemente com a escola de samba dos negros e escola de samba dos brancos. Relatos dos interlocutores, situações vivenciadas ou presenciadas me instigaram a observar as condutas. As questões foram muitas. Foi necessário fazer uma escolha e observar alguns aspectos dos fenômenos que ocorrem no município. Depois de fazer, levantamento e visita aos locais de sociabilidade, optei por fazer um recorte na escola de samba Embaixadores do Ritmo, um local de sociabilidade, um local de predominância de indivíduos negros, harmonia nos relacionamentos e os indivíduos estão em destaque dentro da escola e nas relações da escola para com o resto da sociedade.

Atualmente a parcela negra da população está diluída na sociedade, e o negro inserido na mesma. A mesma sociedade em que os negros vivem, pagam impostos, tem direito a voto, direito a ser votado, os discrimina e os violenta. Essas questões, foram colocadas no momento em que eu fui a campo e juntamente com outras questões de pesquisa consegui chegar a conclusão, de acordo com as respostas, que sim os negros encontram elementos dentro da sua própria sociedade que atenta contra eles. Assim, a Escola de Samba, entre outros locais, permite que eles tenham agência nas suas ações que será estritamente necessária para a sobrevivência e conduta social dentro do município.

Com a convivência, imersão em campo, dialogo, rodas de conversa, entrevista e convívio na comunidade, observei com uma certa profundidade os relacionamentos e me permiti estar entre as pessoas no dia a dia, me inserir no cotidiano dos indivíduos negros, frequentando os espaços de sociabilidade e tendo contato com as pessoas envolvidas com a escola de samba Embaixadores do Ritmo. Com esse envolvimento e aproximação objetivei conhecer as características da sociabilidade das pessoas. Pelo que pude perceber os espaços de sociabilidade são ricos e complexos, pois além fazer parte da cidade como um todo, percebi que a escola de samba proporciona aos seus membros sociabilidade durante todo o ano.

A escola de samba, inaugurada no ano de mil novecentos e sessenta e oito é conhecida como a “escola dos negros”. Esse “título”, me instigou. Também havia as histórias das pessoas e famílias que fundaram, mantem e vivem no entorno da escola de samba. Com o passar do tempo, nas saídas de campo, percebi que a minha vivencia e a minha conexão com algumas pessoas da cidade davam ideias. Entre outras ideias, a que mais serviu para auxiliar na minha pesquisa foi quando me inseri, quando submergi na cultura da escola de samba e percebi que, eu como músico, e faço da minha arte a arte dos tambores, poderia sair na bateria da escola de samba, fazendo assim uma imersão completa. Ao meu ver, participando efetivamente da escola de samba, eu poderia não só observar o comportamento dos indivíduos, ritmistas, cantores, e outros membros da escola. Mais do que isso, eu me tornaria um músico dessa escola. Com isso poderia entender e ter a percepção como um músico da escola de samba. Na verdade, o que seria mais importante e interessante não seria o carnaval, nem a possibilidade de sair na avenida tocando instrumentos musicais, mas sim a observação da sociabilidade envolvida com a participação. Eu iria aos ensaios, conheceria outros ritmistas, conheceria as regras e normas sociais que envolve os membros da escola. Com isso, teria a oportunidade de me conectar com os indivíduos da escola. Com certeza atingiria uma profunda imersão no universo da escola de samba. Vi nessa imersão a oportunidade de encontrar e atingir as pessoas envolvidas com o carnaval, convivendo, retratando e relatando o dia a dia das pessoas.

Chama a atenção das pessoas, ver alguém de fora, que não é do meio, dar importância a uma causa tão nobre para elas quanto o carnaval. Se criou uma situação bem importante que, ao meu ver vale a pena relatar. Muitas vezes alguém visto como “intelectual”, transmite a imagem de quem transita em “outro universo”. Talvez essa pessoa, de “outro

universo”, não consiga a inserção necessária no universo da escola de samba. Esse “outro universo” é a academia. Local, visto pela maioria como local fechado, restrito à pessoas “letradas”, conhecedora das normas cultas, das regras de conduta da sociedade. Para indivíduos negros, moradores de uma cidade do interior, que dificilmente tem contato com a academia, fica mais difícil ainda entender o “outro universo” que é a academia. Mas se acontece, como foi o meu caso, quando um intelectual negro que “pega nas baquetas” e “batuca” assim como eles, que mostra que é do “mesmo universo”, esses indivíduos se sentem representados, eles se enxergaram na minha pessoa. Isso fez uma grande diferença no meu relacionamento com os membros da escola de samba, pois pude explorar o meu lado músico para buscar informações que, ao meu ver, uma outra pessoa não conseguiria. Mas, como mostra Vigoya (2016), mesmo essa posicionalidade privilegiada por uma ideia pressuposta de experiência em comum, merece cuidado e reflexão.

A escola de samba ultrapassa os limites do território negro. Os indivíduos que fazem parte da escola de samba vivem na cidade, convivem e compartilham espaços de sociabilidade com outras pessoas. Esse compartilhamento de espaços foi importante de observar, pois as pessoas vivem e se portam como cidadãos normais. Frequentam o supermercado, frequentam as lojas, circulam pelos espaços urbanos e rurais como cidadãos Rio-pardenses, mas quem é da escola de samba Embaixadores do Ritmo, leva consigo um sentimento que é o mesmo que Santos (2001) evidencia quando investiga a “Festa da Padroeira das Igrejas”. Santos revela um sentimento de pertença que ao meu ver é o mesmo que os negros da escola de samba experimentam. Essa condição acompanha os indivíduos por todos os lugares, muitos são plenamente identificados com a escola e levam consigo esse sentimento, isso os torna aptos a conviverem tranquilamente com outras pessoas, fazerem trocas e ter um convívio social razoável.

A escola de samba embaixadores do ritmo, fundada no ano de mil novecentos e sessenta e oito, com certeza faz parte da história do carnaval de Rio Pardo. Ao longo dos anos esteve presente no carnaval e, de uma certa forma, enriquecendo esta festa que tanto enriquece culturalmente a cidade. Participando, propondo temas e samba enredos a escola traz a história do negro para a avenida, fazendo com que a história da escola e o compartilhamento de espaços proporcionem um ambiente aonde quem vive o carnaval, experimente sensações e viva situações que para mim se tornaram elementos chave para me aproximar do meu objetivo que era entender como funcionam os espaços de

sociabilidade, o universo do carnaval, e mais especificamente o universo da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. As informações que eu buscava iam se tornando mais claras a cada momento em que me deslocava até Rio Pardo.

Nessas saídas de campo conseguia identificar eventos, festas e acontecimentos, que se constituíam em mais um espaço de sociabilidade aonde eu deveria estar e procurar identificar qual seria o grupo a frequentar e obviamente se os frequentadores seriam brancos, negros ou ambos. Por causa da pandemia, nos últimos anos não houve carnaval em todo o país, por isso não foi possível sair na bateria da escola. Poder observar de dentro e sentir todas as sensações de um membro da escola de samba seria uma forma de entender que ser da escola de samba é muito mais do que ensaiar e sair na avenida no dia do carnaval. As sensações do que significa ser membro da escola de samba, são percepções que ocorrem ao longo da vida. Eu não sou morador da cidade e não tenho a vivência que a maioria dos membros da escola tem. Eu experimentaria apenas uma pequena parte de tudo que envolve a escola de samba, mas pelo menos, com essa pequena parte, poderia sentir essa sensação. Infelizmente não foi possível.

Com questões previamente formuladas busco entender o simbolismo que envolve essa divisão. Se identificar como negro a partir de um território, ressignificar sua atitude, permite que os indivíduos façam frente ao embate social que se apresenta sistematicamente ao longo da vida. Com as análises prévias que fiz, sob uma perspectiva da resistência dos negros na cidade de Rio Pardo, consigo comparar o fato dos indivíduos se filiarem a escola de samba, um clube negro, considerado como a “escola de samba dos negros” e como essa filiação, ou participação tornar se apto a enfrentar os embates sociais. Observando esses indivíduos, cada um vivenciando sensações diferentes, dentro e fora da escola, e com essas situações e fiz um comparativo e cheguei à conclusão que há elementos que evidenciam que os negros que vivem o universo da escola de samba embaixadores do ritmo se inserem em todas as atividades, são identificados como membros da escola. Captar essas sensações foi uma busca incessante. Sensações que consegui explicitar através de dados e acontecimentos vividos e presenciados por mim que levaram a conclusão de que realmente existe distinção nas relações etnoraciais, mas, ser membro da escola de samba proporciona um posicionamento diferente. Com essas evidências, de uma certa forma, me levaram a responder, pelo menos em parte, as minhas perguntas de pesquisa e confirmar minha hipótese. O êxito nesse empreendimento, posso dizer, que foi por ter me utilizado de uma metodologia antropológica, que se mostrou

eficiente na aproximação e abordagem de temas que dizem respeito a um tema comum e experiências diversas com o racismo e o antirracismo.

Capítulo 2 – Racismo estrutural e as bases conceituais para os estudos sobre o racismo.

Temos visto no Brasil, diariamente, pessoas sendo mortas por causa da cor da pele. O genocídio da juventude negra é uma realidade. Ao meu ver, é investigando as causas, na origem dos acontecimentos que talvez se consiga entender a estrutura racista que sustenta o Brasil. Objetivo com essas informações propor mudanças no comportamento das pessoas, tanto negros quanto brancos. Trago informações que, ao meu ver, podem trazer informações para impor à sociedade transformações a médio e longo prazo. Entendo que essas mudanças serão benéficas para toda a sociedade e, ao meu ver, deveria ter a pretensão de se tornar uma prática nas condutas antirracistas.

A pesquisa antropológica, e, sendo mais específico, a etnografia, traz algumas armadilhas no desenvolvimento do trabalho que podem prejudicar a dedicação, o empenho e a objetividade na busca por resultados. O antropólogo poderá obter êxito se estiver orientado por uma bagagem teórico-metodológica da antropologia. Devendo trabalhar sempre amparado pelas teorias concernentes a área, utilizando metodologia adequada, planejamento e gestão do projeto. Utilizando essas diretrizes o etnógrafo tem grandes chances de se sair triunfante no seu trabalho.

Desenvolvo minha análise a partir de uma vigilância e de dúvidas levantadas ao tentar entender em quais as circunstâncias uma localidade promoveria uma modalidade de apartheid social. Essas dúvidas me instigaram a realizar os estudos. Na ocasião da minha inserção em campo, me deparei com uma localidade dividida, localizada na zona rural, aonde a maioria dos indivíduos negros vivia em uma área restrita tendo como vizinhos indivíduos brancos. Depois de algumas incursões fiquei conhecendo um pouco melhor o “funcionamento” das relações naquela parte do município. Observei que os negros algumas vezes trabalhavam para os brancos, na lida campeira, nas plantações e no trato com animais, compartilhavam o comércio, compartilhavam o local para dar água aos animais, o rio, enfim, um compartilhamento de espaços normal como acontece em qualquer lugar. Também compartilhavam os locais de uso comum, como a estrada, os bailes, e a igreja. Os eventos religiosos aos domingos eram feitos de forma separada, negros na “Igreja dos Negros” e brancos na “Igreja dos Brancos”. Apesar dessa distinção no uso das igrejas, havia uma aparente sensação de normalidade no comportamento dos indivíduos. Pesquisando mais a fundo, ouvindo relatos de interlocutores percebi que haviam conflitos reais e situações mal resolvidas. O ponto nevrálgico desse

relacionamento entre indivíduos brancos e indivíduos negros era exatamente o caso das Igrejas. Depois de algum tempo visitando o local, descobri que a localidade aonde ficava as igrejas havia sido reconhecida como comunidade quilombola, e a partir desse momento eu me interessei por entender o comportamento de quem se intitula quilombola.

Como compreender esses modos de sociabilidade tão “repartidos” e exclusivos? Os fundamentos da sociologia se baseiam na percepção concreta da existência social. A existência social deve ser observada mais detalhadamente, pois, ao acrescentar a palavra social ao lado da existência, passa-se a uma outra situação, a situação em que duas ou mais pessoas se conectam através de algo comum que os faz criar um fato social. Aos modos de Durkheim, podemos dizer que a existência social só é possível mediante o encontro, conexão ou vinculação de dois ou mais indivíduos.

“Estamos, pois, diante de uma ordem de fatos que apresenta caracteres muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (Durkheim, 1895).

É perceptível que na localidade do Rincão dos Negros, existem fatos sociais, que inevitavelmente fazem com indivíduos negros e brancos se conectem e troquem cumprimentos, ideias, mercadorias, força de trabalho etc. esses encontros geralmente não são encontros conflituosos, são na sua maioria harmoniosos, mas mesmo sendo dessa forma, o racismo, a distinção e as formas de discriminação existem. Isso foi descrito por Almeida como racismo estrutural, pois quando tudo parece estar dentro da normalidade o resultado é o racismo, ou seja, quando há na sociedade o racismo estrutural, o racismo é a lógica da sociedade.

Inicialmente tentando entender como seria a identificação dos indivíduos com seu território, procurei estabelecer um diálogo com autores que orientassem no sentido de esclarecer as dúvidas que surgiam a cada conversa com indivíduos negros moradores da localidade. Inicialmente trago um autor que esclarece sobre grupos étnicos, o autor é Max Weber.

“Chamaremos “grupos étnicos” aqueles grupos humanos que, fundando-se na semelhança de um habito exterior e no dos costumes, ou de ambos de uma vez, ou em recordações de colonizações ou migrações, abrigam uma crença subjetiva em uma procedência comum, de tal forma que a

crença é importante para ampliação da comunidade: porem a designaremos assim [comunidade] sempre que não representem “clãs”, embora sem levar em conta se existe ou não uma verdadeira comunidade de sangue. (Weber, 1998, p. 318)

Segundo Weber, é o estilo de vida compartilhado, dentro de um determinado território, tendo significados e valores comuns que dão sustento para a formação da comunidade. A comunidade no caso dos meus estudos é o local conhecido como “Rincão dos Negros”. Local com uma parcela da população formada por indivíduos negros que tem hábitos e costumes em comum, vivem em local restrito e dividem hábitos comuns. Mas como fora mencionado, nem todos os indivíduos são negros, a localidade é habitada por indivíduos negros e indivíduos brancos, ou seja, há divisão de espaços e compartilhamento de locais de sociabilidade. Nesse caso por ambas as partes da população, brancos e negros dividem e compartilham espaços de sociabilidade, local aonde há, de uma certa forma, harmonia nos relacionamentos, pois os indivíduos não vivem uma guerra, pelo contrário, vivem em aparente harmonia, de forma que, parece que as diferenças são deixadas de lado ou há um aspecto de normalidade.

Convém lembrar que os indivíduos que moram na localidade do Rincão são, na verdade, cidadãos da cidade de Rio Pardo, e, por mais que vivam em um local distante trinta quilômetros da sede do município, eventualmente se dirigem ao centro da cidade ou à zona urbana, e nesse caso, estabelecem contato direto com outros indivíduos, sejam eles brancos, negros ou de outras etnias. Também nesse caso os indivíduos na área urbana são de classes sociais distintas, profissionais de diversas áreas, instituições e estabelecimentos diversos, idades, crenças, etnias que compartilham os espaços de sociabilidade. Nesse caso, tomei como base o que nos evidencia Fredrik Barth.

“F. Barth (1998) propõe o deslocamento do enfoque da análise sobre a etnicidade do seu conteúdo para a sua fronteira, ou seja, o autor busca fugir da ótica do isolamento de um “grupo étnico” sobre si mesmo lançando seu olhar sobre os lugares onde ocorrem as interações entre os grupos étnicos. Tais “fronteiras” permitem o fluxo de pessoas através de si, potencializando formas de “mobilidade, contato e exclusão”. Esse contato Inter étnico vai levar as dinâmicas de “exclusão e incorporação”, podendo transformar sentimentos de pertença ante aos grupos em critério para o contato. (Muller apud Barth, 2011 p. 12)

Com a premissa de Barth, eu ampliei o meu olhar e passei a tentar entender como os indivíduos que dividem o mesmo espaço se relacionam entre si em outros espaços do município que não seja somente o Rincão, local que já foi observado que existe compartilhamento de espaços, conexão entre os indivíduos, mas sabe-se que há algo impregnado nas relações que pode ser denominado de racismo estrutural e que muitas vezes passa despercebido. Tive a oportunidade de aprofundar os estudos e observar de uma forma mais detalhada os relacionamentos entre os negros do Rincão com os indivíduos brancos do Rincão, e principalmente o relacionamento dos indivíduos com o restante do município. Neste relacionamento ocorre o compartilhamento de espaços públicos e privados aonde há predominância de presença branca em alguns deles, presença negra em outros, ou presença compartilhada, como é o caso dos locais de uso comum na cidade. O evento em que pude observar o compartilhamento total do espaço, uma verdadeira “mistura social”, é o carnaval.

“Mas no carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora de casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição as duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. No carnaval, se o leitor me permite o paradoxo, a lei é não ter lei”, (Da Matta, 1936 p. 121)

Da Matta, explica o que acontece o carnaval, e foi a partir de uma constatação de que o carnaval é um evento aonde existe um compartilhamento de espaços que excede a compreensão do que é pertencer a essa ou aquela etnia, que comecei a fazer um movimento de desviar o meu olhar da comunidade quilombola para a totalidade do município, expandindo assim meus horizontes e passando a ver o município como um todo. Assim, consegui ter um pouco da ideia de como se davam as relações nos mais variados recintos e compartilhamento de espaços de sociabilidade.

Para tal intento busquei traçar um perfil do negro em um âmbito mais geral e comecei a tentar entender o comportamento dos indivíduos negros no que diz respeito ao conhecimento da sua cultura, a identificação com essa cultura e quais as formas de percepção da sua situação, qual o seu posicionamento perante todas as questões que

envolvem racismo. Distinção, injúrias e outros elementos que são resultado de um compartilhamento de um território que a princípio era para ser dividido por pessoas iguais e portadoras dos mesmos direitos mas em função de uma construção histórica que relevou os negros à papéis secundários dentro da sociedade, essa igualdade não acontece.

Trago narrativa de um autor negro, que foi vítima de racismo e, por ser cidadão francês custou a ter a percepção de que ele também era vítima do racismo na sociedade Francesa, da qual era membro. Baseado nos casos em que foi vítima, estudou e produziu uma das obras mais esclarecedoras sobre o racismo. Fanon (1952), a partir da sua perspectiva, de um indivíduo negro, vivendo na França, mostra o quanto os negros imersos na sociedade, as vezes não percebem, ou não conseguem perceber o quanto estão submetidos a opressão da sociedade racista na qual eles estão inseridos. Na obra “Pele Negra Mascaras Brancas”, Fanon promove uma rica explanação sobre a percepção do negro sobre a sua etnia e se coloca como exemplo contando a sua experiência. Fanon, cidadão francês, morador da Martinica, uma ilha no Caribe, território Frances, ao ir estudar na França percebeu que mesmo sendo cidadão Frances sofria preconceito pela cor da sua pele.

“Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal (Fanon, 1952). “Olhe, um preto!” Era um stimulus externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível”. (Fanon, 1952).

Fanon traz na sua análise as evidências de como ele se percebe como negro e o quanto foi vítima de racismo. A partir daí elaborou estudos sobre a percepção do homem negro da discriminação a qual é submetido. É sobre a percepção da condição de negro que lanço meu olhar sobre os indivíduos negros de Rio Pardo.

Na atualidade, ao meu ver, existe um “mascaramento” das relações, que são colocadas em um lugar aonde a cordialidade, a receptividade e a cortesia escondem casos de discriminação racial, racismo e injúrias. De acordo com as minhas investigações,

através de relatos de interlocutores, percebo que alguns se utilizam de subterfúgios para serem aceitos, para ascenderem socialmente, para se casarem e até mesmo ocuparem posições sociais de destaque na cidade. Esses subterfúgios, ao meu ver, são o que Fanon chama de “Mascaras Brancas” ou seja, alguns elementos negros se utilizam, para terem aceitação social, e muitas vezes agregar elementos à sua condição de negro para, no seu dia a dia, terem uma vida um pouco melhor, ou diferenciada, dos outros indivíduos.

“A política eu sempre fui muito contra ela né. A nível de inserimento o meu pai era muito conhecido e a minha mãe também. E isso era legal né, as escolas de samba, os embaixadores entendeu, que meu meus pais sempre fizeram questão que a gente vivesse isso. Meus tios são fundadores, então os Embaixadores do Ritmo também sempre teve um respeito considerável na cidade, então hoje é a escola mais solida né, isso aí ajudou muito meus familiares acho que ajudou muito. Também porque tem que ter uma referência sabe, eu não sou um cara assim bem sucedido financeiramente, mas eu sou um cara do bem, de bem comigo entendeu, de bem comigo, porque as oportunidades para mim aparecem, mas para muitos não, eu sei fazer essa leitura, as oportunidades para mim aparecem eu sempre dou o meu jeito. Lógico que tem uma força de vontade que eu sei que é ímpar né, mas elas aparecem. Se tu tem credibilidade elas aparecem. Às vezes as pessoas se escondem muito atrás do “Mimimismo”, eu sou coitadinho, eu sou coitadinho” - Entrevista com Rodrigo Vieira (Silva, 2019)

Com essa afirmação de Rodrigo Vieira, já exposta no meu TCC sob outro enfoque, reforça a ideia de que alguns indivíduos negros se utilizam de “máscaras brancas” para conduzirem suas vidas. Rodrigo Vieira salienta que o fato dele ser da família de fundadores da escola de samba lhe permite alcançar alguns benefícios que outros não tem. Afirma sobre si que “Não é bem-sucedido financeiramente, mas é um cara do bem” pois ele conseguiria fazer com que as oportunidades apareçam, diz que com ele não tem *mimimi*. Essa condição de morar no centro da cidade, ser filho de fundadores da escola de samba são singulares. Ter acesso a benefícios que outros negros não têm, torna o Rodrigo Vieira um indivíduo que tem uma vida um pouco melhor que os outros negros

da cidade. Para atingir essa condição, ao meu ver, Rodrigo Vieira se utiliza de “máscaras brancas”, pois assim tem trânsito em todos os setores da sociedade.

Percebo que tal estratégia mobiliza a expectativa do olhar dos brancos sobre sua conduta. Nesse caso, para viver em uma cidade como Rio Pardo muitos dos indivíduos negros precisam criar estratégias de sobrevivência, às vezes, utilizar “máscaras brancas” é uma delas. Assim como Rodrigo Vieira existem vários outros indivíduos negros que se utilizam dessa estratégia.

Nos meus estudos, procuro entender um pouco da origem das desigualdades que os indivíduos negros vivem. Busco evidenciar a origem, ou pelo menos as causas da distinção social que existe no Brasil. Procuro reflexões sobre o racismo no Brasil e percebo que são de longa data. Objetivo com isso entender a situação da camada negra da população de Rio Pardo, as reflexões de Clóvis Moura apontam para a maneira com que a elite brasileira se preocupou em manter a parcela negra da população dominada e inferiorizada frente ao restante da população.

“Quanto ao conteúdo das relações Interétnicas veremos como foi montado pelas classes dominantes, quer no Brasil Império ou República, um mito ideológico escamoteador de uma realidade altamente conflitante: O mito da democracia racial. Esse engodo ideológico surgiu da necessidade de o colonizador português estabelecer dobradiças amortecedoras das questões raciais que se apresentavam como ameaça de conflito social e racial permanente.” (Moura, 1983)

Sob a ótica de uma contextualização histórica, Moura aborda a temática do racismo lançando um olhar crítico sobre alguns países que também tiveram casos de escravidão e enfatiza que a escravidão no Brasil, diferente desses países, foi a mais duradoura, com distribuição geográfica única. Moura chama a atenção para as soluções encontradas para o fim da escravidão, faz um panorama da situação do negro ainda à época da escravidão e no período pós-escravidão aonde a intenção do estado brasileiro era de promover uma miscigenação, que teria como resultado final, a extinção da raça negra. Segundo ele:

“O sistema escravista determinou em toda a extensão geográfica do Brasil o seu ritmo de desenvolvimento e o conteúdo fundamental das suas relações interétnicas” (Moura, 1983 p. 15)

Moura centra a sua análise na construção do estado brasileiro e na forma como o negro foi preterido frente às outras etnias que formam a rede de sociabilidade e compõem a sociedade brasileira. Com análises sob uma perspectiva marxista, tendo o capitalismo como base para a análise, Moura evidencia a forma como a escravidão serviu para consolidar o capitalismo no Brasil. Moura cita que diversos fatores foram fundamentais para a consolidação da sociedade brasileira, mostrando o homem branco, descendente de europeus, como o exemplo bem-sucedido a ser seguido e servindo como exemplo. Os “outros”, negros, indígenas e miscigenados como indivíduos de menor valor.

Moura aponta que, para se obter o resultado desejado e manter os indivíduos que se encontravam fora da categoria denominada eurocidental, negros e indígenas seriam relegados a um papel irrelevante dentro da sociedade, para isso se utilizaram das teorias com reflexos do Darwinismo, conceitos e até mesmo a biologia para relegar os negros e indígenas a uma categoria subalterna na sociedade. As artes, a cultura, a indústria e todas as atividades brasileiras, segundo Moura, foram alijadas da contribuição do negro. Moura contesta a ideia de Gilberto Freyre de que haveria uma democracia racial no Brasil. A ideia da democracia racial, desmistificada por Moura, mostra um negro acomodado e aceitando tudo que vinha do branco. Moura faz uma oposição entre a docilidade do negro que vive na senzala, numa crítica à Gilberto Freire, contra o negro do quilombo, guerreiro, combativo, nada pacato e obediente. Moura evidencia que o negro foi, de todas as etnias que formaram o povo brasileiro, o que mais trabalhou, e depois não teve direito à riqueza que ele mesmo construiu. Moura estende sua argumentação e pondera que depois de dar uma grande contribuição à construção do país, foi relegado a figura de marginal, violento e brigão, sendo sempre abordado pela polícia e morando em guetos.

“E aquele elemento humano, que durante quase quatro séculos foi o único trabalhador da sociedade brasileira, passou a ser considerado preguiçoso, ocioso, de má índole para o trabalho” (Moura, 1983 p. 10)

Tudo isso, segundo Moura, teria sido orquestrado pelos dominantes que fizeram a tentativa do branqueamento da população. Essa mesma situação, eu observei na cidade de Rio Pardo. Lá, os negros, explorados assim como todos ou outros, à época da abolição não tiveram o direito nem mesmo iniciar uma nova maneira de viver a vida como libertos nas terras que ganharam como gratidão pelos serviços prestados a sua ex-senhora. Moura observa que, diferente dos outros países, o Brasil possui uma burguesia que não se estabeleceu enquanto classe produtiva. Optou por viver da exploração da mão de obra

escrava, colhendo os frutos de um trabalho que não faz. Moura traz alguns exemplos e cita a revolução francesa e o manifesto comunista como exemplo de eventos mundiais que aconteceram no momento em que o Brasil ainda lutava para manter a escravidão.

“Criam-se, então, a partir daí, símbolos justificatórios dessa alienação e o negro passa a ser visto como inferior biológica, psicológica e culturalmente. Era, portanto, uma inversão de valores que se fazia e as classes dominantes impunham a ideologia do colonialismo, sendo o branco o ideal a ser atingido. No caso particular do Brasil, o ideal era chegar-se, quando não se era branco, pelo menos a um tipo que, na escala cromática estabelecida, mais se aproximasse dele e mais se afastasse do negro. Daí a necessidade de um branqueamento. Os segmentos mestiços, para se classificarem nessa escala cromática têm, também, de ascender na escala social. Um mulato pobre é negro, um mulato rico é branco. Todos procuram, por isto, dar as costas às suas matrizes étnicas e se voltam para o modelo branco como o objetivo a ser alcançado. Com isso se desarticula a consciência étnica desses segmentos, isolando-se, por outro lado o negro feno/genotípico o qual passa a ser radicalmente discriminado, inclusive pelos mulatos e outros produtos da mestiçagem, através de uma política de peneiramento das mais eficazes, e, ao mesmo tempo impossível de ser localizada para ser combatida”. (Moura, 1983 p.22)

Assim como qualquer manifestação cultural negra, o samba foi inferiorizado como cultura, a capoeira foi proibida, o samba foi proibido, a religião afro era vista com maus olhos. Depois tudo foi transformado em “cultura brasileira”, não dando os créditos necessários a quem tinha direito, ou seja, aos negros, que trouxeram da África uma grande contribuição em todos os setores da sociedade.

Na contribuição às artes e cultura no Brasil, a tentativa de invisibilização no negro não foi diferente. Evidencio a contribuição do negro às artes no Brasil, e para ser mais específico cito a situação da cidade de Rio Pardo, tento entender um pouco da situação do negro e a sua relação com sociedade em que está inserido. Tendo entre os meus objetos de estudo uma escola de samba, exponho através da análise do carnaval, do samba e da participação do negro, as dificuldades do negro para se consolidar enquanto contribuinte para a criação da cultura nacional.

“Atualmente um fenômeno diferente pode ser constatado: o negro começa a participar do debate, cria associações específicas independentes e assume o papel de elemento ativo e aglutinador do processo da informação e do conhecimento. Este fato novo e que apenas se inicia nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador irá permitir, a curto ou médios prazos, que os debates sobre a contribuição do negro não apenas às artes, mas ao conjunto das manifestações culturais do Brasil perca o seu aspecto acadêmico e formalista de que se reveste na maioria das vezes e adquira, outra vez, em nível superior, aquele ethos dinâmico que desapareceu” (Moura, 1983 p. 141)

Através da análise de Moura, consigo observar a agência do negro, e percebo no carnaval de Rio Pardo a afirmação da negritude para o conjunto da cidade. Os negros, e mais especificamente os negros da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo, não só fazem o samba e o desfile de carnaval, mas também fundaram no ano de 1968 um clube negro que está presente na vida da cidade em outros momentos do ano. Significa dizer que quando há a oportunidade de demonstrar a força da sua cultura, o negro faz com grande desenvoltura. O meu recorte é na manifestação cultural do samba, mas nas minhas investigações, tive a oportunidade de presenciar outras expressões culturais negras como a capoeira, a religião afro, uma mistura de religião com música que são os Massambiques e Quicumbis. Então, Segundo Moura, se o negro tiver oportunidade de expressar a sua cultura ele vai fazer da melhor forma possível.

“Mas, a influência do negro na coreografia pode ser também constatada nos chamados auto populares: congadas, maracatus, bumba-meu-boi e inúmeras outras manifestações similares. Pode ser igualmente registrada nas escolas de samba, atualmente incorporadas ao carnaval urbano das principais capitais do País. Atualmente, porém, depois que as escolas de samba foram institucionalizadas, estão sofrendo um processo de branqueamento artístico que as está desfigurando. A coreografia das escolas – baseada no samba, ou melhor, no samba-enredo – Guarda, apesar disto, profundas vinculações com as suas origens africanas”. (Moura, 1983 p. 146)

Segundo Moura, e comparando com meus achados etnográficos, identifiquei a agência do negro na constituição do carnaval como um todo. Segundo observação participante consegui observar que o negro está como presidente das escolas de samba, está na direção, está na confecção das fantasias, escreve o samba enredo etc.

A análise de Lélia Gonzalez (1987), traz algumas reflexões sobre o negro no Brasil. Gonzalez agrega uma perspectiva interseccional à sua trajetória, pois sendo mulher, negra, autora, política, professora, antropóloga, filósofa atribui diversas categorias a sua luta. Ajudou a fundar o Movimento Negro Unificado e com essa bagagem, Gonzalez se encontra em condições de traçar um perfil do negro brasileiro assim como propor algumas soluções para os problemas que o negro enfrenta.

“O racismo, enquanto construção ideológica é um conjunto de práticas, passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficia a determinados interesses. “Nas sociedades de classes, a ideologia é uma representação do real, mas necessariamente falseada, porque é necessariamente orientada e tendenciosa – e é tendenciosa porque seu objetivo não é dar aos homens o conhecimento objetivo do sistema social em que vivem, mas, ao contrário, oferecer-lhes uma representação mistificada deste sistema social, para mantê-los em seu lugar no sistema de exploração da classe”. (González Apud Althusser, L., 1987, 939-40).

González traz a ideia de que o discurso ideológico é internalizado pelos atores, tanto os que se beneficiam como os que são prejudicados. Em Rio Pardo, como vimos em (Silva, 2019), existem, individualmente, diversas formas de perceber e enfrentar a discriminação racial. Existem os indivíduos negros que são “alienados”, ou seja, não são conscientemente da forma com que a ideologia é passada a eles. Outros indivíduos negros, são mais conscientes das dificuldades e de uma certa forma combatem as desigualdades e injustiças contra a população negra. Há também os indivíduos brancos, beneficiados na estrutura racista e com o benefício da branquitude, ou seja, pela cor da pele adquirem privilégios e benefícios que a parcela negra da população não alcança. Gonzáles tenta mostrar, que é a identificação do dominado com o dominador, que faz com que certas práticas estejam internalizadas e sejam aceitas como normal. Gonzáles também aborda outros temas de forma crítica: A mulher negra na sociedade brasileira; A juventude negra

brasileira; A lei facilita a violência; e outros temas que podem ser explorados para entender a situação de divisão Inter étnica entre os indivíduos da cidade de Rio Pardo.

Abdias do Nascimento (1978) mostra as feridas da discriminação racial no país. Disfarçada de discriminação econômica, a discriminação pela cor da pele se tornou realidade entre a população do país e se inseriu nos meios institucionais. Nascimento cita os anúncios de emprego advertindo que no uso dos termos “não se aceitam pessoas de cor”, foi transformada em lei, e por pressão da sociedade mudou a lei e passou a se usar o termo “pessoas com boa aparência”, ou seja, os anúncios de emprego queriam somente pessoas brancas. Essas práticas estão impressas nas páginas dos livros de história do Brasil, muitas vezes esquecida ou não contada. Com essas ações, muitas vezes institucionais foi construído o racismo brasileiro.

“Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa da carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta dessa aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive.” (Nascimento, 2016).

Nascimento aborda o racismo sob outra perspectiva, enfatiza a dificuldade que é imposta aos negros em todas as áreas de mobilidade social, mostrando que a dificuldade que o negro encontra é resultado de um círculo vicioso que empurra o negro para as favelas, para a pobreza e parte inferior da pirâmide social. Nascimento, apesar de afirmar não fazer “ginástica teórica” em uma das suas obras, trouxe grande contribuição teórica para entendermos o negro brasileiro e conseqüentemente o racismo.

Nascimento analisa o contato entre o branco, o negro e o indígena, e se debruça sobre, entre outras obras. Sobre a obra Casa Grande Senzala, de Gilberto Freyre, tece comentários e acusa daquilo que seria uma grande mentira, dizer há uma democracia racial no Brasil.

“Devo observar de saída que este assunto de “democracia racial” está dotado, para o oficialismo brasileiro, das características intocáveis de

verdadeiro tabu. Estamos tratando com uma questão fechada, terreno proibido sumamente perigoso. Ai daqueles que desfaziam as leis deste segredo! Pobres dos temerários que ousarem trazer o tema à reflexão ou mesmo a análise científica! Estarão chamando a atenção para uma realidade social que deve permanecer escondida, oculta”. (Nascimento, 2017 p. 52).

Com trechos das citações de Nascimento, me permito comparar com meus achados etnográficos na cidade de Rio Pardo aonde aparentemente os indivíduos vivem uma suposta “democracia racial”. Na prática, compartilham espaços, e aparentemente vivem em paz, mas as distinções existem. Os indivíduos negros que tem ciência da sua condição, que ocupam um local, um espaço que pode se dizer que é o seu território, um território negro, esses entendem a sua condição e entendem também que eles poderão e podem ser os agentes da mudança. Basta para isso se identificar como negro e buscar a partir dessa identificação o seu lugar no mundo e ir atrás daquilo que é seu por direito, o que foi construído por seus antepassados escravizados.

“Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais do governo, assim como o difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país” (Nascimento 2017 p. 111)

Nascimento faz uma ampla análise da questão do racismo e salienta que é a na miscigenação que os governantes ou dirigentes do país, antes baseados na monarquia e depois sob a égide da república previam a extinção total da camada negra da população. Nascimento centra sua análise no fato de que os governantes apostavam que miscigenando, aculturando ou assimilando o negro, selvagem e atrasado, com as outras etnias, principalmente europeus, civilizados, inteligentes e tementes a Deus, aniquilariam esse grupo de pessoas que foi trazido ao Brasil para trabalhar como escravo, gerar riqueza e depois como num passe de mágica desapareceriam.

“Além dos órgãos do poder, o governo, as leis, o capital, as forças armadas a polícia – as classes dominantes brancas têm à sua disposição

poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária. Todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria”. (Nascimento, 2019 p. 112)

Na cidade de Rio Pardo pude observar o que Nascimento sugere. O negro que foi a força motriz da riqueza daquela cidade, agora está relegado as margens da sociedade. Assim como não teve acesso as benesses que alguns hectares de terras trariam a um grupo de famílias, hoje também não tem acesso aos cargos nas empresas e em determinado momento nem acesso a um “trago”, assim como foi relatado no caso da fundação da escola de samba Embaixadores do Ritmo. Na sociedade parece haver harmonia, mas no clube da elite branca não se permitem negros, a não ser que estejam nos cargos de serviçais, ou seja, atendentes, músicos, segurança, limpeza etc. Algo que chama a atenção, e é o que nascimento também aponta, é que os meios de comunicação estão a serviço da elite branca para controlar os corpos negros. No caso de Rio Pardo, percebe-se que a mídia conseguiu provocar no negro a mesma catarse coletiva que assola o país. As novelas, os filmes, os programas televisivos, enfim diversas formas de manipular a população brasileira. Em Rio Pardo não foi diferente, a tentativa de tornar o negro docilizado, inerte e sem ação contra aqueles que, dia após dia, se utilizam dessa inércia para manterem a sua dominação. Mas há evidências de que os negros mesmo com toda a força institucional e estrutural pesando sobre suas costas, mesmo assim conseguem, em alguns momentos, modificar essa estrutura e se tornam agentes da sua mudança. Trazendo benefícios não só para si como para uma boa parcela da população negra da cidade que entende o quanto é discriminada e traça estratégias de sobrevivência nessa sociedade que ao mesmo tempo em que parece ser harmônica é desigual.

Ao desenvolver a reflexão sobre o conceito de racismo estrutural, Silvio Almeida argumenta que o racismo é sempre estrutural, ou seja, é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (Almeida, 2019 p. 5). No município de Rio Pardo percebe-se que o racismo está incorporado à construção e consolidação da cidade desde a sua fundação. O negro chegou a Rio Pardo como mão de obra nas charqueadas, nas casas dos ricos comerciantes portugueses e militares. Os negros chegaram até o sul do Brasil também como mercadoria, pois Rio Pardo foi uma cidade

importante economicamente e teve no tráfico negreiro uma solida fonte de renda. Alguns autores sustentam a ideia de que para muitos foi mola propulsora de grandes negócios e grandes fortunas, pois a cidade foi também um entreposto comercial e supria as necessidades de uma boa parcela do estado do Rio Grande do Sul. Essa utilização da mão de obra escrava e o comércio de escravos ajudaram a enriquecer muitos dos fazendeiros. Hoje, membros dessas famílias, outrora beneficiados com o negócio do tráfico negreiro e utilização de mão de obra escrava, tratam os negros como pessoas de menor valor.

A fundação da cidade, com o encontro e posteriores casos de sociabilidade entre o branco o negro e o índio, remetem à casos de classificação de seres humanos em raça. A história da raça, ou, das raças, é a história da constituição política e econômica das sociedades. Almeida (2019 p. 6). O negro vir como mão de obra escrava, como objeto de troca, compra ou venda. O indígena ser dizimado e a sua existência excluída das cercanias da cidade, mostra que a estrutura social que formou e sustenta a sociedade Rio-pardense está calcada no racismo. Ao meu ver, o conceito de racismo estrutural se encaixa bem nas minhas análises. De acordo com observação participante e análise de diversas situações que me foram postas em evidencia no período da pesquisa, observo que a situação dos indivíduos do município de Rio Pardo tanto negros quanto brancos ou indígenas poderiam ser comparadas a um ideal de convivência social se não houvesse a construção de uma ideia de distinção entre os indivíduos.

Os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista reforçaram o fato de que a raça é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito sócio antropológico (Almeida, 2019 p.24). Esse conceito se apresenta como fundamental para se entender o porquê da diferença entre os indivíduos da cidade. Sabe-se que nos séculos XVII ou XVIII houveram vários casos de distinção entre as pessoas. Podemos citar escravidão, por exemplo, aonde seres humanos, além de escravizados, surrados, trancados ainda faziam trabalhos forçados. O racismo está inserido nas estruturas da sociedade que permitia que tenha acontecido naquela época, casos de escravidão, tráfico negreiro e tratamento desumano, tratando como animais pelo simples fato de serem negros. É inadmissível que aconteça qualquer caso de distinção por causa da cor da pele. Nos dias de hoje, acontece, disfarçado de cordialidade, de harmonia, mas acontece, então, além de ser inadmissível é completamente fora de propósito, nada justifica tais atitudes, pois hoje temos leis, a Constituição de 1988 por exemplo, referentes ao racismo e uma jurisdição que condena os casos de racismo.

O fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (Almeida 2019 p.24). Em um passado mais remoto, negros na condição de escravos e mercadorias. Em um passado não muito distante a divisão física entre negros e brancos na forma de conduta religiosa, aonde cultos eram feitos de forma separada. Nos dias de hoje, distinção na forma como os negros percebem a sua etnia, enfrentam as diferentes situações de convivência nem sempre pacífica e a figura de uma escola de samba como um local de sociabilidade e ponto de identificação e resistência dos negros.

Como ponto de intersecção entre a ideia de que os negros precisam se filiar à uma escola de samba considerada um clube negro, ou, no passado, frequentar a “Igreja dos Negros”. Abordo um fato que acontecia mais recentemente, por volta da década de setenta, como fora mencionada por um dos meus interlocutores, mostrando que realmente os negros necessitam de um local de afirmação da identidade, um local de identificação com a sua etnia para poderem enfrentar os dilemas do dia a dia, sob pena de acontecer o que me foi relatado:

“Baile aqui na vila tinha baile de preto e baile de branco, tinha um salão que num sábado tinha um baile de preto e no outro era baile de branco mas o meu irmão ele sempre soube aonde que ele podia ir entendeu e ele tinha uns amigos brancos que convidavam ele para ir para os baile e ele não ia ao local. Ele dizia não eu sou preto eu tenho que ir no baile dos pretos nós somos pretos nós temos que nos orgulhar de ser preto, não porque a gente ser preto que a gente somos menos que branco, não somos pretos e somos iguais a qualquer pessoa do mundo”. Argumenta Paulo Roberto (Silva, 2019).

Com essa afirmação evidencio a ideia, exposta por Paulo Roberto, que é difícil conviver na cidade de Rio Pardo, sem ter um local aonde haja a identificação dos indivíduos com a sua etnia. Essa citação remete à década de setenta, quando a discriminação ainda era muito forte. Os negros precisavam, e precisam, nos dias de hoje, ter posicionamento, ou seja, saber quem são e aonde estão localizados no espectro social na cidade. Só assim, ao meu ver, é possível traçar estratégias para o embate social que diariamente se apresenta nas mais diversas situações de compartilhamento de espaços.

O racismo provoca poder, pois, segundo as teorias do Darwinismo social, há pessoas inferiores, presentes na ideia de que a civilização teve início no passado evoluiu até os dias de hoje, aonde o branco, europeu, classe média, portador de educação, conhecimento e discernimento se torna superior aos outros. Essa ideia de poder revela uma prática que podemos observar nos dias de hoje. Preconceito, discriminação, racismo e outras formas de distinção, são uma construção do imaginário social. Podemos dizer que racismo é um processo, é algo muito mais complexo do que um ato é um processo histórico e político e nesse processo político o branco também é uma produção do racismo e sendo assim, cria vulnerabilidades, mas também cria poder.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertençam (Almeida, 2018 p.24). No município de Rio Pardo se observam práticas em que se observa aquilo que Almeida cita. Com práticas conscientes ou inconscientes se percebe vantagens de alguns dos indivíduos sobre os outros. A camada da sociedade que é beneficiada na maioria das vezes é a parcela branca da população, e a parcela negra da população está sempre preterida das vantagens sejam elas no âmbito econômico, social, cultural, político ou outro.

Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (Almeida, 2018 p. 30). Em determinado momento fui acusado de generalizar, dizendo que a cidade de Rio Pardo era racista. Talvez eu tenha me excedido na minha análise, mas era o início do meu percurso acadêmico e eu concordei que não deveria generalizar. Observando a análise de Almeida sobre o racismo estrutural, percebo que eu não estava totalmente errado. De uma certa forma, quando se diz que uma cidade é racista, não se está acusando individualmente as pessoas. Estamos constatando que as estruturas sociais que compõem as relações são racistas. Os indivíduos, vivem numa construção coletiva aonde o negro, pelo fato de ter a pele escura sofre discriminação, e o branco, por ter a pele clara, tem o benefício da branquitude.

Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção deste poder adquirido

depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda a sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio (Almeida, 2018 p. 31). Segundo Almeida, há um grupo que faz a manutenção desse poder e tenta manter a camada negra da população sob os domínios da camada branca. E as estruturas são responsáveis por fazer essa manutenção.

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais. Mas não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (Almeida, 36). Na cidade de Rio Pardo, como já fora mencionado, os indivíduos vivem numa espécie de harmonia social, as relações entre amigos, vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho são de grande sintonia. Significa dizer que dificilmente se observa alguém cometendo um ato de racismo individual. O que se observa são os racismos impostos pelo conjunto de práticas daquela sociedade que muitas vezes não é percebido nem pelo negro que sofre o racismo e nem pelo branco que comete o ato racista. Isso ao meu ver é muito mais difícil de combater, pois está inserido nas camadas mais profundas das estruturas da sociedade.

Observei a explanação de Almeida sobre o racismo estrutural e institucional desloquei para o município de Rio Pardo. A primeira coisa que tive a necessidade de fazer foi de diferenciar o racismo individual e interpessoal, que é quando um indivíduo profere ofensas racistas, faz ameaças ou até se utiliza de violência para intimidar ou menosprezar um cidadão negro ou um grupo de cidadãos, nesse caso essa violência vai ser repudiada por uma parcela da comunidade, mesmo os brancos. Outros casos se referiam ao racismo institucional que ao meu ver revelam aspectos da sociedade em que estamos inseridos.

Há exemplos que vão desde a circunstância em que negros e brancos faziam eventos religiosos em igrejas separadas, o que é um racismo institucional, passando por proibições de negros se utilizarem das terras que receberam como gratidão pelos serviços prestados à sua senhora. E nos dias de hoje se percebe que os negros não ocupam cargos políticos, não ocupam cargos de gerencia nas lojas e empresas e até mesmo no caso do entretenimento existe um clube que é voltado a camada branca e burguesa da cidade.

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (Almeida, p. 36). Uma estrutura que foi estruturada nos primeiros séculos do Brasil Colônia opera até hoje a estrutura de imposição de um modo de se controlar e obter poder sobre uma camada da população. Essa estrutura ainda hoje está inserida no interior da sociedade brasileira. Fazendo um recorte na estrutura social da cidade de Rio Pardo percebe-se a mesma estrutura operando nas relações sociais, gerando racismo individual, racismo institucional amparados pelo racismo estrutural. Cabe então à parcela negra da população de Rio Pardo, ou pelo menos aqueles que percebem que estão sendo submetidos aos tipos de racismo citados, criar subterfúgios, criar estratégias de enfrentamento a todos os malefícios que o racismo estrutural oferece.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (Almeida, p. 37). Como já fora mencionado, há na cidade de Rio Pardo um clube que todos sabem, não é de hoje, que é o clube para a burguesia da cidade. Nesse clube, não há uma placa dizendo que negro não deve entrar, mas todos sabem que ali negro se entrar vai ser simbolicamente hostilizado, ou seja, os olhares, conversas e comportamento dos frequentadores do local irão fazer com que os negros que ali estiverem se sintam incomodados, chegando até muitas vezes a deixar o local, tamanho é a hostilidade psicológica a qual são submetidos. Ao meu ver, a diretoria do clube deveria propor aos seus membros e sócios, ações no sentido de proporcionar aos negros da cidade frequentar o clube normalmente, deixando claro que o clube é para todos e não há distinção. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (Almeida, p.38). No caso do clube, percebe-se que a regra é manter o negro excluído, tanto é verdade que os negros, já sabendo da hostilidade que seriam submetidos caso entrassem em uma festa nesse clube, optam por não entrar, transparecendo aquilo que Almeida manifesta, que os processos institucionais são derivados de uma sociedade aonde o racismo é regra e não exceção.

O que pretendo enfatizar, do ponto de vista teórico, é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. (Almeida,

p. 39). O que eu chamo de embate social, é justamente o que Almeida aponta, alegando que existem grupos racialmente identificados que são discriminados de forma sistemática, então, principalmente a camada negra da população, precisa traçar estratégias de sobrevivência dentro do seu local de convívio social.

Por ser estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social. (Almeida, p.42). Partindo dessa premissa e observando o contexto histórico da cidade de Rio Pardo, que foi entreposto comercial, teve as charqueadas, foi local de compra e venda de escravos, percebe-se que desde a sua fundação teve como elemento estruturante o fator econômico e nesse local se produziu uma estrutura política que permitiu que o racismo estrutural se consolidasse e que tenha reflexos nos dias de hoje.

Com a imersão em campo, observação, escuta, convivência e conversas, tive a oportunidade de estabelecer um diálogo com os meus interlocutores, que, assim como me mostraram a dificuldade de viver nessa cidade, também me indicaram formas de criar estratégias para ter um bom relacionamento. Com posse desses dados, procurando estabelecer um diálogo com autores que se debruçaram sobre a questão do negro no Brasil, da época da escravidão até os dias de hoje, percebo que existe uma similaridade entre os meus achados etnográficos e as colocações dos autores, mostrando assim que as práticas são recorrentes, a discriminação, distinção e injúrias acontecem, mas o povo negro, mesmo com toda a dificuldade, se utiliza desse ambiente hostil para transformar em realizações as suas trajetórias de luta e criar um movimento aonde cresce não só aquele indivíduo, mas constroem coletivamente o desenvolvimento e crescimento da sua família, assim como serve de exemplo para outros negros seguirem e consolidarem, através do tempo, um ambiente mais fraterno e igualitário para se viver, com ou sem a presença dos brancos.

Capítulo 3 - Sociabilidade e negritude

Existem no Brasil, e mais especificamente no Rio Grande do Sul, histórias, estórias, causos e contos que vão de simples anedotários até situações em que aconteceram realmente, mas fazem parte do folclore das cidades. Me refiro às muitas histórias que circulam pelo interior do estado. A história sobre as igrejas, “*a Igreja dos Negros e a Igreja dos Brancos*”, que circula na cidade de Rio Pardo e arredores é sobre a disputa de terras no interior do município que resultou na divisão dos indivíduos em segmentos racializados, fazendo com que as pessoas fizessem os eventos religiosos separados. Partindo do princípio de que o racismo no Brasil é estrutural, o estudo que se segue centrou esforços no sentido de tentar entender esse racismo, que está inserido nas estruturas sociais do estado brasileiro. A partir de estudos localizados podemos compreender melhor o quanto o racismo estrutura as relações sociais, e direciona as ações daqueles que estão diretamente envolvidos.

3.1 A construção histórica da negritude como *periférica*

Com a intenção de rememorar assuntos referentes a sociabilidade e relações interétnicas no município, busco observar as relações sociais e as experiências diretas com o racismo. Muito se tem falado na Academia, principalmente na Antropologia sobre a isenção que o pesquisador deve praticar ao se inserir em campo e fazer contato com o outro. Eu como pesquisador, busco sempre a excelência nos meus estudos mas não poderia de deixar de citar que a minha inserção em campo, a alteridade que experimento com os meus interlocutores são também reflexos da minha vida fora da academia aliado à minha experiência dentro da academia, pois, eu como cidadão negro, que teve experiências de infância na cidade aonde agora se tornou meu objeto de pesquisa, vejo a necessidade de trazer um pouco desse olhar engajado em questões que dizem respeito não só a mim, mas ajudar na compreensão do entendimento das minhas origens.

Quando círculo por Rio Pardo, me comporto como um pesquisador, mas trago a experiência de quem tem memórias afetivas da infância ainda muito vivas, de alguém que teve nesse campo um reencontro com suas origens. Sou de uma família de pessoas negras de Rio Pardo, que, segundo relato oral, contados pela minha avó, tios e tias, sofreram racismo e inúmeros casos de discriminação que só me incentivam a reforçar o engajamento nas pesquisas. Segundo relato dos meus familiares, meu avô, morreu numa briga, não o conheci e não tenho maiores informações. Mesmo que não fosse para reparar

algo ligado à minha família, ao meu ver, já assim faria muito sentido, pois com o entendimento dos acontecimentos, acho relevante e pertinente cooperar com a luta da comunidade negra e lutar para que os negros da cidade de Rio Pardo tenham cada vez mais seus direitos preservados, sua luta reconhecida e seus territórios preservados.

Já que estou fazendo uma conexão entre a minha relação pessoal com a cidade e a minha situação como pesquisador, vou fazer um breve relato dos dois momentos, que ao meu ver serão fundamentais para o entendimento do meu empenho em fazer essa pesquisa.

A família do meu pai é da cidade de Rio Pardo, o que sei dessa família, aprendi ouvindo meus pais, a minha avó, tios e tias contando. A minha avó nasceu no ano de 1908, ou seja, vinte anos depois da abolição da escravidão. Provavelmente os pais dela, meus bisavós, tenham sido escravos. Eu já ouvi falar que a minha avó era filha do dono da casa aonde eles trabalhavam, me atrevo a dizer que essa era uma casa grande do senhor dono das terras e antigamente, dono dos escravos. Essa casa era localizada aonde hoje é a cidade de Pantano Grande. A minha avó teve treze filhos, sendo que seis desses filhos foram três gestações de gêmeos. Depois, não sei exatamente em que ano, se mudaram para a sede do município de Rio Pardo e se estabeleceram no bairro Ramis Galvão. É dessa casa no bairro Ramis Galvão que tenho as minhas lembranças de infância. Quando visitava a minha avó, o meu pai já tinha ido embora para Porto Alegre e casado com a minha mãe, portanto, sou nascido e criado em porto alegre. Até os cinco anos na cidade de Alvorada e depois no bairro Agronomia bem ao lado do Campus do Vale da UFRGS.

O meu pai, apesar de ter ido morar em Porto Alegre e se casado, sempre visitava a minha avó. Mais ou menos entre o ano de 1975 e 1987 fui muitas vezes visitar a minha avó. Me lembro das viagens de trem, quando sabia, que iria para a casa da “vó”, eu ficava muito contente, pois sabia que iria viajar de trem, e a viagem era muito legal. O trem partia de Porto Alegre as 22:00hs, da antiga estação localizada ao lado da Estação Rodoviária de Porto Alegre e chegava em Rio Pardo por volta da 1h da madrugada. Havia dois primos que moravam com a minha avó, um menino, O Júlio Hernani que era da minha idade e uma menina, a prima Vera Lucia, que era alguns anos mais velha. O Júlio Hernani tinha o apelido de “Maninho” e como ele morava lá conhecia todos, conhecia os locais para jogar bola, conhecia os locais para brincar na estação de trem, sabia os horários em que os trens passavam, nós corríamos para ver os trens passarem. Ele vendia pastel na estação, feitos pela minha avó no fogão a lenha. Nas minhas lembranças, estão

impregnados o cheiro da fritura na cozinha da minha avó, que era muito humilde. A casa era a mais ou menos a uns 300 metros da estação. Por isso a nossa infância se deu ao redor da estação do trem. Eu particularmente fiquei muito triste quando desativaram os trens. Nessa época, eu fui poucas vezes ao centro da cidade, exceto quando era para pegar o ônibus de volta à Porto Alegre, na rodoviária que era no centro. Uma vez fomos na “Praia dos Ingazeiros”, uma praia no rio Jacuí, que fica próxima ao centro da cidade.

Quando eu tinha doze anos, para a minha profunda tristeza, a minha avó faleceu, e eu fiquei muito tempo sem ir à cidade de Rio Pardo. Aos vinte e cinco anos, já adulto, fui visitar uma tia que havia ficado morando na casa que era da minha avó. Fui ajudar os meus tios a fazer uma reforma na casa. O meu pai estava junto e a noite saímos para ir na “Festa do Peixe”, festa que faz parte da agenda de festas do município e acontece todo o ano, é uma festa dedicada aos pescadores e a grande abundância de peixes que outrora eles pescavam no Rio Jacuí. Atualmente já não existem mais tantos peixes. Foi nessa festa que conheci a minha esposa, que estou casado até hoje, há vinte e três anos. A família dela também é originária de Rio Pardo, uma família de negros, e nesses vinte e três anos frequento a cidade regularmente. Agora, convivendo no centro da cidade, pois a família da minha esposa mora no bairro fortaleza que é ao lado do centro. São essas lembranças do passado, aliados ao que tenho visto ao longo desses vinte e três anos, e mais as conversas com familiares e amigos me contando as histórias e causos, sempre envolvendo pessoas negras que trago para respaldar e auxiliar na minha etnografia.

Entre na UFGRS para fazer o curso de Ciências Sociais em 2013. Em 2014 fazendo a disciplina de Afrodescendência e Cidadania, fui instigado pela professora da disciplina a trazer algum assunto que fosse referente aos negros e que pudesse ser explorado, pesquisado e produzir um diário de campo. Foi quando trouxe o caso da “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos” que foi o ponto inicial dos meus estudos.

As formas de expressão do racismo, esse comportamento, que antes de tudo constitui as relações sociais, produz reações conscientes e inconscientes nas pessoas. Exponho minha análise nesse caso sobre o racismo, pois são os casos de racismo, principalmente o racismo estrutural que norteiam meus estudos. Entre os muitos casos de discriminação e conflitos nas relações, o município abriga no seu território casos que estruturam as relações raciais e configuram as relações sociais na cidade de Rio Pardo. Nesta cidade, assim como em qualquer outra cidade do Brasil, é esperado que não existam classificações ou categorização de pessoas. Ao passo que classificações raciais são

negadas, o racismo se expressa diariamente através de outras formas de delimitar e segmentar lugares, oportunidades e sociabilidades. À primeira vista, Rio Pardo aparenta ser um local ideal de convivência, compartilhamento de espaços públicos e cordialidade nas relações sociais. Neste município, como já fora mencionado, houve o encontro, por volta de do século dezoito, de alguns grupos de seres humanos de distintas origens. O negro, nativo da África, veio como mão de obra escrava dos portugueses. O indígena que vivia nessas terras. O Português, originário da Europa, que expandia seus domínios mundo afora, e os espanhóis, também originários da Europa, fixados ao sul do continente com o objetivo de povoar a região mais ao sul da América do Sul e também, naquela época, com a intenção de encampar a região conhecida hoje como o sul do Brasil. Com a junção de distintos grupos humanos, sabendo que em algum momento podiam entrar em conflito, levando em consideração que esse conflito as vezes determinava quem viveria ou morreria, para ter um melhor entendimento do contexto foi imperioso direcionar o raciocínio para o campo da racialização. Rio Pardo foi um centro estratégico de ocupação de uma província escravocrata e isso está inscrito nas relações no passado e tem repercussões no presente nas formas de racializar os espaços de sociabilidade na cidade.

Como resultado dos casos de racialização nas relações sociais, percebi que houve, ao longo do tempo, disputas, conflitos e desavenças que foram relevantes no que diz respeito à desestruturação de algumas relações na integralidade do tecido social. Casos de segregação, discriminação e conflitos Inter étnicos na cidade e no interior do município, aconteceram e perduram até hoje. Após a abolição da escravatura os negros do Brasil sofreram muito, principalmente porque ficaram sem acesso a políticas públicas, local para morar, sem trabalho, saídos de um período de criminalização da alfabetização de escravizados, sem representação política, sem apoio por parte do governo, ou seja, entregues à própria sorte. No caso dos negros da cidade de Rio Pardo não foi diferente.

Todavia, para um grupo de oitenta e sete escravos de uma das fazendas do município a situação foi um pouco diferente. Indivíduos negros, outrora cativos, escravizados, receberam da sua ex-Senhora, Maria Jacinta de Souza, solteira, sem herdeiros vivos, como gratidão pelos serviços prestados, alguns hectares dessa terra. Delegar terras por testamento tem sido uma evidência muito frequente nos estudos pós abolição.

O que seria a possibilidade de ingressar em uma nova era, vislumbrando uma vida diferente, longe da escravidão, com terra para cultivar, criar animais, prosperar

economicamente, se desenvolver socialmente, culturalmente, politicamente e finalmente viver uma nova vida como homens livres, no século XX, provocou novamente um incômodo estrutural para relações de subalternização que se instalam na localidade conhecida hoje como Rincão dos Negros, no interior do município, distante trinta quilômetros da sede. Alguns fazendeiros brancos da região, que à época da escravidão eram contra a abolição, na época após a abolição, no século XX, quando não havia mais pessoas escravizadas no Brasil, também não aceitaram que os negros fossem proprietários de terras. Com essa negativa teve início um conflito que transformou a vida dos habitantes daquela parte do município.

Disputa por pedaços de terras, dificuldades nos relacionamentos, atritos nas atividades do dia a dia, das mais simples às mais complexas, enfim, esse era o contexto que se encontrava na região naquele período. Segundo relato dos moradores mais antigos, há o caso de um fazendeiro dono de terras que transformou o uso de um pequeno riacho para dar água aos cavalos em motivo de conflito. A terra, os espaços produtivos, as cercas e outros assuntos, tudo era motivo para desavença. O reflexo mais agudo, ao meu ver, foi no aspecto que de uma certa forma está ligado à religião, fazendo com que tenha se criado uma divisão naquilo que muitos acreditam ser uma ligação do indivíduo com um ente superior e que, a princípio, não seria regido pelas relações terrenas. O conflito atingiu os cultos religiosos, e teve seu ápice no local aonde foi construído a pequena igreja dos negros, que, segundo relato dos moradores daquela localidade, teria sido uma solicitação da própria doadora de terra, ex-senhora dos escravizados. Os escravos então, como gratidão pela doação das terras, construíram a igreja e/ou assim teriam sido instruídos a proceder.

Os fazendeiros brancos do entorno, propuseram aos negros destruir a pequena igreja e realizar a construção de uma igreja maior e mais suntuosa para que os eventos fossem todos feitos na mesma igreja. Os negros temendo perder sua referência, suas ligações com aquele território se negaram a destruir sua pequena igreja. Criando assim no interior do município aquilo eu imaginava ser, nas primeiras incursões, um símbolo mais evidente de um apartheid social de cunho religioso.

Esse conflito estende se, de uma certa forma, até os dias de hoje. Foram essas e outras situações que inicialmente me chamaram a atenção para o trabalho de campo, mas que, como veremos, observa-se também na área urbana atualmente. O conflito em torno das igrejas foi decisivo na minha opção por centrar os estudos na cidade de Rio Pardo.

Como caso mais simbólico e mais significativo me instigou a investigar o caso da “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”.

“Com a morte de Jacinta Souza, a terra ficou para os negros. A família Panta, que possuía fazenda lindeira, não aceitou a decisão e tentou de todas as formas retirá-los do local. Para tanto reuniu quatrocentos homens armados que ameaçavam invadir as casas durante a noite. Muitos negros morreram tentando proteger as casas. A resistência era liderada pelos irmãos Mantoca e Maneco Prudêncio. Um dia a fechadura da igreja dos brancos emperrou e Mantoca ultrapassou a cerca para ajudar a abrir a porta. No dia seguinte foi morto por alguns brancos”. (Zero hora 03.11.1991, p.55).

A partir desse momento os eventos começaram a ser feitos de forma separada, cada um na sua igreja, os negros na “Igreja dos Negros” e os brancos na “Igreja dos Brancos” **(ver abaixo foto 4 e 5)**



Foto 4 – N. Sra. Imaculada da Conceição (Igreja dos Negros)



Foto 5 – Igreja Nsa. Sra. Imaculada Conceição (Igreja dos Brancos)

Analisando esse fenômeno social, busco indagar os motivos de tal obscurantismo. Numa primeira análise, imagina-se que os negros estão sendo preteridos pelos brancos, mas percebe-se que os negros preferiram ficar com a sua igreja como forma de resistência, como uma estratégia de sobrevivência. A pequena igreja provocou nos negros da localidade um sentimento de pertencimento àquele território, um território negro. Percebe-se que os negros desde a época da abolição e evidentemente tendo reflexos nos dias de hoje, principalmente no que diz respeito às relações interétnicas, relações sociais ou relação sócio raciais, como se queira, precisaram traçar estratégias e formas de combater a indiferença, discriminação e as injustiças sociais as quais eram, e ainda são submetidos.

Essa situação prolongou-se até o ano de mil novecentos e sessenta e oito quando o padre da Igreja Matriz interveio e conseguiu demover as duas partes da ideia do conflito e os eventos passaram a ser feitos de forma compartilhada. Finalmente os ânimos se arrefeceram e aquela localidade, no interior do município passou a conviver com compartilhamento dos espaços das igrejas.

“De uma maneira geral, o que costuma chamar a atenção das pessoas ao conhecerem um pouco da história do “Rincão dos Pretos”, em Rio Pardo, é a existência de duas capelas, uma ao lado da outra: a dos “brancos” e a dos “negros”, o que provoca uma segregação racial que se materializa na festa em homenagem a mesma padroeira: N. Sra. Imaculada da Conceição, que é quando os negros moradores de outras localidades, cujos antepassados

residiam no Rincão, retornam para lá, a grande maioria em caravanas”.
(Santos, 2001)

Parte dessa história pode ser conhecida através do trabalho de Rui Santos, em sua dissertação de mestrado no ano 2001. Santos foi de extrema importância para o início dos meus estudos. Santos que é natural de Rio Pardo, e tem ligações com a Comunidade Quilombola Rincão dos Negros, fez um estudo que trouxe à tona muitas informações que ficam a margem da historiografia oficial. Me refiro aos achados etnográficos que Santos fez, citando a festa da padroeira, mas não só isso, ele evidencia que através da festa da padroeira não só a comunidade originária do Rincão mas também uma boa parcela dos indivíduos negros da cidade de Rio Pardo se dirigem ao Rincão à época da festa como forma de afirmação do seu pertencimento étnico.

“Pertinência, pertencimento e fronteiras étnicas são ingredientes importantes para se pensar os espaços sociais que são privilegiados pelos atores sociais a fim de elaborarem e delimitarem seus espaços. Isso porque a manifestação étnica em uma sociedade pluriétnica e extremamente estigmatizadora faz com que os atores sociais etnicamente distintos manipulem a sua condição enquanto tal, “dependendo do interesse específico que quer explorar”. (Santos, 2001 p. 18).

3.2 Lugares e modos de afirmação da negritude

O diálogo que faço com Santos é sobre o sentimento de pertença. Entendo que assim como os negros residentes no Rincão e os negros que se dirigem até lá, tendo como um local de resistência negra, os negros residentes na área urbana também necessitam e constituem locais de sociabilidade e modos de identificação com a etnia e com a cultura negra. Enquanto Santos pesquisou e organizou dados sobre o Rincão, eu pesquisei em outras áreas do município, fazendo um levantamento dos espaços de sociabilidade, observando que os indivíduos negros que não tem ligação com o Rincão também elege um local que eles consideram ser um território negro, dando assim a sensação de segurança e pertencimento étnico. Entre alguns locais observados percebi na Escola de Samba Embaixadores do Ritmo uma forte tendência a ser esse local. A Escola de Samba valoriza a cultura negra, promove a interação entre os indivíduos negros, promove o contato com o resto da cidade, proporcionando assim um compartilhamento interétnico entre os membros da escola e membros de outros segmentos da sociedade.

Com a promulgação da constituição de 1988, um artigo específico das disposições constitucionais transitórias prevê o reconhecimento e demarcação de terras de comunidades quilombolas. Essa cláusula abre margem para que comunidades negras em todo o Brasil reivindiquem a auto declaração e posteriormente, o reconhecimento e, de acordo com laudos, relatórios antropológicos e outros documentos elaborados de uma forma colaborativa interdisciplinarmente, titulado como Comunidade Quilombola. A localidade de Rincão dos Negros também reivindicou seu auto reconhecimento. No ano de dois mil e dois, a localidade foi reconhecida como comunidade quilombola e o trabalho prévio de Rui Santos foi fundamental para a consolidação deste pleito. Com o reconhecimento, o conflito recrudesciu e as pessoas, negros e brancos, novamente se separaram, passando a realizar os eventos nas igrejas de forma separada. Minha observação, portanto, é posterior ao reconhecimento da comunidade, mas percorre a permanência de relações perpassadas pelo racismo que ele já evidenciava.

A forma como se deram as relações no passado, são um convite a refletir sobre as relações sociais no presente. Com os estudos que venho empreendendo, com a experiência como pesquisador voluntário e acúmulo de informações, elementos necessários na confecção do meu TCC, identifiquei elementos que atualmente me instigam a pesquisar e tentar entender os movimentos sociais que acontecem na cidade.

“Andam na rua, compram em lojas, pegam ônibus, vão e vem à escola, só que a meu ver, existe uma barreira social entre os cidadãos, isso pode ser percebido na vestimenta, na forma de falar, no local para onde se dirigem, se anda de carro, de ônibus ou se deixou o cavalo amarrado algumas ruas abaixo, enfim, é nesse momento que se consegue ver a complexidade da cidade que tem entre seus habitantes negros e brancos que vivem em total harmonia mas que em determinado momento as diferenças se mostram visíveis. Um outro momento em que ocorre esse movimento é no final da tarde, o movimento frenético se inicia de forma abrupta e termina de forma abrupta. Nessa hora algumas pessoas fazem o que é conhecido como “Happy Hour”. Nesse momento se percebe que a maioria dos negros deixa o centro, ficando na sua maioria os moradores brancos do centro, parece que nesse momento acontece uma verdadeira divisão étnica”. (Silva, 2019 p. 21)

Estou me valendo das teorias, dos conceitos e utilizando metodologias antropológicas apropriadas, proporcionando um olhar singular sobre as relações sociais no município em que procuro evidenciar, nas diversas vezes em que estive observando o movimento humano na cidade, nas suas mais variadas nuances, as movimentações em torno das relações interétnicas e as experiências de racialização e preconceito racial. Nas incursões de campo através da metodologia da etnografia realizadas entre os anos 2014 2019, mantive o intuito de observar, participar da vida na cidade, e presenciar as movimentações obtendo informações que demonstram um convívio aparentemente cordial e de cooperação entre todos os cidadãos, mas fortemente marcado por repartições de lugares e atividades.

A perspectiva de “democracia racial” poderia muito bem ser defendida de modo imediato e superficial, ao observar as relações inter-raciais em Rio Pardo. Mas são de uma sustentação frágil e volátil, pois as mesmas podem a qualquer momento se transformar em conflito. Sueli Carneiro (2005) nos chama a atenção para o quanto o mito da democracia racial esvazia conceitualmente os modos de analisar a distribuição e segmentação de oportunidades fortemente marcadas pela racialização de nossas relações. Essas relações, evidentemente, são entre pessoas de etnias diferentes, mais especificamente relações entre negros e brancos e também podem ser chamadas de relações interétnicas ou relações sócio raciais.

Para exemplificar, apresento e cito o relato do Rodrigo Vieira, um dos meus interlocutores, nos meus estudos para o TCC. Da para perceber, através do relato de um indivíduo que nasceu e vive na cidade, que circula nos mais variados setores da sociedade, que ele também enfrenta o racismo, também sofre discriminação.

“O Rodrigo Vieira é daqueles caras que todo mundo conhece. O seu apelido é “Digão” e é assim que vou me referir a ele daqui para a frente. Já conheço o Digão a muitos anos, desde a minha infância. Depois de alguns anos sem frequentar a cidade reencontrei o Digão já adulto e muito “popular”. No tempo em que fiquei sem visitar a cidade soube que o Digão tinha se tornado jogador de futebol, mas não tinha maiores informações. Quando voltei a frequentar a cidade no ano de dois mil, costumava ver o Digão, mas devido aos anos afastados não mantivemos os mesmos laços de amizade que tínhamos na infância. Sempre via os seus movimentos e acompanhava o que

ele fazia à distância. Algumas pessoas conhecidas diziam que ele é um “negro branqueiro” pelo fato de ele estar sempre rodeado de pessoas brancas. Talvez isso se explique pelo fato dele morar no centro da cidade, promover festas de pagode, ter sido jogador de futebol, presidente de uma das Escolas de Samba da cidade, vender “churrasquinho” no centro da cidade, ser comunicador de uma rádio local e trabalhar na secretaria de cultura do município. Com todas essas atividades não me surpreende que o Digão tenha ultrapassado a barreira da cor.” (Silva, 2019 p.26)

Essa é uma classificação ambígua, ao mesmo tempo que refere ao *negro bem-sucedido*, aponta para um modo de relacionamento que alcança um reconhecimento em relações inter-raciais que não são disponíveis a todos:

“Então, assim ó Rodrigo, a gente comentou aqui né, vocês são três irmãos né, três irmãos muito conhecidos, com muito carisma uma inserção social muito grande, certamente aqui em Rio Pardo existem outros negros que são, vamos dizer assim bem-sucedidos, não financeiramente, mas tem uma boa inserção social, são bem conhecidos e tal, tu acha que existe uma igualdade racial aqui em rio pardo e se não, de que forma tu vê essa questão?

“Eu tenho um argumento muito bom, tu tem grandes amigos, no momento da divergência vem o “negro isso”, “negro aquilo”, quando aperta o calo isso ainda existe muito, mas existe, são teus amigos e tal mas existe muito quando aperta o calo, não tem mais argumento ai vem o “negro isso”, “negro aquilo” ai cai a casa tá dentro deles, então o último argumento é o negro..., daí vem no automático entendeu”. (Silva, 2019 p. 31)

São esses casos que, ao meu ver, de uma certa forma, refletem a maioria das relações. As dificuldades nas relações interétnicas foram fundamentais para entender como se davam os vínculos sociais na cidade de Rio Pardo. Hoje, ainda existem algumas circunstâncias em que existe divisão entre negros e brancos. Muitas dessas divisões não são físicas, configuradas em locais aonde os indivíduos podem ou não entrar. Evidentemente são simbólicas, não existe uma regra ou norma escrita, mas remetem às mesmas circunstâncias das igrejas.

Um dos objetivos dos estudos é identificar os motivos que levam os indivíduos a perceberem, ou não, as situações de discriminação a qual são submetidos. Se em Silva (2019), meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais na UFRGS, me ocupei de fazer um levantamento de histórias sobre o preconceito racial vivido, pude analisar algumas percepções de indivíduos negros moradores da cidade de Rio Pardo sobre a sua condição de cidadão negro em uma cidade com esse passado de escravidão e conflitos interétnicos. Expliquei algumas maneiras de como os indivíduos percebem as situações e quais as estratégias de sobrevivência no dia a dia. Fiz com os meus interlocutores um questionamento a respeito da percepção individual sobre a sua etnia. Alguns apontamentos e investigações realizados, mostraram que sim, os negros entendem a sua condição de negros e entendem que essa condição traz dificuldades em vários aspectos da vida na cidade. Santos (2001) corrobora a ideia de que a identidade étnica obedece a um raciocínio lógico que permitiria aos negros entenderem a sua condição subalternizada e se auto reconhecerem como negros.

“A questão da identidade étnica dos negros volta-se, necessariamente, para o aspecto construtivo dessa identidade. Isso porque cabe pensar que, nos processos interativos sociais, vários elementos convergem para a reelaboração de um campo ideológico que, por sua vez, passa a ser significativo para as pessoas que dele participam” (Santos, 2001).

Neste novo momento, a reflexão que me proponho a fazer nessa dissertação é de questionar esses indivíduos e observar se esse comportamento é consciente ou inconsciente. Busco entender como os negros percebem, ou não, o racismo, as racializações, discriminações e as injúrias raciais.

Como resultado desse devir históricos, as situações de segregação na cidade atualmente apresentam-se em alguns casos, que são sutis, imperceptíveis e eventualmente disfarçados de cordialidade nas relações. Objetivo conhecer e analisar essas situações e demonstrar o que são essas segregações, sua variabilidade e o modo como é vivida ou pensada pelos interlocutores. Homens e mulheres, brancos e negros ocupam o espaço urbano e rural de forma amistosa, mas na convivência, de uma forma simbólica existem divisões sutis e silenciosas que refletem a forma como as pessoas dividem os espaços coletivos, os espaços compartilhados e espaços exclusivos e relativamente protegidos das injúrias raciais.

Um dos momentos em que se pode observar a sociabilidade urbana, momento em que grande número de indivíduos converge para o centro da cidade, indivíduos que muitas vezes não moram no município, se dirigem, como forma de encontrar festa, paquera, sociabilidade e outras formas de diversão. Esse evento é o Carnaval e pode ser claramente identificado como um amplo local de compartilhamento do espaço público.

Na cidade de Rio Pardo, com o objetivo de observar o cotidiano, observar o dia a dia, as relações, as amizades, os conflitos, as manifestações culturais, sociais, políticas profissionais e de compartilhamento de espaços, percebe-se uma cidade que pode ser comparada a qualquer outra cidade do Brasil, mas com situações que encobrem os verdadeiros conflitos, esses muitas vezes despercebidos. O carnaval é uma síntese do que acontece na cidade. Nos quatro dias do carnaval acontece, em termos de relacionamento e sociabilidade o que geralmente não acontece nos outros dias do ano, pois nesses dias, observadas as devidas proporções, a cidade toda se transforma numa grande festa. O carnaval mostra amizades, conflitos, paqueras, música, comércio e outros eventos sociais que remetem à um estado de compartilhamento de espaços e situações que formam um apanhado daquilo que não é normal acontecer todos os dias.

No universo do carnaval, a escola de samba Embaixadores do Ritmo chama a atenção, pois, segundo relato de alguns moradores da cidade, seria a Escola de Samba dos Negros e a Escola do Samba Candangos seria a Escola de Samba dos Brancos. Obviamente existe outras agremiações carnavalescas como tribos, blocos e bandas, mas a disputa das maiores escolas fica entre essas duas. Isso, ao meu ver, demonstra que mesmo nesse evento que parece ser o ideal de convivência e compartilhamento do espaço, há distinções nas relações.

Este poderia ser um estudo sobre Carnaval? Os antropólogos já discorreram sobre o carnaval, como veremos a seguir, e sobre escolas de samba para falar sobre identidade negra e suas formas de valorização cultural. Já decompueram as fases do ritual, dos desfiles e buscaram através do Carnaval evidenciar um “mundo invertido”, um espaço singular de ordem e desordem. Busco sair desses limites temáticos. O Carnaval aqui é uma forma de ingressar na vida social de Rio Pardo e indagar sobre as relações interraciais.

“O centro comercial da cidade fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas ligadas ou não às corporações típicas do carnaval – como

bloco e escolas de samba -, possam ocupa-lo sem problemas. A rua ou avenida é domesticada, já que no mundo diário as ruas do Brasil (e do Rio de Janeiro) são áreas mortais, com os automóveis trafegando em alta velocidade, dispostos a liquidar as pessoas. No carnaval, porém, esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval. Transforma-se, sob um chamado “esquema carnavalesco”, um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) em um centro de todo o tipo de encontros e dramatizações típicas do carnaval. (Da Matta, 1936 p. 111)

Um dos objetivos é tentar entender como o universo do carnaval contribui para a distinção, divisão, segregação, e/ou união nas relações sócio/raciais. Busco entender como a segregação racial é vivida e o modo como estrutura a vida social na cidade, através do relato e reflexões de seus moradores. Moradores da cidade que relatam percepções diretas com situações em que se possa visualizar as fronteiras simbólicas dessas variadas situações de segregação. Na escola de Samba, ao que me parece, há uma ideia de territorialidade negra. Nesse local os negros se identificariam com a sua etnia e mais do que isso, reforçariam a construção da sua negritude. Como buscava compreender Santos:

“E é esse retornar que sempre me instigou e que tento compreender, ou seja, o real significado dessa volta a um lugar que talvez pudesse ser de tristes lembranças em função de toda uma contingência que levou essas pessoas a irem embora, para longe de seus ascendentes e amigos” (Santos, 2001)

Busco estabelecer um paralelo entre a situação dos negros que voltam para a festa da padroeira e os negros que “torcem” para a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. Ao meu ver, fazendo esse movimento, o de torcer para determinada escola de samba, isso faz com que eles se identifiquem com a sua etnia e reforcem o sentimento de pertença, ou seja, potencializem a representação ritual, representação simbólica, sociabilidade, construção e/ou atualização identitária.

Um dos objetivos é ampliar o alcance da discussão antropológica sobre o próprio carnaval e mostrar que escolas de samba que já foram estudadas como espaço negro, refletem também as relações sociais e nos permite mostrar como a cidade vivencia o carnaval como uma expressão pública das relações inter-raciais.

Por esses e outros motivos que vejo nos estudos sobre a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo através do carnaval de Rio Pardo uma forma de perceber a agencia do negro no contexto do posicionamento político, social, trabalhista, cultural etc. para além do momento do Carnaval, sob o manto da ideia de *comunnitas* proposta pela análise de DaMatta.

A escola de Samba Embaixadores do Ritmo, um clube negro, fundado no ano de mil novecentos e sessenta e oito, é considerada extraoficialmente na cidade como “*escola dos negros*”, em contraponto à escola de Samba Candangos que é conhecida como a “*escola dos brancos*”. Essa “disputa ideológica” em torno da filiação dessa ou daquela escola de samba é figura conhecida na cidade. Em Rio Pardo, temos as seguintes agremiações:

Escolas de Samba de Rio Pardo
Beija-Flor
Embaixadores do Ritmo
Enamorados
Os Candangos
Realeza da Vila
Unidos da Vila Guerino
Unidos de Santa Luzia

Como parte da elaboração desse trabalho, procuro me amparar na bibliografia existente sobre carnaval no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul. Busco elementos que possam me dar um auxilio no que diz respeito a outras manifestações culturais ligadas ao carnaval e trago elementos que possam mostrar e até de uma certa forma orientar as minhas investigações sobre o evento como um todo como é o carnaval. Posteriormente pretendo fazer um recorte nas escolas de samba, e finalmente, o que seria o meu objetivo principal, observar as escolas de samba na cidade de Rio Pardo que ao meu ver, refletem as relações sociais e o compartilhamento de espaços públicos nas cidades.

“Por outro lado, o carnaval é um momento de *comunnitas*, mas que serve – nas condições da organização social da sociedade brasileira, dividida em classes e segmentos – para manter a hierarquia e a posição social” (DaMatta, 1936 – p. 64)

Na abordagem de Da Matta, ele cita alguns tipos de festas populares tidas como rito e compara com o Carnaval que, segundo sua análise, também é um rito. Da Matta cita que o carnaval assim como os outros eventos serve para manter a hierarquia social, por

isso, se percebe uma filiação das variadas classes sociais brasileiras nas escolas de samba no intuito de, pelo menos por alguns dias, se esquecer das classes e posições sociais da quais são oriundos. Entretanto, o autor é muito pouco explícito no modo como essa hierarquia faz uso de símbolos e noções racializadas, permanecendo em um terreno genérico de “ordem e desordem” social.

Segundo minhas observações, mesmo dentro do universo do carnaval, há divisões de classe e etnia. A população fazendo esse movimento, de se jogar na festa, não percebe que está contribuindo para manter o *status quo*. Esse exemplo diz respeito ao carnaval no Brasil como um todo, segundo Da Matta, mas pode ser muito bem aplicado na cidade de Rio Pardo, pois, de acordo com as minhas investigações há uma divisão hierárquica nas escolas de samba, e não se baseia necessariamente em classes sociais, mas sim, segundo o que me parece, em divisão interétnica.

“Nessa passagem é preciso “arrumar o corpo”, tornando-o publicamente apresentável. A roupa e a aparência (que inclui o modo de andar, falar e gesticular) ajudam a manter uma posição de membro de uma “casa”, mesmo quando se está em plena “rua”. E ajudam a revelar que o interlocutor é “gente que se lava”, isto é, “gente de berço”, que obviamente tem “onde cair morto”, pois isso é sinal de indicativo de ter uma casa como propriedade permanente e estar sempre num mesmo local onde pode ser encontrado e todos se conhecem. Inconcebível essa mobilidade extrema dos americanos, que nunca estão preocupados em ter uma casa e vivem, as vezes, em casas moveis!” (Da Matta, 1936 p. 120)

Com a citação de Da Matta, percebe se, assim como foi citado anteriormente, que mesmo no universo do carnaval, aonde a princípio não deveria haver distinção, de uma certa forma há, pois a final de contas o que todos estão fazendo ali é nada mais nada menos do que curtindo a festa. Da Matta observa que há distinção entre os que são “gente de berço” e quem não é, no caso do carnaval de Rio Pardo, consegui observar que além dessa divisão entre quem “é de berço” e “quem não é”, ~~mas~~ pude observar também um terceiro elemento que é o fator raça. O fator pode ser muito bem exemplificado pela forma que muitos indivíduos se dirigem à folia. Alguns indivíduos, geralmente moradores do centro, amigos, parentes, colegas de aula ou de trabalho, se organizam em blocos, geralmente com um nome engraçado, Loucólicos, Bafo de Bira, As Desgarradas, etc., e para distinguir dos outros blocos e do restante das pessoas do carnaval, fazem uso de uma

camiseta com o nome e as cores do bloco. Esse grupo de pessoas vai ser identificado durante a festa, vai permanecer dentro de um bloco que promove a união de quem é do bloco e exclui quem não é. Esses indivíduos, na sua maioria são pessoas brancas moradores do centro. Eles fazem uma segregação, através da brincadeira do carnaval, curtem a festa e perpetuam aquilo que acontece na cidade há muitos anos, ou seja, a divisão de classes e a divisão de raças.

Outra evidência que denota o caráter interétnico da sociabilidade envolvida no carnaval, é a forma como foi observado por Galli e por Catani quando consideraram o momento em que começam as repressões policiais. Isso corrobora, como podemos ver anteriormente, as perspectivas de Clóvis Moura, Abdias do Nascimento e Silvio Almeida quanto ao racismo no Brasil. Nas investigações desses autores fica evidente a repressão policial à camada negra da população, como leis normas e regras que somente são observadas quando se aborda um cidadão negro e também com o grande número de prisões de negros e mortes nas favelas, em todas as épocas e de forma mais intensa no carnaval.

“Catani mostra que a partir de 1964 o tema da repressão policial ao Carnaval começou a aparecer com maior intensidade nos jornais locais. Itens como fantasias e alegorias passaram a ter proibições e as forças policiais passaram a agir no sentido de “garantir a moral e a ordem pública no Carnaval” (Galli apud Catani, 2014, p.88).

No meu campo, realizado na cidade de Rio Pardo, observando as relações interétnicas para a compreensão do racismo, fica evidente que não só na cidade de Rio Pardo, como no restante do país, que o carnaval é uma festa negra que vem sendo amplificada como festa brasileira e tornando a presença negra “parte” de um evento, que remonta inclusive ao calendário cristão, mas não observa o predomínio das formas de sua celebração como algo ligado a vasta cultura negra no Brasil. Por isso acho que se torna importante trazer algumas outras formas de se analisar os modos de fazer carnaval.

Fiz um recorte e optei por buscar uma revisão bibliográfica sobre o carnaval somente no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre aonde teve a inauguração da Pista de Eventos denominada Porto Seco em dois mil e quatro. Como mostra Bittencourt (2006), trata-se de um episódio de desterritorialização da sociabilidade negra em Porto Alegre. A pista de Eventos Porto Seco teve a inauguração concretizada depois de mais de

dez anos de tentativa do setor público *de achar um local* em que pudesse ser feita uma pista de eventos definitiva, pois na cidade de Porto Alegre os desfiles de carnaval eram feitos inicialmente na avenida Perimetral, na área Centrica da cidade, com toda a estrutura móvel montada anualmente e posteriormente na avenida Beira Rio também com a estrutura móvel montada apenas para as datas do evento.

A comunidade Carnavalesca de Porto Alegre buscava um lugar aonde pudesse ocorrer os desfiles, entre muitas outras coisas, em lugar que fosse junto aos barracões da escola de samba para não ocorrer como aconteceu diversas vezes que os carros alegóricos eram feitos em um local mais distante do centro da cidade e tinham que ser rebocados até o local do desfile, provocando estragos nos carros, confusões no trânsito além das dificuldades das escolas de samba retirarem os carros do local após os desfiles, ficando muitas vezes a cargo da prefeitura a retirada das alegorias.

Por trás de toda a dificuldade em se achar um local para se fazer o carnaval em Porto Alegre está a alegação da maioria das associações de moradores, lojistas e empresas a ideia de que durante o carnaval, frequentado na sua maioria por pessoas negras, aconteceriam as mais variadas situações que iriam desde bagunças e arruaças, passando por assaltos e até mesmo a alegação de que iriam transformar o bairro em “*banheiro a céu aberto*”.

“O Carnaval que nos anos 2000 foi transferido para o Porto Seco foi o chamado Carnaval espetáculo, formato que se consolidou em Porto Alegre entre 1962 e 1973, conforme o estudo de Catani (Galli apud Catani 2014)”.

Essas e outras alegações, ao meu ver, não fazem muito sentido, a não ser por uma postura racista da sociedade Porto-alegrense. A ideia seria que junto com a pista de eventos houvesse espaço também para os desfiles de sete de setembro em comemoração à Independência do Brasil, e também os festejos de vinte de setembro que seriam alusivos a Semana Farroupilha. Uma prova de que há evidências de racismo com a negativa de se fazer a pista de eventos, é que carnaval dos negros foram colocados em um bairro bem afastado do centro com difícil acesso. E os festejos de sete e vinte de setembro continuam no mesmo local. Cabe lembrar que nesse mesmo local aonde foi impedido de acontecer o “carnaval negro” da cidade, nos últimos anos vem sendo palco para desfile dos blocos carnavalescos, formados na sua maioria por brancos e nos desfiles de vinte de setembro acontece os desfiles das cavalarias do exército, da brigada e dos cavalarianos do

Movimento Tradicionalista Gaúcho que em um determinado ano foi em número 1.500 cavalarianos, promovendo um verdadeiro “*banheiro a céu aberto para os cavalos*”, o que, na visão dos gaúchos não seriam problema similar.

A partir da análise da historiadora Laura Spritzer Galli podemos ver como o carnaval evolui na cidade de Porto Alegre e depois como o estado (prefeitura) se apropriou do evento numa tentativa de controlar a população.

Em Porto Alegre, a recém-fundada Academia de Samba Praiana, formada por pelotenses, revolucionou o Carnaval local em 1961 nos moldes das escolas de samba do Rio de Janeiro, trazendo à avenida muito mais componentes do que o habitual, e constituindo alas, fantasias de luxo e tema-enredo” (Galli, 2019).

Sob a perspectiva de análise historiográfica, percebe-se a evolução do carnaval e a forma como o carnaval foi se transformando até os dias de hoje, quando os eventos são finalmente feitos em um local próprio. Cabe a mim fazer uma análise sob a ótica da Antropologia, para isso pretendo analisar alguns trabalhos antropológicos sobre o carnaval para ter uma ideia do que vou encontrar em Rio Pardo.

Marcelo Silva (2017) concentrou seus estudos na escolha dos Sambas Enredos. Ao alegar que muitas das entidades utilizam o termo “Mãe África”, evidencia o meu interesse por estudar sobre o universo do carnaval porque se percebe na escolha do tema central a forma de oferecer a comunidade carnavalesca a possibilidade de ter um contato com a sua etnia e com aquela que seria o maior desejo enquanto comunidade negra, ou seja, um “retorno” à “Mãe África”.

” Os critérios utilizados nas escolhas são os mais distintos e não foi possível estabelecer em minha pesquisa de campo uma linha seguida pela maioria das escolas para tal escolha, porém, existem alguns enredos que na história dos carnavais têm uma proeminência e já foram recontados diversas vezes. Um dos temas que transitam na órbita dos festivais de samba-enredo nas cidades pesquisadas é o continente africano ou como ouvi em muitos sambas, uma ideia cristalizada de “Mãe África”” (Silva, 2017)

Percebe-se que ao longo dos anos tanto na História quanto na Antropologia pesquisadores se debruçaram sobre o assunto carnaval. Sob o ponto de vista de Da Matta

com o conceito de Ritual. Sob a ótica histórica, trazendo a dificuldade e discriminação a qual é submetida a comunidade negra quando se observa que é difícil se achar um local para os desfiles na área central da cidade e finalmente sob o ponto de vista do Antropólogo Marcelo Silva que se ocupou em pesquisar a escolha dos sambas enredo e traz a ideia de que apesar de se falar de vários assuntos, a “Mãe África”, geralmente é o tema escolhido, justamente por remeter à ideia de que com esse assunto se restitui a origem da população negra.

Com base nestes estudos reforço minha intenção de pesquisar as relações sócio/raciais na cidade de Rio Pardo tendo como objeto de estudos a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. De acordo com análises preliminares, percebo que há um “embate social” que fica explícito no carnaval, e faz com que as pessoas se filiem a determinada escola por ser a “escola dos negros” ou “escola dos brancos”.

O objetivo é ampliar a discussão sobre o carnaval e mostrar que escolas de samba já foram estudadas como espaço negro, mas vejo que há espaço para investigar as relações inter-raciais que a compõem e como uma cidade, em especial, vivencia o carnaval como uma expressão pública o que nos permitirá compreender melhor o modo como são vividas as relações inter-raciais.

Capítulo 4 -Espaços e intensidades da negritude em Rio Pardo

Nos meus estudos, durante o trabalho de campo, observei que algumas situações em que o compartilhamento de espaços sociais na vida urbana, em algum momento, por algum motivo, era conflituoso, e em alguns, me apresentavam uma convivência já reconhecida como parte do cotidiano. Mesmo nos contextos em que o cenário de convívio urbano remetia a uma harmonia nas relações, eu percebi, através de observação, que havia aspectos de racismo estrutural. Com o decorrer da observação desvendi um campo complexo que merecia um olhar mais específico e apurado. Constituí uma agenda de observação alcançando os mais variados espaços sociais, setores e situações ocorridas na cidade.

Observei em mais de um espaço as dificuldades nos relacionamentos, a distinção entre negros e brancos, os casos de racismo, os casos de compartilhamento de espaços conflituosos e os casos de compartilhamento de espaços harmoniosos. Ao mencionar dificuldades, ou mesmo conflitos nos relacionamentos, fica evidente que tais eventos aconteciam em locais aonde as pessoas se encontravam, compartilhavam espaços, interagiam, cooperavam, enfim, era nos locais de encontros que se observava o conflito interétnico.

Este capítulo está composto de cinco tópicos. Pretendo oferecer um mapeamento da cidade de Rio Pardo que consolidei durante o trabalho de campo e indagar sobre a visibilidade e invisibilidade que a negritude alcança para a cidade e o que a branquitude experimenta da presença da negritude em seus espaços sociais. Percebi também, através de observação participante, que existe algo como um acordo silencioso, um pré-acordo em que as pessoas sabem aonde devem e não devem ir. Mesmo sem existir uma regra escrita, ou explícita, fica subentendido. É sobre esses locais de sociabilidade, que pretendo abordar nesse capítulo e sobre as atitudes que neles são esperadas.

4.1. As intensidades do lazer na Escola de samba

Na cidade de Rio Pardo, assim como em todos os lugares, existem os mais variados espaços de compartilhamento. Esses espaços podem ser públicos, como é o caso de órgãos como a prefeitura, postos de saúde, fórum, hospitais e outros. Equipamentos Urbanos de uso comum como ruas, estradas, praças e avenidas. Há também as empresas privadas de uso comum como é o caso de supermercados, lojas, farmácias, açougues e outros. Entre os espaços de sociabilidade há aqueles destinados à diversão, como é o caso

do estádio de futebol, restaurantes, casas noturnas, clubes, a praia, o Jockey Clube, o parque de exposições e outros. Nesses locais há o encontro dos mais variados tipos de pessoas, esses locais, enquanto instituição, e devido a questões éticas, morais e legais não discriminam quem quer que seja, ou pelo menos não deveriam. Segundo as minhas observações, existe discriminação entre os frequentadores dos espaços de convívio mútuo.

Observar a sociabilidade na cidade de Rio Pardo para mim foi um exercício de tentar entender, através da observação participante, por que há uma aparência de normalidade nos relacionamentos Interétnicos. Eu, em algum momento, relatei essa normalidade nos relacionamentos à democracia racial mencionada por Gilberto Freire. A democracia racial, conforme foi citado por Gilberto Freire na sua obra “Casa Grande e Senzala”, seria uma harmonia entre os moradores da Casa Grande, os ricos fazendeiros, donos dos escravos e os escravos moradores da Senzala, local destinado a moradia dos mesmos.

Cito a “Democracia Racial”, por que foi a forma que encontrei de nominar especificamente as relações que observei na cidade. Alguém que por acaso se dirija à cidade, sem ter ideia de que ali existe racismo estrutural, injúria e distinção racial, verá uma cidade que corresponde com as ideias de Gilberto Freire, teoricamente, por que na prática não é o que acontece. Cito Barth e as fronteiras interétnicas, por que pretendo explorar a ideia de que os indivíduos negros ao saírem do seu território, do seu local de origem e adentrarem em um outro local aonde existe o convívio com indivíduos brancos, muitas vezes esse contato é conflituoso. Nesse contato, os indivíduos se identificam como negros, e uma das formas de se identificar é ter a percepção de que estão sendo olhados de outra forma, estão sendo tratados de outra forma, enfim, finalmente se dão conta que estão vivendo sob os “tentáculos” do racismo estrutural, coisa que no seu território, ou local de origem, não acontecia. Muitas vezes os indivíduos negros da cidade não percebem a situação na qual estão inseridos, por isso trouxe essa forma de ver as relações na cidade. Para fazer tal afirmação, me baseio em relatos de pessoas que hoje, muitos estão na casa dos setenta anos, são nascidos e criados na cidade. Vivendo em uma cidade que no passado foi escravagista, que teve a sua economia baseado na escravidão, mas que para esses indivíduos negros que viveram e vivem até hoje no município, parece que não existe racismo, ou, como forma de proteção, ou até mesmo como estratégia de sobrevivência fingem que não existe. Essas pessoas, mesmo convivendo ao longo da vida

com situações de racismo, muitas vezes o renegam, não afirmam que não existe racismo, mas o comportamento delas frente as situações racializadas é que remetem a uma “Democracia Racial”.

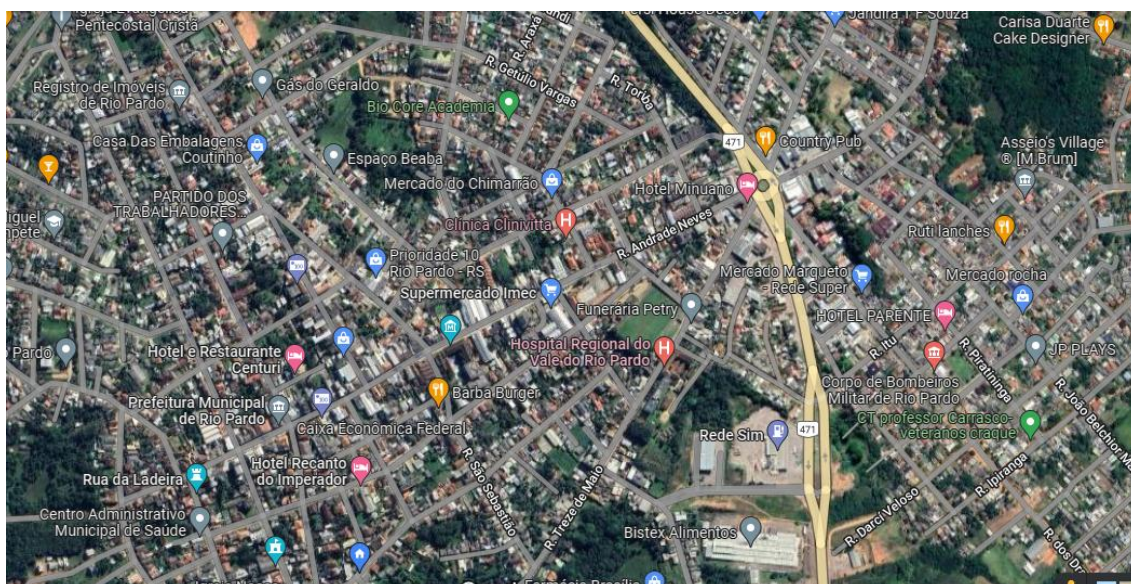
A “Democracia Racial”, na verdade não existe e nunca existiu, pois não houve harmonia no passado, na época da escravidão, e, nos dias de hoje, quando não há mais escravidão, também não há harmonia nas relações Inter étnicas.

As minhas observações tiveram início com um percurso investigativo em julho de dois mil e quatorze. Era inverno e fui em busca de informações para realizar um trabalho de final de semestre. Fui instigado, a descobrir o local conhecido como Rincão dos Negros. O que chama a atenção nesse local é que há uma localidade no interior aonde existe a “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”. Nesse percurso conversei com algumas pessoas. De uma forma investigativa, conversei com professores, historiadores, advogados, donos de sebo e outros, no intuito de buscar informações sobre o Rincão dos Negros. Essas pessoas me indicavam nomes de outras pessoas que poderiam me falar do assunto. Percebi que o que eu procurava era de conhecimento de todos mas era um assunto que não gostavam de falar. As pessoas sempre diziam que já ouviram falar mas não sabiam muita coisa a respeito. Parecia ser um tabu para aquelas pessoas, por isso o percurso investigativo. Percebi que havia um desconforto em tocar no assunto.

Eu saliento essa situação porque, nos meus estudos, foi o primeiro contato que eu tive com as dificuldades de relacionamento entre indivíduos. O que me chamou a atenção foi que das pessoas que conversei, até mesmo historiadores e professores não se sentiram à vontade para tratar do assunto. Essas pessoas eram todos moradores da cidade, do centro, brancos e membros da sociedade Rio-pardense, hoje eu entendo porque eles não quiseram comentar sobre o assunto. A única pessoa que me passou informações sobre o local foi uma senhora, moradora da vila nova, negra, e que era prima dos negros do Rincão, a Sr.^a. Ordalina David de Souza, que veio a falecer durante a pesquisa, ela sim falou abertamente, me falou exatamente aonde era o local e como eu fazia para chegar lá. Essa primeira abordagem foi importante, foi quando comecei a perceber que havia algo a mais nos relacionamentos, pois até então eu circulava pela cidade, e como indivíduo negro, sabia que lá também existia racismo, pois para um indivíduo negro sempre há racismo, em todos os lugares.

Eu observava e sentia o racismo mas não sabia o quanto a dificuldade de relacionamento estava cristalizado naquela sociedade e mais do que isso, a distinção nos relacionamentos disfarçado de harmonia.

Essa percepção sobre os relacionamentos na cidade me instigaram a lançar um olhar mais atento, e foi a partir dessa percepção que eu, inicialmente com observação participante iniciei um processo de tentar descobrir os locais de sociabilidade, locais aonde as pessoas se encontravam, locais aonde havia compartilhamento de espaços no município. Inicialmente foi necessário traçar uma estratégia de conhecimento da cidade, eu com intuito de fazer uma observação detalhada dos espaços de sociabilidade, fiz um levantamento sócio espacial da cidade de Rio Pardo.



Mapa 3 – Mapa expandido de Rio Pardo (centro e bairros)

Partindo do centro da cidade, local onde, ao meu ver, ocorre a maior concentração de pessoas e consequentemente o encontro e compartilhamento de espaços. Na cidade de Rio Pardo há uma avenida que atravessa toda a área urbana, a avenida principal, na qual há uma única sinaleira, se chama avenida Andrade Neves. Essa avenida tem início no centro, e se estende até o trevo com a BR471. A avenida continua, em direção aos bairros da periferia com o nome de Avenida dos Amaraes, e mais adiante com o nome de Avenida dos Ferroviários que se estende até o Bairro Ramis Galvão, terminando na Ponte Seca. A ponte seca se localiza na área rural, é uma ponte sobre os trilhos da via ferroviária.

A avenida principal é um eixo aonde estão concentrados a maioria dos estabelecimentos, há outras áreas da cidade que também fazem parte dos meus estudos.

A parte urbana da cidade praticamente está ao redor e a partir dessa avenida, atualmente a cidade possui uma grande extensão lateral, existem algumas avenidas que iniciam na principal e se dirigem às partes laterais, indo também em direção à área rural, ou iniciam em uma extremidade da cidade, atravessam a avenida principal e se dirigem até a outra extremidade. A avenida Andrade Neves no centro é o local aonde está concentrado a maioria dos pontos mais importantes. Os bancos, a prefeitura, as grandes lojas, escritórios de advocacia, imobiliária, sorveteria, laboratórios, consultórios, escolas, enfim, é nessa avenida que tudo acontece. Essa avenida, é o que podemos chamar de local de sociabilidade mais frequentado, pois, mesmo quem mora nos bairros, ao se dirigir ao centro circula pela avenida principal, nesse caso há o encontro entre negros e brancos no mesmo espaço. Conforme eu havia relatado, existem os mais variados locais de compartilhamento de espaços, nesses locais, por questões legais e morais não existe restrições quanto a quem pode ou não frequentar. É para esse fato que quero chamar a atenção, pois, segundo as minhas observações, existem locais aonde os frequentadores são negros, locais aonde os frequentadores são brancos e locais aonde os frequentadores são variados. São nesses pontos que ocorre os encontros, são nesses pontos que ocorre a sociabilidade e também são nesses pontos que estão localizados os locais de sociabilidade mais importantes como prefeitura, supermercados, clubes, lojas e restaurantes. E nesse ponto que as pessoas se encontram, as pessoas se dirigem a esse local para verem e serem vistos. Nesses pontos há a presença de pessoas negras e brancas, principalmente na avenida principal, mas de acordo com o local, dia e horário veremos mais pessoas brancas e muitas vezes, dependendo do dia da semana e horário, é muito reduzido o número de indivíduos negros, havendo a predominância de indivíduos brancos. É nesse momento que, ao meu ver, ocorre um “*apartheid social*” silencioso.

A Prefeitura, que, ao meu ver, é o prédio principal da cidade, as grandes lojas, os bancos, as farmácias, padarias, açougues, escolas e outros configuram o que é situado por todos como a área central do perímetro urbano. Depois, próximo ao centro no bairro moinhos de vento está localizado o fórum, o hospital na avenida Treze de Maio, a UPA no bairro Fortaleza, o clubes Taquari, também no bairro Fortaleza, a AABB no bairro Bom Fim, o Tênis Clube no bairro São João e o Grêmio Recreativo no bairro Ramis Galvão etc. Com exceção do hospital e da UPA, todos esses lugares são frequentados na sua maioria por indivíduos brancos. Dando a ideia de que só quem pode frequentar esses locais são indivíduos brancos, mas não existe regra escrita, não há uma determinação,

simplesmente, por alguma construção, no passado, se tornaram locais de uso quase que exclusivamente de pessoas brancas.

A avenida Andrade Neves se estende até o trevo, que é um local muito conhecido na cidade, serve de ponto de referência e é a confluência das avenidas Andrade Neves, BR471, avenida dos Amaraes, Treze de maio e Três de Outubro. É possível apontar que existem aí lugares próprios de sociabilidade e de vida intensa em horários distintos que configuram lugares próprios para pessoas negras e para pessoas brancas. Se especialmente o lugar se apresenta como habitado majoritariamente por pessoas negras, isso se dá também por uma ocupação em tempos de lazer que tornam os lugares atrativos.

Segundo relato de uma interlocutora, Ana Paula, ela sempre curtiu em vários locais. Na cidade de Rio Pardo ela nunca teve um grupo fixo de amigos, mudando de turma de acordo com o momento e com as festas que ela queria ir. É uma mulher negra mas também anda mulheres brancas. Com as mulheres negras ela sai para ir no Clube Taquari, e antigamente quanto tinha as festas na danceteria Rota 66 ela ia com essas amigas brancas, pois a Rota66 é localizada na parte de baixo do clube Literário, o clube da elite branca da cidade, obviamente esse local era frequentado na maioria por jovens brancos. Ela diz que não via problemas de ir na Rota, mas não gostava muito por que era “festa de brancos”, ela ia por causa das amigas. Com as amigas negras ela curtia a noite de sábado de várias formas, geralmente se reuniam na casa de uma delas e faziam uma janta, depois saiam para as festas, algum aniversário, festa no Clube Taquari (mais raro) e as vezes no Estúdio 10 localizado na vila, mas lá ela não gostava muito. Às vezes elas se combinavam e iam para Santa Cruz do Sul, na Danceteria do Ênio Giovanella. Elas se reuniam na casa de uma delas, faziam janta e depois preparavam as bebidas que elas iam tomando no ônibus que era disponibilizado pelo dono da danceteria para os frequentadores que moravam nas cidades vizinhas, ela afirma que assim como saia ônibus de Rio Pardo, saia de Pantano Grande, Candelaria, Vera Cruz, Venâncio Aires e outros. As festas na danceteria eram festas negras, então todo esse pessoal que vinha das cidades vizinhas mais o pessoal de Santa Cruz do Sul eram na sua maioria negros, levando a crer que haviam espaços de sociabilidade negra que ultrapassavam a barreira dos municípios. A Ana Paula comenta que lá na danceteria é que saiam as festas mais legais, elas iam bebendo até chegar lá e não paravam de rir, conta ela. Conta também que ela e as meninas de Rio Pardo eram as mais alegre e simpáticas, por isso havia umas meninas da festa que não gostavam muito delas. Ao meu ver, esse é um relato importante, pois se existe

repressão e dificuldades nos relacionamentos no seu local de convívio diário, uma das estratégias é buscar diversão em outros locais aonde se sentem bem e conseguem se sociabilizar. Criando assim, pelo menos em termos de diversão, estratégias de sobrevivência e sociabilidade.

Procurei situar os locais de sociabilidade, fazendo um recorte na parte do centro, observando todos os locais aonde havia aglomeração de pessoas, nos locais de diversão, nos locais de uso público com intenção de compra, de trabalho, de negócios, entre outros.

4.2 Bairros, comunidades e quilombolas

Fazendo um recorte no centro, observei que existem vários locais de sociabilidade, nesses locais o que me interessava era observar a sociabilidade entre negros e brancos. Nos meus estudos uma das coisas que mais me chamaram a atenção foram os locais de sociabilidade segregada, ou seja, alguns locais aonde os frequentadores são na maioria brancos, negros não entram e locais aonde a maioria dos frequentadores são negros, brancos não entram. Podemos dizer que há um acordo tácito, aonde não existe uma regra escrita ou pré-determinada, mas as pessoas obedecem a um padrão de comportamento. Inicialmente observei a prefeitura de Rio Pardo. A prefeitura, centro administrativo da cidade, é um local de onde parte todas as ações para o funcionamento da cidade. Da agenda do prefeito, reunião do secretariado, até o comando para pavimentação de ruas, iluminação pública, projetos sociais, relação com o estado etc. tudo isso acontece na prefeitura. Essas atividades, devido a diversidade racial que existe na cidade deveriam ser feitas por uma equipe multirracial, mas aparentemente não é o que acontece.

Quem frequenta esses espaços como fiz, observa que existe um número muito reduzido de pessoas negras envolvidas nas atividades administrativas. Desde a formação das equipes políticas em épocas de campanha até a montagem do secretariado, aparentemente todos são brancos, ficando reservado aos negros em época de campanha a entrega de “santinhos” em sinaleiras e equinas, por exemplo.

Do outro lado da rua, o Clube Literário é o reduto da burguesia da cidade, na sua grande maioria brancos. Nesse local acontecem as grandes festas da sociedade Riopardense. Essas festas geralmente são as que saem nas colunas sociais do jornal da cidade. Casamentos, aniversários, debutantes, carnaval, formaturas e outros, todas festas reservadas praticamente às pessoas brancas. As pessoas negras que estão nesse local,

durante a festa, geralmente são funcionários da limpeza, segurança, garçons, músicos e trabalhadoras da cozinha.

Um outro local aonde se observa a sociabilidade é nos supermercados, na avenida principal, a Andrade Neves, há dois supermercados da rede Imec, chamados na cidade de “*Imecão*” e “*Imequinha*”. São locais de sociabilidade e são locais aonde se observa poucos indivíduos negros, pode parecer não ter importância essa observação, mas para os moradores de Rio Pardo, ir num dos supermercados Imec, equivale a quem mora numa cidade grande ir a um Shopping. As pessoas “*se arrumam*”, dificilmente vão de chinelo, muitos vão de carro, mesmo morando próximo, e eu percebi que ali é um local de encontros aonde pode haver um encontro social e rápida conversa. Nessa hora se a pessoa estiver “*mal arrumada*”, pode ser alvo de comentários, depois, nas turmas de amigos. O supermercado, ao meu ver, é um local que funciona como uma vitrine. Obviamente não são todas as pessoas que tem esse comportamento, muitas vão ao supermercado, compram as suas coisas e vão embora. Muitos não tem a preocupação de se arrumar para ir ao supermercado, saliento que esse foi um comportamento que me chamou a atenção. E a outra observação que, ao meu ver, é pertinente, é que nesses espaços há um número reduzido de pessoas negras, no supermercado mesmo entre os funcionários, poucos são negros. As funcionárias que trabalham no caixa do supermercado, também são na sua maioria meninas brancas.

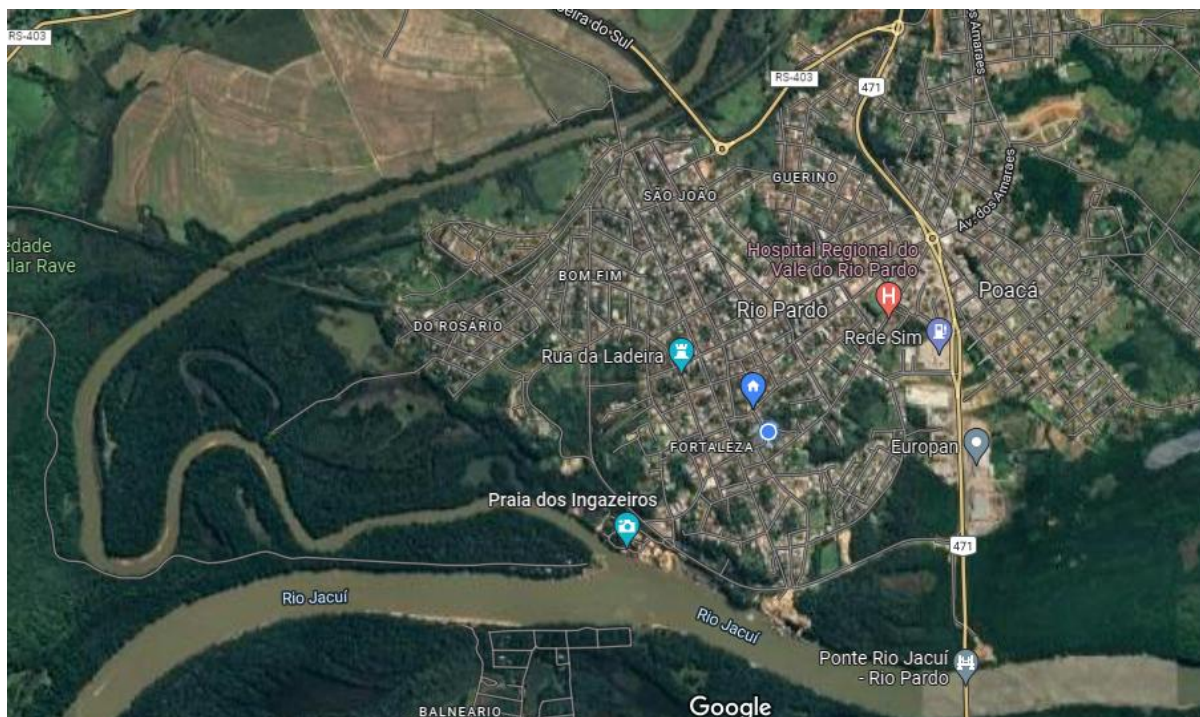
O centro é um espaço que exige uma atitude menos casual e, portanto, é como se fosse um centro irradiador do quanto o sujeito está ou não de acordo com o que é socialmente esperado ou uma declaração de “desajuste” à norma social ali exigida. Em outros espaços da cidade, não há o mesmo peso. É como se ali estivessem concentrados o “olhar público” sobre o transeunte. Algo bem diverso da periferia e outros espaços sociais em que o tempo do final de semana instaura o tempo de “arrumar-se” para uma festa.

Uma das explicações possíveis que eu cheguei à conclusão, no caso dos supermercados, é que as duas lojas são no centro, como a maioria das pessoas que moram no centro são brancos, obviamente os supermercados da rede Imec são frequentados na sua maioria por pessoas brancas e da ideia de que os olhares que exigem boa aparência ali se concentram. Durante a semana, em horário comercial se observa um número expressivo de pessoas negras, mas são pessoas dos bairros da periferia que vem ao centro por algum motivo, geralmente para trabalhar, pagar contas, comprar nas lojas, ou

simplesmente circular pela cidade. Nos supermercados, lojas, farmácias, bares, sorveterias e outros estabelecimentos comerciais e de serviço, e na circulação de pessoas observei uma baixa presença de pessoas negras.

O centro da cidade é um local de convergência de vários interesses. Há as pessoas que residem, que trabalham, estudam, passeiam, visitam e outros interesses. Nos diferentes dias da semana obviamente existem horários e locais com diferentes perfis de pessoas que frequentam o centro. A área do município é extensa, e mesmo excluindo a área rural, ainda temos uma grande área no entorno do centro e os bairros da periferia. Esses locais, ao que tudo indica obedecem a mesma dinâmica.

Feita essa constatação, a de que a maioria dos frequentadores dos locais de sociabilidade na área central são brancos, dediquei os meus esforços para descobrir quais seriam os outros locais de sociabilidade e nesses locais aonde seriam os locais frequentados pelos indivíduos negros. A cidade de Rio Pardo tem uma particularidade, está localizada às margens do rio Jacuí, que no passado era o único meio de transporte dos moradores da cidade, o transporte fluvial. Também, segundo a historiografia oficial, era o rio por onde os Espanhóis planejavam invadir o estado. A localização da cidade, perto do rio, em um local alto, propiciou a criação de fortificações que seriam a defesa frente a essas invasões Espanholas. Essa característica rendeu à cidade o apelido de “*Tranqueira Invicta*”, referente ao fato da cidade nunca ter sido ocupada pelas forças inimigas.



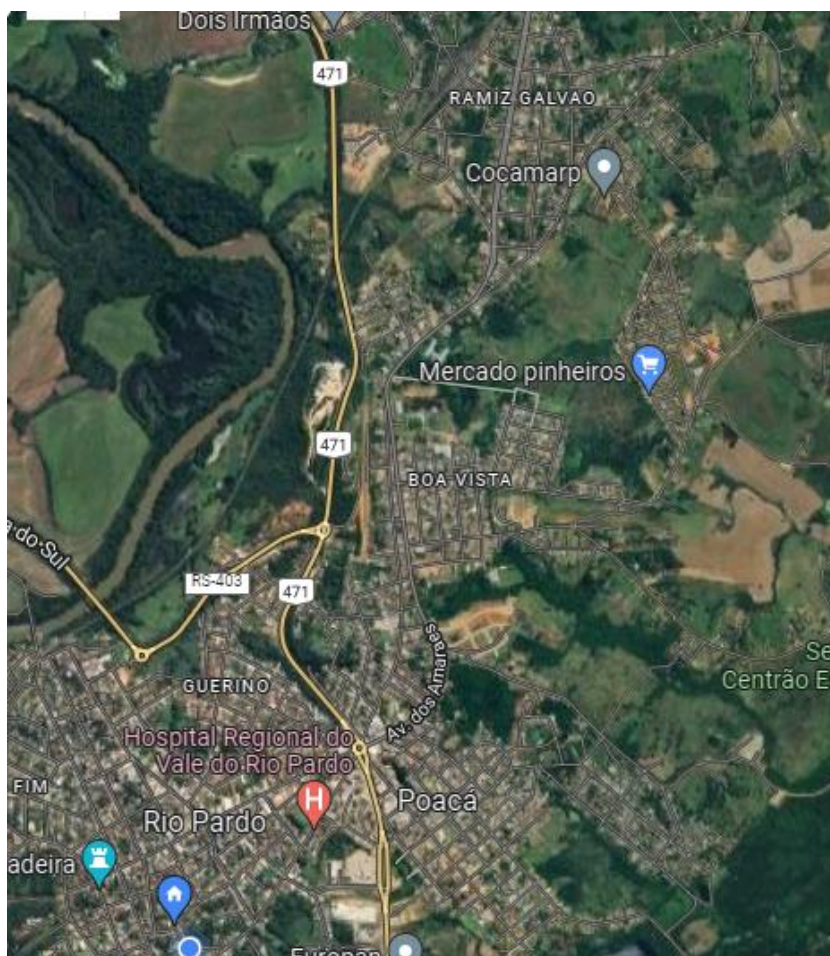
Mapa 4 – Mapa de Rio Pardo, Rio Jacuí e Rio Pardinho

O rio Jacuí faz uma barreira natural em direção ao sul da cidade, e o Rio Pardinho, que desemboca no rio Jacuí complementam essa barreira. Há uma outra barreira que é a BR471, separa o centro dos bairros ao norte da cidade. Com essa configuração, há uma característica que diferencia a cidade de Rio Pardo, deixando-a praticamente “ilhada”, pois o Riopardinho faz uma curva e faz uma barreira natural a oeste também, e na parte leste há a RS403. Na parte central há a avenida principal, a Andrade Neves, também há algumas vilas na periferia do centro. As vilas na periferia do centro são: Parque São Jorge, Vila Nova, Vila do Hospital. Há também outras vilas que estão fora desse perímetro central e estão na periferia dos bairros mais afastados do centro. As outras vilas são: Vila do Asseio, Vila Progresso e outras. Em todas as vilas, se observa uma grande concentração de indivíduos negros.

Com essa concentração fui instigado a ver aonde seriam os espaços de sociabilidade e quem frequenta esses espaços. Na Vila Nova há o “Estúdio dez”, casa noturna aonde acontecem as festas da juventude negra. Em um final de semana em que eu estava em Rio Pardo aconteceu o “Samba Charme”, em outro dia houve a festa “Pago funk”. Acontecem festas geralmente nos sábados e eventualmente nas sextas-feiras. Todas essas festas são direcionadas à comunidade negra da cidade e eventualmente alguns jovens brancos do centro frequentam. Além disso há os campos de futebol de várzea, os

bares e as Escolas de Samba que fazem eventos ao longo do ano. Todos esses eventos também são direcionados à comunidade negra. Uma situação muito inusitada me chamou atenção, em frente ao Cemitério Municipal de Rio Pardo muitos indivíduos negros se reúnem, geralmente jovens moradores da vila nova, com a média de idade que não ultrapassa 25 anos. Eles ficam ali reunidos, vi alguns bebendo e algumas meninas com filhos no colo. Vejo esse como um local de sociabilidade da juventude negra mas não consegui obter maiores informações.

Há os eventos ligados a comunidade Gaúcha, esses eventos podem acontecer nas áreas rurais, mas há alguns que acontecem na periferia da cidade, como é o caso dos rodeios que acontecem no parque de exposições e os eventos relativos à Semana Farroupilha. Nesse ano de 2022 os eventos da Semana Farroupilha aconteceram no local conhecido como Aeroclub, nesses eventos, ligados à cultura gaúcha, na noite em que eu fui, haviam poucos negros.



Mapa 5 - Diferentes regiões, distância em relação ao centro e olhar sobre a periferia de modo mais abrangente.

Entretanto, não é só uma questão de espacialidade. A sociabilidade implica uma relação com as intensidades do dia. Conforme eu havia citado, existem dias e horários aonde se observa diferença no compartilhamento dos espaços de sociabilidade. Além dos citados há a praia no rio Jacuí, que aos domingos tem um grande movimento de jovens que se dirigem à praia para beber e ouvir música com volume ~~no~~ máximo nos carros. Nesse movimento se observa indivíduos negros e brancos, mas geralmente quem está de carro são os indivíduos brancos. Outro grupo de pessoas que se dirige à praia são pessoas que tem somente a intenção de ficar contemplando o pôr do sol, no final de tarde de sábado ou domingo. Geralmente casais sós, ou as vezes acompanhados dos filhos, na sua maioria brancos. Existem alguns bares na beira da praia que também dependendo da época do ano são mais ou menos frequentados, nesses bares eu observei que a maioria dos indivíduos que frequentam são brancos. Há um bar, na praia que geralmente toca música ao vivo que geralmente tem uma grande procura. Esse bar tem uma característica que o difere dos outros estabelecimentos que é a música ao vivo e a presença de pessoas das classes mais baixas, que bebem bastante e em um dia que eu estive lá teve uma briga. Esse, talvez seja o local de sociabilidade aonde há o encontro de pessoas em que talvez a raça ou etnia não seja levado em conta, pois ali parecia ser um local de uso comum com um número bem parecido de indivíduos negros e brancos. Em contraste com esse bar, há um restaurante famoso e muito frequentado que é o Restaurante Costaneira, o Costaneira é um restaurante flutuante que tem no seu cardápio peixe, a sua especialidade é filé de traíra com fritas e salada. O *Costaneira*, ao meu ver é um dos melhores restaurantes da cidade, pois a comida é muito boa e tem o fato de ser um restaurante flutuante o que dá um ar de sofisticação ao local, torna os preços um pouco mais caro e é frequentado pela elite de Rio Pardo e majoritariamente frequentado por “alemães” de Santa Cruz do Sul. O Costaneira, por ser flutuante, acompanha o movimento de cheia ou seca do rio.

Outro local de sociabilidade que eu observei tem a ver com a educação, formação escolar e cultura dos indivíduos. A educação básica é responsável pela formação dos indivíduos no início da sua vida escolar e essa educação será basilar ao longo de toda a sua vida. Não só a educação básica mas a educação nas séries iniciais e praticamente todo o ensino médio o indivíduo está formando a sua personalidade e o seu modo de se relacionar com o mundo. Se nessa formação há uma “deformação”, praticamente todos os indivíduos que estiverem envolvidos terão a sua visão de mundo modificada, terão o

seu futuro modificado por causa de uma anomalia na sua formação inicial, fruto de políticas públicas mal formuladas e de uma estrutura que classifica pessoas.

Cito tal anomalia na formação por que nos meus estudos, com observação participante, percebi que nas escolas do município também há uma distinção entre os seus frequentadores. Tudo passa pela localização espacial dos estabelecimentos de ensino na cidade. A Rede Romana de Educação, é uma rede de escolas particulares, presente em alguns municípios do Rio Grande do Sul. Há alguns anos a escola Nossa Senhora Auxiliadora, que é a escola particular da cidade, passou a ser administrada pela Rede Romana. A Escola Nossa Senhora Auxiliadora é um símbolo da cidade, local aonde estudaram alguns dos presidentes do Brasil. Como esse colégio fica localizado na área mais central do município é frequentado por indivíduos brancos de classe média que são os moradores do centro da cidade, ou alguém que mora nos bairros da periferia, mas tem poder aquisitivo elevado.

Pude observar também que há alguns indivíduos que são moradores da área rural que frequentam essa escola, nesse caso, como há um grande número de propriedades rurais e os proprietários rurais geralmente são das classes mais abastadas, matriculam seus filhos nessa escola que parece ser a melhor do município. Essa característica se observa também em Porto Alegre, nos colégios Anchieta, Farroupilha, Rosário, Americano e outros. Certamente essas características são observadas em qualquer cidade do Brasil.

Na cidade de Rio Pardo também há colégios estaduais e municipais. Essas escolas irão ter os seus alunos de acordo com a localização, as escolas do centro irão seguir o padrão de ter nas suas classes escolares indivíduos brancos, geralmente moradores do centro e as escolas da periferia terão nas classes escolares, na maioria, indivíduos negros.

Há também as escolas na zona rural aonde há uma mescla de indivíduos negros com indivíduos brancos. A explicação é porque na área rural há predominância de indivíduos que são filhos de pequenos produtores rurais, os produtores rurais são proprietários de terras, geralmente brancos e como uma característica peculiar, muitos dos proprietários de terra em Rio Pardo são colonos alemães. Talvez, por causa da proximidade com Santa Cruz do Sul há um grande número de famílias, de pequenos produtores rurais que são descendentes de alemães. Os indivíduos negros na área rural geralmente são filhos dos trabalhadores nessas pequenas propriedades que muitos, assim como trabalham, moram na propriedade. Alguns indivíduos negros que estudam nas

escolas rurais são filhos de negros, proprietários de pequenas propriedades rurais, mas em menor número.

Os locais de sociabilidade, como foi possível observar nesse relato, são inúmeros, assim como foi citado, realmente há uma aparência de harmonia nas relações. Nas mais variadas atividades humanas, atividades essas que podem ser desenvolvidas por qualquer tipo de pessoas, nesse contexto são feitas de forma segregada.

Como já fora citado as coisas já foram piores, já houve casos de brigas por causa de compartilhamento de espaços. As relações sociais seguem um padrão que transforma as situações em que poderiam ser consideradas como racismo, discriminação ou distinção, em situações normais. Isso não é uma característica da cidade de Rio Pardo, isso é uma característica daquilo que acontece no Brasil como um todo:

“Todas estas questões só podem ser respondidas se compreendermos que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e os afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Em outras palavras, o racismo só consegue se perpetuar se for capaz de:

1. produzir um sistema de ideias que forneça uma explicação “racional” para a desigualdade racial;
 2. constituir sujeitos cujos sentimentos não sejam profundamente abalados diante da discriminação e da violência racial e que considerem “normal” e “natural” que no mundo haja “brancos” e “não brancos”.
- (Almeida, 2019 p. 49)

Almeida traz, de forma clara e precisa, a explicação plausível para o que acontece na cidade de Rio Pardo. Com as citações de Almeida, amparo as minhas observações e chego à conclusão que é sim o Racismo Estrutural que constitui as relações. Obviamente existem outros fatores que são elementares na construção do racismo na cidade, mas é no racismo estrutural que prefiro ancorar as minhas dúvidas e incertezas.

O que observo também é que há espaços em que não são frequentados por haver um grande número de indivíduos de outra etnia, como é o caso da casa noturna “Estúdio 10”, nessa casa se observa um número elevado de indivíduos negros e um número muito

reduzido de indivíduos brancos. Em contrapartida, por exemplo, o caso do clube Literário, reduto da burguesia branca da cidade aonde dificilmente se observa um negro curtindo a festa. Os negros presentes nesse local, geralmente são garçons, seguranças, cozinheiros, pessoal da limpeza ou músicos. Ao meu ver, e segundo relato de interlocutores, muita coisa já mudou, mas ainda existe muito racismo.

Como observador que não reside na cidade, vejo as coisas com outros olhos, vejo que o racismo incomoda e traz prejuízos às relações sociais, mas me alenta saber que muitas dessas ações são atos de resistência da parcela negra da população frente aos casos de racismo que acontecem no dia a dia.

Como um caso de resistência negra, que ao meu ver mostra que os indivíduos negros da cidade, sempre buscam aquilo que é melhor para si, cito a situação em que as meninas negras da cidade de Rio Pardo se dirigiam a “Danceteria” de Santa Cruz do Sul. O dono da casa, no intuito de ver seu estabelecimento cheio, fretava ônibus e buscava as pessoas nas suas cidades. Segundo relato da Ana Paula, minha interlocutora, vinham músicos até de Porto Alegre, geralmente grupos de pagode formado por indivíduos negros e grupos de dança. Antigamente vinham dançarinos de “Break Dance”, tudo patrocinado pelo dono da danceteria, Sr. Ênio Giovanella. Mostrando assim que os espaços de sociabilidade para uma parcela da população negra da cidade de Rio Pardo nem sempre estão dentro do seu território.

4.3 Carnaval e negritude

Para abordar esse tópico, trago um pouco das minhas experiências pessoais sobre o carnaval na cidade. Buscando nas minhas recordações, vejo que tive pouco contato com carnaval de rua. Na verdade, eu, cidadão negro, por motivos que talvez estejam ligados a minha criação, nunca fui muito participante no carnaval de rua e dos elementos que compõem esse universo. Nas minhas recordações da infância estão os desfiles de carnaval que eu assistia na televisão. Na época do carnaval, a minha família se reunia com a da minha tia, minha avó e alguns outros familiares. Nos encontrávamos na casa dessa tia que possuía uma televisão colorida e a casa maior que comportava todos, principalmente a criançada. Nos dias de carnaval, me recordo da minha mãe fazendo salgados e doces para levar para a casa da minha tia. A minha avó e a minha tia também faziam salgados e doces para comer durante a noite assistindo o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Uma coisa engraçada que eu me recordo, é que os adultos mandavam nós, crianças,

dormir um pouco, algumas horas antes de começar os desfiles para não sentir sono durante a noite e não perder o desfile das escolas de samba. Passávamos a noite toda vendo os desfiles, saboreando salgados e doces, além de torcer pelas escolas do grupo especial do Rio de Janeiro. Havia torcidas por diferentes escolas, eu não me lembro de ter predileção por alguma, mas me acostumei a ver as escolas Beija Flor, Mangueira, Portela entre outras. Depois, já adulto, passei um carnaval no Rio de Janeiro, finalmente pude ver ao vivo aquilo que via na televisão. É uma experiência inesquecível.

No carnaval de rua de Porto Alegre me recordo de ter ido uma ou duas vezes na avenida. Houve uma época em que eu trabalhava como fotógrafo e fui convidado a fotografar um grupo de amigos que estavam desfilando. Também recordo de, em outra ocasião ir até a avenida com um grupo de amigos, chegar até o local do desfile, mas não entrar na passarela e ficar do lado de fora. Eu tenho gosto por tocar percussão, sempre gostei de tocar instrumentos percussivos, até cheguei a pensar em ir até alguma escola e me oferecer para sair na bateria, mas isso nunca aconteceu. Outra coisa que eu fiz algumas vezes foi ir aos ensaios nas quadras das escolas de samba em Porto Alegre. A minha experiência com carnaval se resume a isso.

Quando comecei a frequentar a cidade de Rio Pardo, na idade adulta, conheci o verdadeiro carnaval de rua. O carnaval de Rio Pardo acontece na avenida principal e as arquibancadas são feitas de madeira pela prefeitura, qualquer um pode chegar, sentar na arquibancada e assistir ao carnaval. As pessoas da cidade têm o costume de eleger alguém para ir mais cedo para marcar lugar na arquibancada, geralmente com almofadas. Todos respeitam o lugar marcado, mas a pessoa tem que permanecer na arquibancada. Outra coisa que acontece muito é alguém levar cadeiras de praia e colocar em algum lugar aonde não tem arquibancada. Nesse caso também o lugar está marcado e todos respeitam.

“Temos, então, que no carnaval a rua é penetrada pelo “povo”, ficando virtualmente ocupada por ele em todos os níveis: para o desfile, para o passeio e para todas as outras ações sociais requeridas pela ocupação demorada do mundo público”. (Da Matta, 1936 p. 114)

O carnaval de Rio Pardo é tido como o maior da região. Cidades vizinhas como Santa Cruz do Sul, Pantano Grande, Encruzilhada, Vera Cruz, Venâncio Aires e outras, não tem um carnaval tão grande. As pessoas se dirigem à Rio Pardo nas quatro noites,

transformando a cidade numa grande festa, promovendo uma reunião de pessoas de todas as cores, classes, credos e com um único propósito, curtir o carnaval.

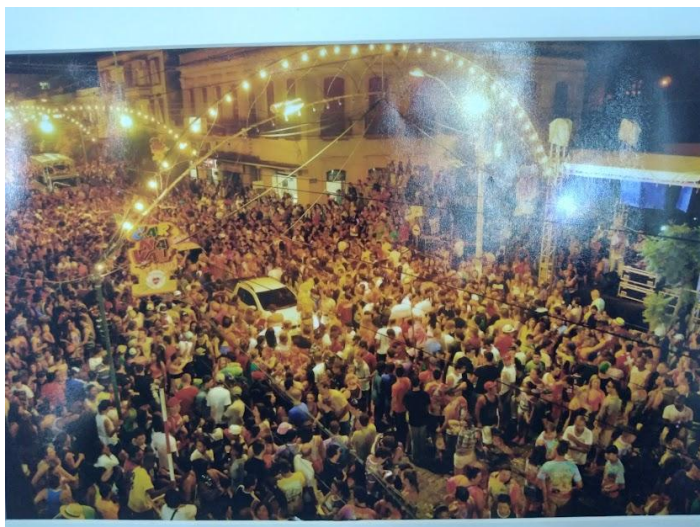


Foto 6 – Carnaval na Avenida Andrade Neves

O carnaval em Rio Pardo, num primeiro olhar, dá a impressão de que há harmonia no convívio social. No entorno do evento, nas arquibancadas, nos bares, nas agremiações carnavalescas, na concentração, nos clubes, aparentemente as pessoas convivem sem nenhum preconceito, sem “máscaras” e sem pudores. No compartilhamento de espaços, na sociabilidade interétnica também, todos vivem em perfeita harmonia e convivência pacífica. Nesse momento, negros e brancos flertam, interagem, e se harmonizam. Pelo menos por algumas horas, aparentemente, os indivíduos, brancos e negros esquecem as diferenças que poderiam existir entre as duas etnias. Observo um casal de jovens adolescentes num jogo de sedução, ele é negro e ela é branca, talvez seja uma imagem simbólica da harmonia e relação amistosa que existe nesses dias do carnaval. Eles usam, camiseta de bloco, que é a forma que os adolescentes e jovens da cidade usam para se identificar como grupos e permanecerem juntos nas brincadeiras carnavalescas.

“O movimento carnavalesco não se diferencia de outros movimentos rituais, já que todos exigem um local especial para sua realização. O contraste marcante, porém, entre o desfile do carnaval e o das paradas militares e procissões é que, no carnaval, a área selecionada é muito maior e sua ocupação muito mais prolongada. Nas paradas e procissões, o espaço público (ruas, avenidas, vielas e praças) é ocupado por algumas horas (uma manhã ou uma tarde). No carnaval, entretanto,

essa ocupação demora pelo menos três dias, tendo uma longa preparação antecipatória e, por isso mesmo, requerendo para sua atualização esquemas de transito que exigem considerável esforço”. (Da Matta, 1936 p. 113)

Os blocos são um fenômeno que merecem um olhar mais atento. As pessoas que participam dos blocos, geralmente são amigos de bairro, colegas de escolas ou de trabalho que se reúnem para curtir a folia. Geralmente se reúnem em locais previamente determinado, compram bebidas e alimentos e dali saem em direção à festa. Para se distinguirem dos outros grupos eles recorrem ao uso de camisetas com dizeres geralmente engraçados que os identifica. As *desgarradas*, *Loucólicos*, *Bafo de Bira*, *Chave de Cadeira*, *Os esgualapedos* e outros. A diferença dos integrantes dos blocos para os outros é que os blocos são formados, geralmente por jovens de classe média/alta que moram na sua maioria no centro e imediações. Essa mesma característica não é observada nos indivíduos que se deslocam da periferia. Eles participam das festas, andam em grupos mas não se identificam por blocos organizados e usando camisetas personalizadas.

“Nessa passagem é preciso “arrumar o corpo”, tornando-o publicamente apresentável. A roupa e a aparência (que inclui o modo de andar, falar e gesticular) ajudam a manter uma posição de membro de uma “casa”, mesmo quando se está em plena “rua”. E ajudam a revelar que o interlocutor é “gente que selava”, isto é, “gente de berço”, que obviamente tem “onde cair morto”, pois isso é sinal de indicativo de ter uma casa como propriedade permanente e estar sempre num mesmo local onde pode ser encontrado e todos se conhecem. Inconcebível essa mobilidade extrema dos americanos, que nunca estão preocupados em ter uma casa e vivem, as vezes, em casas moveis!” (Da Matta, 1936 p. 120)

Da Matta, fazendo uma alusão à divisão de classes que existe no Brasil, exemplifica a distinção social evidenciando a ideia de quem “se lava” é “gente de berço”, quem tem “aonde cair morto”. Com esses exemplos, e olhando para o carnaval de Rio Pardo, consegui observar a distinção que existe na cidade. Essa divisão, que poderia ser uma divisão de classes, fica evidente no perfil dos indivíduos que frequentam os espaços de sociabilidade mesmo no carnaval. Há os bares do “Calçadão”, que geralmente são frequentados por jovens de classe média, brancos e os bares e restaurantes da avenida principal. Os apartamentos que ficam na avenida principal, nos dias do carnaval são transformados em camarotes, praticamente todos de propriedade pessoas brancas

moradores do centro, frequentado por convidados brancos, eventualmente com um ou outro convidado negro, geralmente indivíduos conhecidos por frequentarem os grupos de pessoas brancas.

Observei casais de brancos e negros de todas as idades namorando, se relacionando e interagindo. Muitos desses casais se dirigem à avenida trazendo seus filhos que são resultado de união interétnica, mostrando que não só no carnaval há união entre raças mas persiste em outros locais e momentos da vida da cidade.

As agremiações carnavalescas são divididas entre as grandes escolas de samba que podemos chamar de primeiro grupo. As escolas de samba do primeiro grupo são duas: Embaixadores do Ritmo e Realeza da Vila. Depois há as escolas de menor porte como Candangos, Estação Primeira e outros, e os blocos, que geralmente tem um número reduzido de pessoas, mas todos, sem exceção, são saudados e aplaudidos pelo público que está nas arquibancadas. Um dos pontos altos do carnaval de Rio Pardo é quando o “*Bloco das Virgens*” desce a avenida. Praticamente todas as pessoas sabem do que se trata e ficam esperando esse momento. Homens de todos os cantos, de todas as idades, de todas as raças e de todas as classes, se vestem de mulher, descem a avenida acompanhados de alguma banda e fazem a alegria de quem espera as atrações do carnaval. Esse talvez seja o momento mais engraçado, pois as pessoas podem ver naquele momento os policiais, funcionários da prefeitura, professores, atletas, advogados, empresários, enfim, figuras conhecidas no dia a dia da cidade. Cidadãos da cidade que na maioria das vezes se dedicam a realizar suas tarefas diárias, sérias, nesse momento se encontram em situação de galhofa, rindo, bebendo e fazendo a alegria de todos.

“Questiona-se, de modo simultâneo, o papel de ator e de espectador. Veem-se, lado a lado, personificações carnavalescas da figura materna, da dona-de-casa exemplar (que cuida do marido e dos filhos e à noite assiste à sua novela de televisão), da própria mulher vista como uma categoria genérica e, na cultura brasileira, poderosamente associada (paradoxal e simultaneamente) ao mundo do pecado (por meio da prostituta) e da pureza (por meio da Virgem Maria). Todas essas personagens são colocadas em cena por homens (homossexuais ou não) vestidos como mulheres. Assim travestidos, eles despertam inveja e condescendência”. (Da Matta, 1979 p. 116)

Nos dias de hoje, existe na linguagem popular, a expressão “tudo junto e misturado”. Essa expressão serve para designar, entre outras coisas, que as pessoas se encontram juntos e estão misturados para fazer aquilo que quiserem, geralmente se usa essa expressão em locais de grandes aglomerações ou em festas e acontecimentos grandiosos. Mas também há usos dessa expressão para até duas pessoas que tem identificação com alguma causa e afirmam que estão “juntos e misturados” para enfrentar qualquer problema ou contratempo que possa existir. No caso do carnaval de Rio Pardo, ao meu ver, por alguns momentos é possível utilizar essa expressão, pois as pessoas estão todos na avenida, negros e brancos, moradores ou não da cidade, pessoas de todas as idades, times, localizações, classes sociais, amigos ou inimigos. Como afirma Da Matta, o evento dura três ou quatro dias, nesses dias acontece de tudo na cidade. Tive a oportunidade de observar, por exemplo, as oito horas da manhã do dia seguinte à noite de carnaval, pessoas sentados em uma arquibancada, fazendo festa, dançando, brigando, alguns dormindo, tudo isso ao som de samba e regado a cerveja. Algumas pessoas se dirigindo às suas casas, as varredoras exercendo seu ofício, enfim, uma grande festa aonde estão “todos juntos e misturados”.

Essa movimentação mascara uma situação que está interiorizada no comportamento das pessoas. O comportamento ao qual eu me refiro é o de parecer que todos são iguais. A impressão que se tem, fazendo uma observação mais superficial, é que não existe racismo, não existe discriminação e não existe conflitos nos relacionamentos. O carnaval é uma grande encenação daquilo que seria o ideal de convivência aonde todos vivem de maneira democrática e harmoniosa, mas analisando mais profundamente, pode se perceber que mesmo no carnaval, com toda essa festa, existe os casos de distinção e discriminação. Provavelmente, acontecem, nesses dias, muitos casos de racismo individual, que é quando acontece a discriminação a nível individual, ou seja, quando um indivíduo chama o outro de “macaco”, por exemplo, ou quando profere termos racistas ou faz ofensas por causa da cor da pele. Essas situações acontecem, mas são em menor número. O que fica evidente, pelo menos para quem tem um olhar amparado pelas teorias antropológicas que “educam” e “direcionam” o olhar para as situações aonde acontecem os racismos, e esses racismos são na sua maioria institucionais e estruturais.

Para exemplificar, posso citar o caso dos carnavais nos clubes, principalmente no Clube Literário, que é o clube da burguesia da cidade, aonde a maioria dos frequentadores

é branca. O palanque dos jurados, é composto na maioria de pessoas brancas, muitas vezes convidados de outras cidades ou de Porto Alegre, como é o caso de uma estilista de moda, Sra. Fátima, uma mulher branca, que foi convidada para ser jurada das fantasias. Os blocos de carnaval, que demonstram, através de uma camiseta, feita por um grupo de pessoas, para se distinguir dos outros blocos e passar a informação que, ao meu ver é mais importante, que é se diferenciar do pessoal das vilas, geralmente negros pobres.



Foto 7 - Carnaval no Clube Literário (Fonte: arquivo histórico de Rio Pardo)



Foto 8 – Escolha da Rainha do Carnaval (Fonte: arquivo histórico de Rio Pardo)



Foto 9 - Carnaval de Rua (Fonte: arquivo histórico de Rio Pardo)



Foto 10 - Carnaval de Rua (Fonte: arquivo histórico de Rio Pardo)

As fotos mostram que além de outros casos de discriminação, que estão internalizados na cabeça das pessoas, há também situações que parecem acontecimentos comuns. O racismo institucional e o racismo estrutural estão presentes nas estruturas da sociedade brasileira, por isso na maioria das vezes as pessoas não percebem que estão vivendo uma situação de racismo ou injúrias. O carnaval, não se restringe somente ao momento dos desfiles. Os três dias do desfile são o ponto alto de um evento que vem sendo gestado ao longo do ano. A maioria das escolas são de origem humilde e passam muitas dificuldades ao longo do ano para botar a escola na avenida. Por isso, foi importante me inserir no universo do carnaval de Rio Pardo para ter a verdadeira percepção de tudo o que acontece nos “bastidores” do carnaval. Coisas que são tradição na cidade, dificilmente poderão ser mudadas com facilidade, mas acho que a cada ano avança um pouco e por mais que as coisas continuem oprimindo e ofuscando a presença negra na cidade, os indivíduos negros sempre acham estratégias para fazer o enfrentamento às dificuldades da vida e muitas vezes conseguem enxergar o mundo por outra perspectiva.

“A HISTÓRIA DO CARNAVAL NA CIDADE HISTÓRICA DE RIO PARDO | RS

O carnaval teria tido suas primeiras raízes na Antiguidade, entre o Egito e a Grécia, em uma comemoração popular que vibrava com a chegada da primavera. A festa marcava o fim do longo inverno e suas vegetações mortas. No Brasil, foi trazido pelos colonizadores portugueses. Os historiadores afirmam que a festividade se estabeleceu no país entre os séculos XVI e XVII e teve como primeira prática o entrudo. Este consistia numa brincadeira quando as pessoas atiravam água, farinha, ovos e tinta umas nas outras. Essa brincadeira fixou-se primeiramente no Rio de Janeiro e era realizada dias antes do início da Quaresma. Desde o início da sua comemoração, no Carnaval, as pessoas podiam

esconder ou trocar de identidade. Assim, tinham maior liberdade para se divertir, ao mesmo tempo que podiam adquirir características ou funções diferentes do que eram verdadeiramente: pobres podiam ser ricos, homens podiam ser mulheres, entre outros. Em Veneza, os nobres usavam máscaras para poder desfrutar da festa junto do povo e manter sua identidade oculta. Esta é a origem do uso da máscara e fantasias, que é uma característica marcante desta celebração. Por sua parte, os africanos escravizados se divertiam nestes dias ao som de batuques e ritmos trazidos da África e que se mesclariam com os gêneros musicais portugueses. Esta mistura seria a origem da marchinha de carnaval e do samba, entre muitos outros ritmos musicais. O Carnaval de rua era animado pelas marchinhas, um gênero musical parecido às marchas militares, porém mais rápidas e com letras de duplo sentido. Desta maneira, criticam a sociedade, a classe política e a situação do país de maneira geral. Considera-se que a primeira marchinha de Carnaval sejam "O Abre Alas", escrita em 1899 pela compositora carioca Chiquinha Gonzaga. Surgem os "ranchos", as "sociedades carnavalescas" e os "cordões", agrupações de foliões que saíam pelas ruas da cidade tocando as marchinhas e fazendo todos dançarem. Com a popularização do rádio, as marchinhas caíram no gosto popular e, na década de 60, a marchinha deu lugar ao samba-enredo das escolas de samba. Ao longo do tempo, foram construídos espaços (sambódromos) que retiraram parte da característica popular "de rua" do carnaval no Brasil. Mas algumas cidades no Brasil ainda comemoram como de início. **Na região central do Rio Grande do Sul, nos Vales do Rio Pardo e Taquari, Rio Pardo ainda permanece tradicionalmente como a maior festa popular na modalidade de rua, com escolas e blocos carnavalescos. O Clube Literário e Recreativo foi, em Rio Pardo, o centro do Carnaval de uma parte da população. Dos encontros das famílias rio-pardenses nasceu o momento maior do carnaval local. No período de 1920 a 1945, a história do Carnaval é cheia de acontecimentos marcantes, de luxo, alegria e festa. De assalto em assalto, da fazenda à residência na cidade, as brincadeiras que antecediam o Carnaval uniam os jovens. O clima era de alegria e os componentes dos cordões garantiam o sucesso da festa. O curso, a rainha, a cavalaria, a corte, os cordões com fantasias multicoloridas, faziam do Carnaval a festa popular mais importante de Rio Pardo. Nascidos nos salões do Clube Literário e Recreativo, dois cordões carnavalescos animavam a cidade em meados dos anos 30: "Tem Gente Ahi" e "Olha o Grupo".**

A animação não se limitava ao interior do Clube. Os dois cordões se encarregavam de agitar a cidade, realizando "assaltos" às fazendas rio-

*pardenses, que os recebiam com bebidas, salgados apetitosos e doces caseiros. Eram feitos depois do baile da escolha da rainha, que acontecia em 31 de dezembro, e se prolongavam até os dias de Carnaval. Com muita animação, os cordões participavam do “corso”, que consistia em um desfile de automóveis realizado antes do Carnaval. Usavam confetes, serpentinas e lança-perfume em profusão. Na ânsia de ser o melhor, cada cordão caprichava ao máximo, tanto nas fantasias como na animação. Era muito intensa a rivalidade entre os dois, levando-os a um atrito que resultou na retirada do “Tem Gente Ahi” do Clube Literário e Recreativo. A partir da separação, a rivalidade chegou ao fanatismo: os rivais cortavam relações quando chegava o Carnaval e numa ocasião houve bailes que se prolongaram até às 10 horas da manhã nos dois clubes, sendo necessária a interferência de médicos locais para encerrá-los. Em torno das rainhas dos cordões girava toda a estrutura do Carnaval. Suas fantasias tinham um estilo, que determinava a ornamentação dos clubes e as fantasias dos seus cordões. Eram elas quem animavam os foliões, com sua beleza e sua alegria. Cercadas pela corte e protegidas pela cavalaria, desfilavam pelas ruas da cidade e, ao entrarem nos salões dos clubes, explodia a alegria que animava os foliões até a madrugada. No Clube Literário e Recreativo, repleto de foliões, os clarins soavam e a rainha do “Olha o Grupo”, soberanamente, precedida pela corte, desfilava diante de seus súditos. Iniciava-se, assim, seu reinado, que se prolongaria por quatro noites de beleza, de cor e de euforia. Até recentemente, o Carnaval de Rio Pardo mantinha a tradição onde, durante esses quatro dias, a Rua Andrade Neves passava a se chamar Avenida Gogoia, em homenagem à rio-pardense Maria da Gloria dos Santos, líder da Unidos da Velha Guarda, escola fundada em 1953 e mais antiga em atividade até 2014, onde encerrou atividades após o falecimento de sua maior incentivadora. O período de pandemia da covid-19, no ano de 2021, fez com que a modalidade da festa fosse restrita às apresentações limitadas e virtuais, não acontecendo o desfile. Já para o ano de 2022, espera-se a retomada das comemorações na cidade histórica, seguindo-se protocolos e de forma diferenciada não competitiva”. (Fonte: Arquivo histórico de Rio Pardo – **grifos meus**)*

Nas incursões que fiz a Rio Pardo, depois de assistir alguns desfiles de carnaval, depois de ouvir falar e constatar pessoalmente que a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo era a escola dos negros, resolvi prestar mais atenção nessa escola para tentar entender do que se tratava. Apesar de não residir na cidade e não ter muito contato com o carnaval, eu já conhecia a escola de ouvir falar e muitas das pessoas que eu conhecia

falavam muito da escola, inclusive a minha esposa já desfilou na escola em outra época. Eu, apesar de conhecer a escola, de ter visto desfilar e achar que era a melhor escola, eu nunca tinha visitado a quadra. Até que um dia, fui visitar a quadra na noite em que haveria a apresentação do samba enredo do carnaval de 2020. Foi quando, depois de observar e ver que ali naquele local havia uma “energia” diferente resolvi incluir nos meus estudos a escola de samba Embaixadores do Ritmo.

4.4. As Histórias vividas na escola de samba

A Escola de Samba Embaixadores do Ritmo é uma dissidência da escola Candangos. A escola Candangos já existia e tinha como seus membros alguns indivíduos da elite da cidade, a maioria brancos. Médicos, advogados, militares, fazendeiros e outros membros da elite da cidade de Rio Pardo. As festas aconteciam no Clube Literário, que era o reduto da burguesia na cidade e para fazer o carnaval convidaram para tocar na sua festa como músicos, alguns indivíduos negros, moradores da cidade. A opção por ter músicos e ritmistas negros nos bailes era porque eles entendiam de carnaval e tocavam o samba muito bem, para a alegria dos foliões. Comenta Bagé, que uma vez, estavam na festa e os membros da escola de samba, todos da elite da cidade, durante o intervalo do baile, comiam e bebiam nas suas mesas com suas famílias. Os negros que eram os músicos responsáveis por embalar a festa estavam recolhidos em um canto, quietos, na condição de serviçais, pois estavam tocando para animar o baile. Na condição de negros pobres, não tinham dinheiro para comer ou beber. Foi quando um dos membros tomou coragem e resolveu pedir para que um dos “figurões” pagasse uma bebida para eles. O Sr. que estava com a sua família, se ofendeu e disse a seguinte frase: *“Lá vem essa negrada”*. Naquela ocasião haviam quinze elementos negros que seriam da bateria, músicos que estavam ali a convite para entreter os membros do clube. Eles se sentiram humilhados e desprezados, por isso resolveram se retirar do local. Dos quinze elementos, treze foram embora. E com essa atitude eles resolveram fundar a escola deles. Surgiu nesse dia a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. Que ficou conhecida como a escola dos negros. Os negros, após os ensaios tinham o costume de ir a um restaurante da cidade chamado Gruta Baiana. Naquele dia, após essa discussão e a saída da festa dos brancos os negros se reuniram nesse restaurante que sempre os esperava com comida e bebida. Eram conhecidos como o grupo dos quinze e os quinze estavam ali prontos a decidirem o seu destino. Resolveram fazer uma votação para ver se saíam da escola ou ficariam.

Dos quinze, treze votaram por sair e fundar a sua própria escola. Surgia ai a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo.

Falei com o Marcos Ramos, ele é um dos diretores da escola e o Mestre de Bateria. Ele me apresentou algumas pessoas que estavam pensando o próximo carnaval. Fui apresentado à diretoria artística, cultural, administrativa e eles estavam resolvendo alguns assuntos referentes à história que iriam contar na avenida, falavam do samba enredo e outras coisas referentes ao carnaval. Por sorte encontrei quase toda a diretoria reunida e eles me receberam muito bem. Alguns eu já conhecia e já sabiam do trabalho que eu desenvolvia, por isso foi fácil falar da minha pesquisa.

Relatei a eles a minha intenção de contar a história da Embaixada, forma carinhosa como os membros chamam a escola de samba, mostrar o protagonismo deles no carnaval e o quanto o clube negro traz identificação para uma parcela da população negra da cidade. Entre eles estava a “Carol”, uma menina que é doutora em história, formada pela UFRGS. Ela é responsável por trazer a parte historiográfica para o carnavalesco e para o samba enredo. O tema deste ano vai contar a história do negro no Brasil desde a sua chegada até os dias atuais. Entre as conversas que tive com algumas pessoas ficou o convite para que eu ajudasse a “Carol” nos relatos historiográficos. Um dos diretores pediu a palavra e falou da importância da minha presença, como negro, estudante da UFRGS e participando da construção do carnaval do próximo ano.

Eu concordei com ele que seria importante ter um elemento negro na construção do carnaval. Disse que espero poder ajudar contando um pouco da história do negro no país. Este relato corrobora a tese de Moura (1981) de que o negro começa a ser protagonista da sua história e está conseguindo isso graças a cultura negra que é muito forte. E eu me sinto honrado de poder participar desse momento e fazer parte da história do carnaval de Rio Pardo.

Depois de identificar na escola de samba Embaixadores do Ritmo um território negro, local aonde haveria uma identificação dos indivíduos negros e um reforço da sua etnia, resolvi finalmente colher as impressões das pessoas e ver o que elas tinham a me dizer sobre o universo da escola de samba.

Algumas pessoas me sugeriram que eu procurasse uma senhora que participava da escola de samba Velha Guarda, a escola que foi precursora do carnaval em Rio Pardo.

Eu me interessei por que queria ouvir um pouco do relato de como era o carnaval antigamente.

Trago alguns fragmentos da entrevista com a senhora Diva Franco. Ela pulava carnaval na Escola de samba velha guarda que foi primeira escola de samba de Rio Pardo, surgida antes da inauguração da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. Ela relata que eram todos amigos, e gostavam mesmo de se divertir. Relata que era uma escola divertida levavam como uma brincadeira. Os seus irmãos também saiam na velha guarda, era tudo amigo. Segundo depoimento gravado aqui transcrito:

“Adilson - O pessoal que curtiam o carnaval no salão eram, na maioria, negros ou brancos? Como era a relação do pessoal?”

Senhora Diva - Tinha, tinha branco junto, tinha os guri tinha branco junto, os vizinho. Mas lá no salão as vezes não deixavam entrar né. As vezes a dona que era a Dorinha não deixava entrar brancos.

Adilson -E esse não deixar entrar a senhora acha que é porque?

Senhora Diva - Eles não queriam saber de brancos né, só os negros, se divertir só os negros, mas depois pelo fim já entrou todo mundo.

Adilson -Existia uma divisão entre negros e brancos na questão do carnaval?

Senhora Diva - É, mas depois se juntaram todo mundo. Agora pro fim que todo mundo dançava ali no centro, ali no Literário, mas ninguém dançava, não ali entrava só branco

Adilson -Qual era o perfil, qual era a classe das pessoas que pulavam o carnaval?

Senhora Diva - Era os mais pobre né

Adilson -Existia alguma dificuldade de comprar os instrumentos, comprar as fantasias?

Senhora Diva - Aqui na velha guarda eles vendiam coisas né, faziam rifas, vendiam bebidinhas. Rifa eles faziam sempre, para poder ajudar na escola

de samba, eles começavam lá pra novembro, bem antes. Faziam churrasquinho, faziam aquelas festinhas, coisas assim né

Adilson -A senhora lembra das escolas que surgiram depois?

Senhora Diva - Depois surgiu os Candangos, os candangos era da Fortaleza. Até foi a velha guarda que ensinou os candango, esse que é dos rico que eu falo

Adilson -Além da rivalidade do Carnaval todos se davam bem?

Senhora Diva - A não, ai era tudo junto

Adilson -Quando não deixavam os brancos entrarem havia briga ou era uma coisa sutil, as pessoas se davam bem?

Senhora Diva - Sim as pessoas se davam bem, não havia brigas, a rivalidade era só no carnaval

Adilson -A atividade da escola de samba tinha um lado social?

Senhora Diva - A dona da escola convidava e tudo mundo ia, ela fazia carreteiro, sopão e essas coisas assim

Adilson -A escola acolhe todo o tipo de pessoas?

Senhora Diva - Sim, todo o tipo de pessoas

Adilson -O período que a senhora participou do carnaval influenciou na sua vida? O que a senhora trás de bom dessa época?

Senhora Diva - Teve porque eu gostava de participar, hoje em dia, desde que meu esposo morreu eu não participo mais, mas eu gosto de olhar. Gosto de levar filhos e netos, o meu guri sai na escola

Adilson -O que a senhora acha do carnaval de Rio Pardo?

Senhora Diva - Aqui o carnaval é sossegado, aqui é bom para alguém vir por que é sossegado, lá em Porto Alegre é brabo, lá se tu não tiver dinheiro tu nem vai, aqui se tu não tiver dinheiro tu pode ir lá e ver o carnaval

Adilson -E a velha guarda, hoje não tem mais nada?

Senhora Diva - *Não, não tem mais nada, acabou o salão, tem uma casa agora ali, não tem mais nada*

Adilson -*A senhora, como uma mulher negra, acha que tinha identificação com aquele local, e essa identificação lhe deu algum benefício para andar, viver na cidade e criar seus filhos?*

Senhora Diva - *Eu nunca parei para pensar nisso, mas naquela época era só festa mesmo, todo mundo se divertia, era tudo igual, não acontecia nada que nem agora, agora não dá para ir num baile que da morte, naquela época todo mundo se dava bem, todo mundo era amigo, o pessoal era mais pacífico*

Adilson -*A senhora tem saudade daquele tempo?*

Senhora Diva - *Da velha guarda eu tenho, porque a gente seguido fazia chá, fazia as coisa lá dentro sempre lá dentro se divertindo né, era o local que a gente tinha para se divertir, era o único lugar, era aniversário, tudo saia ali. Os aniversários das pessoas que era sócio tudo saia ali.*

Eu encontrei o Senhora Diva na sua casa num sábado à tarde. Uma mulher simples, educada e muito solícita. Passamos a tarde conversando, ela é uma mulher tímida, por isso precisei conversar bastante até falar para ela que eu gostaria de gravar a entrevista. Ela aceitou meio de contra gosto mas falou, eu tive que fazer as perguntas bem detalhadas para que ela pudesse formular as respostas. Mas ao final deu tudo certo. Apesar de ter conseguido no Arquivo Público municipal a história do carnaval em Rio Pardo, eu achei que seria interessante entrevistar alguém que viveu o carnaval nos tempos antigos. A Sra. Diva participou da Escola de Samba Velha Guarda que foi uma das precursoras do carnaval em Rio Pardo.

Chama a atenção que ela, uma mulher negra, que provavelmente sofreu e sofre racismo até hoje, parece que não percebe da situação em que se encontra, pois para ela as pessoas vivem bem e sem verbalizar, mas deixando subentendido, passa a impressão de que as coisas acontecem de uma maneira normal, que não há racismo e que todos vivem em total harmonia na cidade de Rio Pardo.

Em outra entrevista, ocorrida em um domingo, 07 de agosto de 2022, o Sr. Nívio Carrasco explicita o valor conferido a escola de Samba. A entrevista aconteceu na casa do Sr. Nívio Carrasco, que é um dos fundadores da escola de samba Embaixadores do Ritmo. Em nova entrevista reafirmou:

“Terça feira, 11 de outubro de 2022

18:38hs

Adilson - Me conte um pouco da sua história de vida e o seu envolvimento com o carnaval e a fundação da escola de samba Embaixadores do Ritmo?

Sr. Nívio - Na década de 50 foi a minha infância e tinha aqui em Rio Pardo a Escola de Samba Velha Guarda, tinha uns parente nosso. Naquela época essa escola era uma escola pequena, depois surgiu a escola Black Boys que era da Vila Nsa. Sra. do Rosário e Bom Fim. Então chegava na época do carnaval a gente via as apresentações que a velha guarda fazia e naquela época tinha um auditório na rádio Rio Pardo a gente gostava muito daquilo e ao mesmo tempo tinha ligação com o futebol, os campinhos de futebol aqui perto.

Nosso campinho uns colegas de colégio me convidaram a jogar lá no outro campinho perto da igreja matriz, e chegando perto da época do carnaval, nós tava jogando nesse outro campinho e começou a chover, tivemos que parar com o jogo. Um dos nossos amigos que morava ali perto nos convidou para ir para a casa dele que era ali perto, disse que podíamos ir para lá, tinha um porão e podíamos ficar lá, tinha uns instrumentos, umas caixas, uns ferrinhos e podemos fazer samba, nós não sabia muito mas foi.

Dali surgiu num grupo de meninos de 10 a 15 anos a escola de samba chamada candangos:

“Adilson -Então o senhor também é um dos fundadores dos candangos?

S.r. Nívio - Eu quis trazer isso ai porque os candangos foram os grandes rivais dos embaixadores, também no futebol de várzea e nos campeonatos da praia entraram os candangos e os embaixadores e tinham

a mesma rivalidade, como time de futebol. No dia que tinha jogo, que era um clássico tinha mais gente na praia. Depois que foi fundado os candangos também faziam apresentações, passaram para o centro, começaram a organizar melhor o carnaval e começou a ter premiação.

Com o tempo eu saí dos candangos até porque não tinha como eu fazer o carnaval com os candangos e depois terminava o carnaval o pessoal eram sócios do clube literário, clube da elite, eu não ia, só que eu queria dar uma olhada na velha guarda e eles faziam as festas no salão da dona Hortência. O pessoal da velha guarda questionou, como que tu sai lá com os candangos e agora tu está aqui com a Velha Guarda? Tu ainda vem aqui na “nossa” festa?

“Adilson - Só uma questão, quando o Sr. Não ia no literário já tinha essa questão de ser negro e tal, é porque era o clube dos brancos?”

S.r. Nívio - Sim, é quando tinha mesmo, e os próprios, a gurizada dizia vamo, mas eu ficava meio assim, porque diziam naquela época que para entrar só filho de médico, tinha os Panatieri (Família de negros médicos) que podiam entrar, eles eram sócios do clube, só aquele cara que era teu amigo era teu amigo, independente de qualquer coisa. Mas tinha uma coisa, quando tinha uma festa eu evitava de ir tanto num quanto noutro.”

Sobre a influência negra na cidade, afirma:

“S.r. Nívio - O time forte de futebol de Rio Pardo do amador na época era ligado à velha guarda, o pessoal da Velha Guarda mais ou menos comandava esse time”.

Assim, compreendemos a Fundação da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo:

“S.r. Nívio - A gente considera os fundadores, porque tem muita gente que se diz e de repente até fizeram parte no início, mas a gente considera os fundadores, até foi feito uma ata, um rascunho, que sumiu, mas o início da escola foi feito sem registro, nós fazíamos o carnaval mas teve épocas em que pensamos em desistir, pensamos em vender todos os nossos instrumentos para as outras escolas e pagar as contas, mas chegamos na casa do Fiapo já com o pensamento mudado. Mas em 68 ai sim, e depois

em 70 um grupo que fazia parte da escola sugeriu fazer uma sociedade, só que numa sociedade ou tu é casado ou não é casado, e aí deu problema, não deu certo, depois em 72 virou sociedade, era só escola de samba, depois virou sociedade”

Senhor Nívio conta como a sede começou e qual sua abrangência:

“S.r. Nívio - A sede começou um movimento com o Bagé, ele conseguiu quando tava na presidência e tal, ele conseguiu o terreno com o prefeito, porque a velha guarda conseguiu um terreno e um clube ali na rua de trás aonde era o restaurante da Leci, naquela rua que agora o trânsito sai lá perto do estádio e os Candangos lá depois do trevo.

*A Luísa que era mãe do Maguila, ela tava bem entrosada nesse meio lá (em Porto Alegre), então ela era da música, da noite, do carnaval e ela conseguiu algumas coisas, um cachê, alguma coisa, aí eles traziam o Café ~~Samba~~ Som e Leite (Conjunto Musical), então houve umas promoção muito boa, nós éramos também, a gente tinha que participar de um concurso, baile. Miss Mulata do Rio Grande do Sul, eu sei que a nossa candidata ganhou, aí no próximo ano seria aqui. A Deise Nunes (**Miss Brasil e primeira Miss negra – grifo meu**) veio como jurada. Depois de um tempo não dava mais para fazer no Tênis (Tênis Clube) os eventos nosso de fazia no Guerinão (Ginásio Municipal Amaro Cassepi – localizado na vila Guerino).*

A partir do ponto de vista do Sr. Nívio é possível compreender a importância da escola para os cidadãos negros da cidade tão plural.

Sr. Nívio - Olha a gente sempre viveu em colégio em futebol a vizinhança, tudo que era tipo de gente, nunca houve essa coisa de racismo, a única vez que a gente sentiu foi na história de entrar no literário. Logo no primeiro ano tinha alemão, tinha branco, tinha negro, tinha um cunhado da minha irmã tinha um cara que era um alemão. A única dúvida era se ele sabia tocar e sambar, até diziam, se ele não souber dançar, a gente bota num caminhão...

O Sr. Nívio viveu uma situação embaraçosa. Quando era mais novo foi convidado a jogar futebol com seus amigos brancos que moravam em outro bairro que não era o dele. Ele como amigo desses outros indivíduos ajudou a fundar a Escola de Samba Candangos que é, segundo relato dos moradores da cidade, a escola dos brancos, em contraponto aos Embaixadores do Ritmo, que ele também ajudou a fundar, e é, segundo relatos, a escola dos negros. Com os relatos se consegue entender como era no passado e a configuração que se estabelece no presente. O Sr. Nívio argumenta que em algum momento ele fazia carnaval com Os candangos mas depois do carnaval, quando seus amigos que eram brancos iam para o Clube Literário, ele não podia ir. E aí ele ia ver o baile da Velha Guarda e era questionado pelos membros da Velha Guarda por que ele fazia carnaval com os “outros” e depois ia lá. Então ele acabava não indo a nenhum carnaval, mostrando que o racismo exclui de uma forma contundente e cruel.

O Sr. Nílvio é professor de Educação Física aposentado, há alguns anos atrás ele comprou um terreno na praia de mar e construiu uma casa, local que ele vai seguidamente aos finais de semana. Foi difícil de conversar com o Sr. Nílvio, pois algumas vezes que estive na sua casa ele estava na praia e teve uma vez em que fui na sua casa, ele estava em casa mas um vizinho disse que quando tem jogo do Internacional ele se tranca dentro de casa e não atende ninguém. Tive um grande prazer em conhecer e conversar com o Sr. Nílvio, fizemos uma entrevista bem longa, ele não se opôs de gravar, mas teve alguns momentos, principalmente quando ia falar sobre alguém ele pedia para desligar o gravador. Não que ele falasse mal das pessoas, mas acho que por uma questão de se preservar e até mesmo achar que eu poderia compartilhar as informações. Conversando com o Sr. Nílvio descobrimos que temos um parentesco distante, ele me contou algumas histórias da minha família e disse que conheceu o meu pai.

Dona Oracellia de Assis Silva é uma mulher negra, membro dos embaixadores do ritmo. Assim ela se auto apresentou em 27 de agosto de 2022:

“Fui criada e tive um vínculo muito forte com a escola, meu tio foi um dos fundadores da escola então a gente se criou nós tivemos uma ligação muito forte com a escola, toda a nossa família a minha irmã meus sobrinhos

A escola tá sempre de braços abertos, ela agrega muito as pessoas a gente costuma dizer que ela é a escola do povão”.

Ela explica sua ligação com a escola da seguinte maneira:

“Dona Oracellia de Assis Silva - A gente teve uma ligação com a escola porque antigamente tinha muito o branco e o negro, porque tinha a outra escola a outra escola não tinha abertura para os negros, ela era uma escola de samba pra brancos, e como tinha o embaixador daí as pessoas começaram a ter uma ligação e uma identificação pela cor, não sei se é por causa que os fundadores eram pessoas de famílias negras, daí a gente não conseguia entrar numa escola de brancos e daí já tinha um convívio com família de negros então teve um convívio e a gente foi se identificando nessa parte dentro da escola

Adilson- A escola, pelo fato de congregar pessoas negras, promove a raça negra, por exemplo, o samba enredo conta a história da África?

Dona Oracellia de Assis Silva - Sim já fizemos o samba enredo sobre a África, navio negreiros, já foi bem contado bem aplaudido tanto é que a gente foi campeã né foi muito lindo.

Sobre sua participação, afirma:

“Dona Oracellia de Assis Silva - Eu gostaria de participar mais, mais a escola faz eventos o ano todo e a gente procura estar junto com promoções e com shows a gente procura sempre estar presente, pra não chegar só na época do carnaval a gente estar lá a minha família a gente sempre vai

Adilson - A senhora participou da diretoria?

Dona Oracellia de Assis Silva - Não só do desfile mesmo

Adilson -E senhora participa de alguma ala?

Dona Oracellia de Assis Silva - Eu saio na ala de branco, sai todo mundo de branco, desde que foi fundada eu saio nessa ala

Adilson -E o branco é uma alusão a que, o fato de as pessoas estarem de branco?

Dona Oracellia de Assis Silva - É que nem sempre as pessoas querem fazer fantasia, ou as vezes não tinham dinheiro, então eles fizeram a última ala que daí seria a ala de branco, aonde todas as pessoas saiam de

branco, mesmo pessoas que tem condições de comprar uma fantasia preferem sair na ala de branco pelo gosto de sair

Adilson -E a escola é aberta a pessoas brancas

Dona Oracellia de Assis Silva - Sim, nós temos várias pessoas brancas, tivemos até o Lailton que é o Presidente e toda a família dele é embaixadores o pai dele é o símbolo da escola o Bagé, ele é branco e tem uma ligação muito forte com a escola

Adilson -Uma coisa que eu tenho curiosidade de saber é se existe alguma coisa ligada ao poder aquisitivo, por exemplo, o Edvilson que é o prefeito é membro da escola, existe a possibilidade dele, por ter esse poder na cidade, pagar para sair no melhor lugar na escola, em algum carro alegórico, na melhor fantasia ou posição de destaque?

Dona Oracellia de Assis Silva - Não, tanto é que ele e mulher dele sai na ala de branco com nós, a esposa dele as vezes sai e as vezes sai só ele

Adilson -Então não existe a possibilidade de alguém que tem muito dinheiro mandar buscar uma fantasia no Rio de Janeiro, por exemplo, e chegar aqui e querer ser destaque?

Dona Oracellia de Assis Silva - Não uma coisa acontece, não nesse sentido de dizer eu tenho eu posso, eu sou mais que os outros, isso não tem

Adilson -Então a gente pode dizer que quando vocês estão dentro da quadra ou no momento do carnaval na avenida são todos iguais?

Dona Oracellia de Assis Silva - É todo mundo igual, nós somos todos iguais, isso eu posso falar e eu comprovo que somos todos iguais não tem, não existe diferenciação, a gente chega lá e é muito bem recebido, é muito bom

Adilson -A escola pode ser considerada um clube negro?

Dona Oracellia de Assis Silva - É considerado um clube que a maioria é negro, mas não é obrigatório que seja só negros, a gente não faz aquela coisa de dizer que é só negro, é uma coisa aberta nos temos várias pessoas

brancas que participam, nós já tivemos um presidente que e branco, o Lailton filho do Bagé, o prefeito é branco e é membro da escola, então

Adilson -Saindo do âmbito da escola e indo para o carnaval no geral, o carnaval é negro, ou seja, é uma manifestação cultural negra, assim como o surgimento do samba que é uma manifestação cultural negra?

Dona Oracellia de Assis Silva - Eu não acho que ele e um carnaval só de negros, e uma miscigenação uma mistura muito grande, eu acho que ele e um carnaval para todos os povos, pra todas as coisas, ele é aberto

Adilson - Eu quis dizer sobre um carnaval negro não para dizer que só os negros participam, mas se a gente percebe que é uma manifestação assim como o samba que veio no início dos negros ou já foi cooptado como é no Rio de Janeiro?

Dona Oracellia de Assis Silva - É acho que já foi, agora não tem mais aquela cultura enraizada, aquela coisa mais enraizada de negros, a uns anos atrás era o carnaval mais dos negros, agora não é mais assim

Adilson -Eu vejo que a senhora quer dizer que, pelo que eu tô entendendo que enquanto negro não existe essa coisa de dizer que aqui tu não entra, mas do outro lado existe?

Dona Oracellia de Assis Silva - Sim do nosso lado não existe, mas do outro lado existe

Adilson - A senhora poderia puxar um pouco da memória e me contar as situações em que. Por exemplo, eu sou negro aqui não vou entrar, eu sou negra tal coisa não vou fazer, eu como negro o que eu faço para ser aceito, o que faço para ter acesso a essa sociedade? Não só no carnaval mas também na sua vivencia enquanto cidadão dessa sociedade?

Dona Oracellia de Assis Silva - Não, eu não tenho muito essa coisa de dizer que ali é de branco, não, eu sempre vou. Eu nunca acho que sou menor do que ninguém e eu nem deixo ninguém achar que é melhor que eu nem acho que sou menor do que ninguém, menos que ninguém, nessa questão de que ele é branco e eu sou preto, mas também a gente nunca deixa ninguém achar que é melhor do que a gente nunca tive nem um

preconceito por ser negra, de não ir no lugar, mas tem lugares que se tu entrar, as pessoas te olham assim, que nem a gente tava conversando, o clube literário mesmo é uma dessa coisas, eles fazem as promoção e todo mundo pode entrar mas se tu entrar os olhares, o psicológico vai ficar abalado, eles não se misturam.

Adilson -E na sua infância e adolescência?

Dona Oracellia de Assis Silva - Não, eu me criei me dando bem com todo mundo.”

A Sra. Oracelia foi uma das primeiras pessoas que eu entrevistei. Eu havia combinado com o Paulo Roberto, que é irmão dela de que ele iria me mostrar a cidade, mostrar a escola de samba e me apresentar algumas pessoas que tem relevância dentro da escola de samba para eu entrevistar. Todas as vezes que fui na casa do Paulo Roberto que é junto com a Sra. Oracélia ele não estava, nesse dia como ele não estava eu comecei a conversar com a Sra. Oracelia, e resolvemos que eu iria fazer a entrevista com ela. Foi uma coisa acertada, pois a entrevista foi muito boa e ela esclareceu uma série de dúvidas que eu tinha. Fica aparente, assim como a maioria das entrevistas que eu fiz que as pessoas relatam que são todos iguais, que nunca sofreram, mas em um determinado momento falam de uma situação de racismo que viveram, sejam de não entrar no clube da elite ou outro tipo de discriminação.

A entrevista com o Sr. Bagé me apresentou um desafio adicional. Há muitas versões sobre um mesmo fato. O fazer etnográfico, ao meu ver, é uma das coisas que mais enaltece a profissão de antropólogo. Quem não imaginou a cena, quando Malinowski fica na praia e observa o barco de longe se afastando. Quem não imaginou a cena da Briga de Galo tão brilhantemente descrita por Geertz. Praticamente, ao ouvir o relato de Geertz, fazemos um “filme” mental e conseguimos “visualizar” a cena, tamanha a riqueza de detalhes do relato. Eu não poderia deixar de ter essa preocupação com o fazer etnográfico e com a descrição do meu campo. Tenho um incentivo especial para fazer esse relato do meu campo. Mais do que relatar, é falar um pouco dessa figura que tive o prazer de conviver por um breve espaço de tempo. Um momento altamente enriquecedor e prazeroso, devido a sua capacidade de relatar os acontecimentos e fatos de sua vida que se entrelaçam à história da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo.

Algumas pessoas de meu convívio na comunidade, me diziam que eu deveria conversar com o Bagé. Sempre que eu comentava com alguém sobre a pesquisa que estava fazendo sobre a escola me diziam para conversar com ele. Ele era muito envolvido com a escola. Eu, na minha ignorância e por saber que o Bagé era branco, achava que, por mais que ele fosse envolvido com a escola de samba, ele era um cidadão branco e, ao meu ver, não era relevante entrevistar uma pessoa branca quando estou tentando entender o universo das pessoas negras do município. Foi em uma saída de campo que tive a oportunidade de conhecer o Sr. Bagé.

O Sr. Bagé infelizmente veio a falecer no ano de 2022, durante a escrita dessa dissertação. No dia que eu conversei com ele, ele faria, naquela semana um procedimento cirúrgico em Porto Alegre. Nós combinados de nos encontrar depois e ele me contaria mais alguns casos da história da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. Eu não poderia imaginar que aquela teria sido a primeira e última vez que conversaríamos. O seu interesse na pesquisa foi tão grande que depois de nós termos ficado uma tarde inteira conversando e ele contando seus “causos”, ele foi até o lugar aonde eu estava hospedado, me chamou e me contou mais algumas histórias, passou o número do seu telefone e disse para mim não deixar de procura-lo quando viesse novamente à Rio Pardo. Eu Não poderia contar a história da escola de samba sem entrelaçar com a história de vida do Bagé, vejo nesse relato uma homenagem a esse senhor que eu tive a oportunidade de conviver por tão pouco tempo, mas me ensinou muita coisa.

Bagé veio parar na cidade de Rio Pardo, local que considerou uma “mini Rio de Janeiro”. Gostou do lugar e resolveu se estabelecer. Como ele cantava na noite, conheceu várias pessoas ligadas ao carnaval, ele havia conhecido o Lupicínio Rodrigues em Porto Alegre e logo começou a frequentar os locais de músicos, jogadores e carnavalescos.

O Sr. Bagé, obviamente, como o apelido denuncia é natural da cidade de Bagé no Rio Grande do Sul. Eu havia marcado uma entrevista com ele quando cheguei na sua casa havia um cachorro que parecia ser muito brabo. Ele me contou que aquele cachorro havia se soltado quando ele foi no supermercado, e ladrões entraram na sua casa e roubaram algumas coisas: o ventilador, uma coleção de moedas, um aparelho de som. Bagunçaram toda a casa, mexeram nos guarda roupas e armários, provavelmente atrás de dinheiro e objetos de valor. O Bagé, apesar da bagunça da casa e do roubo de alguns dos seus objetos parecia estar calmo, só mostrou irritação quando foi pegar uma cerveja e viu que os ladrões haviam roubado as cervejas também. Ele me ofereceu uma garrafa d’água e também tomou uma. Nesse momento ele começa a me contar a história da sua vida que em alguns momentos se confundem com a história da escola de samba.

O Bagé, foi morar em Porto Alegre, era frequentador do Bar “Batelão” que era de propriedade do Lupicínio Rodrigues, local aonde cantava e gostava de jogar sinuca. Frequentador assíduo, conheceu o Lupicínio e logo depois foi para o Rio de Janeiro, isso mais ou menos entre o final da década de cinquenta e começo da de sessenta. Ele foi ao Rio de Janeiro porque tinha o sonho de conhecer aquela cidade, para isso se alistou para prestar o serviço militar como paraquedista. Passou no concurso no seu estado natal, o Rio Grande do Sul e foi para fazer o Curso. Lá foi reprovado, mas resolveu ficar no Rio de Janeiro sem rumo. Ele fez amizade com o Carlinhos, um gaúcho que morava no Rio. Nesse período Carlinhos viu que ele jogava bem sinuca e convidou ele para jogar nos locais do Rio De janeiro aonde jogavam valendo dinheiro e ele conseguiria uma boa grana, pois ele como garçom conhecia bem a vida noturna e sabia quem jogava bem e quem não jogava, e mais do que isso, sabia quando tinha alguém “por trás” que poderia apostar grandes valores nesse jogador. O Bagé realmente era muito bom na sinuca, me contou que ganhou muito dinheiro, diz que “fez fortuna” com a sinuca, chegando a frequentar locais aonde se apostavam cinco mil dólares em uma partida, contou que o seu amigo Carlinhos lhe falou de um local em Petrópolis aonde só se hospedavam milionários, contou seu amigo que pela manhã as mulheres iam todas para a piscina tomar banho de sol e os homens iam jogar sinuca. O Carlinhos conseguiu que uma empresa

americana lhe contratasse como vendedor com carteira assinada para ele ter acesso ao hotel, como vendedor ele ficava hospedado e assim poderia estar no local dos jogos pela manhã, ali ele desafiava os milionários para o jogo e “pelava” (ganhava) deles. Disse que também jogou no Cassino da Urca.

O Bagé voltou para o Rio Grande do Sul porque, segundo ele, se envolveu com uma mulher casada e o marido dela estava preso, era um dos maiores bandidos do Rio de Janeiro naquela época. Ele inventou a desculpa que a sua mãe estava doente e precisava voltar à Porto Alegre. Jogando e cantando na noite, de repente seus amigos disseram que havia uma baiana lhe procurando, foi quando ele viu que a mulher tinha vindo atrás dele. Ele ainda ficou por alguns anos com essa mulher, mas já tinha interesse em se casar, por isso foi dando desculpas para a baiana até que ela resolveu voltar para o Rio de Janeiro. Depois ele ficou sabendo que o Mineirinho, marido da mulher, tinha sido morto pela polícia, segundo ele, foi feito um filme sobre esse homem, o filme se chama: “Mineirinho vivo ou morto”.

Fiz a opção pelo relato desses 4 interlocutores para mostrar diversidade nas pessoas que entrevistei. Na pesquisa não levo em consideração questões de gênero, mas faço alusão à interseccionalidade, por isso a opção de incluir dois homens e duas mulheres para demonstrar um certo equilíbrio na questão do gênero. Trago o relato do Sr. Nilvio Carrasco por ser ele um dos fundadores da Escola de Samba Candangos e posteriormente da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo, o Sr. Nílvio, dentro das suas relações pessoais na cidade e conhecimento do samba, foi muito importante na consolidação do carnaval atual da cidade de Rio Pardo. O outro interlocutor, Sr. O Bagé, também demonstra toda a sua importância na consolidação do carnaval de Rio Pardo e na concretização da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo. No período em que viveu no Rio de Janeiro pode acumular conhecimento e experiências que depois implementou na cidade e na escola de samba que o adotaram. A Sra. Juraci traz um pouco da história do Carnaval do passado e conecta com o carnaval atual. Finalmente a Sra. Oracélia que é membro da escola de samba, mas assim como ela mesma comenta, nunca teve cargo na diretoria e participa somente dos desfiles, é uma simples foliã que gosta e sempre saiu na “Ala Branca”.

Como pude mostrar, os relatos de meus entrevistados evidenciam um carnaval negro aberto a relações com os brancos. Como também já havia relatado, algumas pessoas não conseguem perceber o nível de discriminação a que são submetidas. Concordo que

fica difícil para uma pessoa que nasce e cresce dentro de uma situação de discriminação, que muitas vezes é amenizada, pelos pais e elementos da família que há gerações vivem essa situação, realmente é difícil se posicionar. Fica difícil combater ou ir de encontro a essas situações. Percebo que não é o enfrentamento direto que vai resolver tais questões, são as atitudes do conjunto da sociedade que irão transformar principalmente as situações de racismo estrutural. Cabe lembrar, segundo Almeida (2019), que a branquitude também é uma construção, e dentro do racismo estrutural as pessoas brancas também sofrem um processo de construção da sua condição de indivíduos brancos.

Trago relatos referentes à indivíduos negros, e através do carnaval, que é uma manifestação cultural negra, tento entender como a escola de samba, um local aonde os negros reforçam a sua identidade e se sentem pertencentes a algo que valoriza a cultura negra, traçam estratégias de convívio nessa sociedade. Tive a percepção que da parte dos indivíduos negros há uma tentativa de apaziguar os conflitos, pois a maioria das pessoas que eu entrevistei fazem questão de ressaltar que não tem nada contra os brancos. Mas da parte dos brancos existe e mesmo que não seja uma coisa concreta, um xingamento ou agressão, vai ser uma pressão psicológica, como a Sra. Oracélia comentou quando perguntada sobre um negro entrar no clube literário.

Conforme venho citando, e é o que realmente me pareceu, há uma certa harmonia nos relacionamentos. Observando com uma certa profundidade, vejo que os negros, através de diversos atos, entre eles se filiarem a uma escola de samba, por ser a escola dos negros, vejo que essa harmonia é uma estratégia, ou seja, a ideia é viver com cordialidade, com harmonia mas as estratégias estão sendo traçadas. O negro, através de uma luta, muitas vezes silenciosa, tenta cada vez mais expandir o seu espaço, e não por adentrar o espaço do branco, mas sim adentrar o espaço que é seu por direito, seja ele qual for.

Como relato final trago uma situação que aconteceu no final do ano de 2021, quando não haveria carnaval na rua mas os clubes já estavam permitindo festas. A diretoria da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo alugou o espaço e fez uma grande festa no Clube Literário, o clube da burguesia branca da cidade. Segundo relato dos membros da diretoria, os negros invadiram o local e com seus instrumentos fizeram uma grande festa. Como era uma festa aberta, muitos sócios do clube compararam ingressos e foram nessa noite. Segundo relatos muitos desses membros quando viram que era uma festa da Embaixadores do Ritmo se retiraram do local. Esse é só mais um caso em que os indivíduos negros da cidade traçam estratégias que combatem as desigualdades e cada

vez mais dão força e permitem que a parcela negra da população se torne agentes da sua própria mudança.

Capítulo 5. Considerações finais

Muitas vezes, situações envolvendo o negro, escravidão, discriminação, se tornam casos corriqueiros, mas há casos de maior vulto como é o caso das igrejas, que como um fantasma do passado fica evidente que incomoda. Foi a partir dos relatos que figuravam na literatura, ou na oralidade que fui instigado a seguir em busca dos casos de conflito nas relações interétnicas. Aquilo que eu julgava ser importante, os espaços de sociabilidade, havia compartilhamentos, e havia os encontros. Nesses encontros, havia a possibilidade de conflito. Observando essa dinâmica, percebi que havia uma teia de significados. Identidade negra, territorialidade, sentimento de pertença, diáspora africana, decolonialidade, história da África e história dos Afrodescendentes brasileiros, tudo ao final fazia sentido.

Como aluno da UFRGS fiz incursões com o intuito de simplesmente de fazer um trabalho de final de semestre. O objetivo do trabalho seria desvendar por que acontecia o caso da “Igreja dos Negros e Igreja dos Brancos”, e produzir um diário de campo. Com um tema tão rico obtive êxito em expor os resultados. Conhecendo a cidade, descobrindo contextos históricos, espaços de sociabilidade, observando o dia a dia, fazendo amizades, convivendo com pessoas, trabalhando, enfim, experimentando uma vivência na cidade, me deparei com a situação de estar de novo na cidade. Diferente do passado, agora como pesquisador, fui atrás dos fenômenos sociais que me inquietavam. Esperava revelar algo que acrescentasse não só para mim, mas que fosse importante para a academia, para dar visibilidade aos temas ligados à situação do negro e ajudar nessa luta, que é tão árdua e desigual.

Depois da imersão em campo, de posse dos meus achados etnográficos, vi que as teorias antropológicas podiam ser confirmadas e me davam pistas de que as informações encontradas eram consistentes, ou seja, o que está na literatura se observa em campo. Os acontecimentos na sua forma mais “crua”, aqueles acontecimentos do dia a dia, muitos deles, reflexos da escravidão e da tentativa de tornar os indivíduos negros, pessoas de menor valor, se revelaram a medida que eu avançava nos estudos e adentrava os grupos sociais, desvendava os locais de sociabilidade e me inseria nos diferentes contextos. Observei que nos dias de hoje os indivíduos se comportam de forma que parece não haver desavenças ou dificuldades nos relacionamentos. Circulando pela cidade, observando as rodas de conversa, as brincadeiras, os compartilhamentos do espaço público e mesmo do privado tinha a impressão de haver tranquilidade nos relacionamentos. Na verdade, há

diferença no tratamento das pessoas. Essas diferenças, tanto no nível individual quanto nas instituições, remetem ao racismo estrutural. Silvio Almeida (2019) traz preciosas reflexões sobre o racismo estrutural e de que forma está inserido na sociedade.

Conheci, através de pesquisa na literatura algumas comunidades quilombolas que apresentam dificuldades nos relacionamentos. Quilombo do Rio das Rãs, Morro Alto, Quilombo de Casca, Quilombo da família Silva etc. Essas comunidades, evidenciam a ligação do negro com seu território, mas as dificuldades nos relacionamentos interraciais produziram situações de grande dificuldade aos indivíduos negros. A situação do negro escravizado teve reflexos também na cidade de Rio Pardo, e é um pouco desses reflexos que eu trouxe como resultado da minha etnografia.

Buscava, através da literatura, entender a questão do negro no Brasil. Nas minhas incursões, procurava entender as questões relacionadas aos negros na cidade, tanto num contexto Antropológico quanto num contexto historiográfico. Quando estava na cidade, estabelecia uma relação. Essa relação, me tornava um pesquisador diferenciado, pois além de estar em busca do meu objeto de pesquisa, eu, enquanto indivíduo negro, fazia parte da matéria estudada. Eu saía da condição de visitante e como pesquisador questionava as pessoas. Essas pessoas me diziam muito sobre ser negro na cidade. Assim como eles diziam, eu também experimentava. Algumas informações chegavam até mim mesmo sem estar buscando essas informações, pois em simples roda de conversa, as vezes no meio familiar, ouvia “causos” que me alertavam que em determinada situação ou lugar havia algo a ser verificado. Com o apoio dos interlocutores no fazer etnográfico e com informantes no meu círculo familiar, consegui informações que foram de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa.

Sendo instigado pela interlocução, explorando a curiosidade, comecei a levantar questões sobre a situação dos negros com olhar investigativo para descobrir e entender como os negros se posicionam e produzem estratégias para o embate social. Cada vez que eu adentrava os pormenores nas relações sociais ia descobrindo coisas novas. Sob uma perspectiva historiográfica, observando que muitos acontecimentos estão conectados ao passado, percebi que os acontecimentos obedecem à ciclos, esses ciclos trazem o passado para o presente e mostram que nos dias de hoje os ciclos se repetem e tem na escola de samba dos negros em oposição e rivalidade a escola dos brancos como um novo caso de

segregação social. Consegui entender que as coisas estavam acontecendo de forma recorrente, ou seja, os casos de hoje, são um reflexo do passado.

Enquanto os negros do Rincão, preteridos pelos brancos fizeram da pequena igreja um foco de resistência, os negros na escola de samba embaixadores do ritmo reforçam a resistência para embate social. Ciente dessas situações e com a certeza que essa era uma rede de acontecimentos, foi a forma que encontrei para dar conta de responder as questões de pesquisa. Analisando contextos historiográficos, observando os cânones da antropologia aliados às minhas anotações da etnografia, fiz um apanhado, formulei resultados e expressei através do presente texto. Foi a hora de “colocar as coisas no papel”, transformar o fazer etnográfico, em algo que fosse do meu jeito, com as minhas características literárias e com o meu registro de tudo que eu vi, vivi, aprendi e absorvi. A busca na memória, as lembranças do campo, as anotações, as observações do entorno do cenário da pesquisa, as características dos interlocutores e, ao meu ver, mais importante e talvez seja o que move os etnógrafos que é fazer o texto tocar no sentimento daqueles que irão ler e estudar através das suas linhas e parágrafos.

A história oral na construção dos argumentos, para foi mim um ponto importante na condução da pesquisa, desde o início fui instigado pela história oral. Na primeira ida à campo, me deparei com uma série de histórias orais que foram importantes na construção de uma teia de acontecimentos para organizar meus estudos. A oralidade também me auxiliou na observação do protagonismo dos atores da escola de samba que desde a inauguração contam através da oralidade a história do grupo de negros que fundaram a escola de samba deles aos seus moldes. Tomando para si o protagonismo e servindo de exemplo. Com o protagonismo, dos negros da escola de samba, os indivíduos da cidade se identificam, se reconhecem e se mantêm altivos nas suas atitudes, enfrentando de cabeça erguida as situações do dia a dia, fazendo com esse movimento, o reforço do sentimento de pertença, potência da representação ritual, representação simbólica, a sociabilidade, a construção e a atualização identitária.

A sociedade de tempos em tempos, no que tange a sociabilidade, tem avanços. Esses avanços, muitas vezes são o resultado de ciclos que iniciam e se encerram, trazendo, para nós, enquanto sociedade, transformações que moldam comportamentos, promovem mudanças e criam hábitos que inevitavelmente são os que operam essa mudança. Essas mudanças, trazem avanços positivos para a sociedade, principalmente quando se referem

às relações sociais. As estruturas da sociedade são concretas e resistentes às mudanças mas através de pequenos avanços é possível o êxito.

Os meus estudos tiveram início quando fui instigado a entender porque havia no interior do município uma igreja para negros e outra para brancos. Isso me incomodou e incomoda a maioria das pessoas. Quando se toca nesse assunto, inevitavelmente vem a seguinte pergunta: Isso foi um apartheid social que aconteceu na cidade? Eu, por muito tempo sustentei a ideia de que teria havido naquele local um apartheid social, aos moldes da África do Sul. Fazendo leituras que evidenciavam a trajetória do povo negro no Brasil, percebendo que é uma trajetória de glória e lutas. Essas ações, ora vitoriosas, ora infrutíferas são ciclos que ao fim e ao cabo são ações com êxito.

A figura da pequena “Igreja dos Negros” frente a suntuosa “Igreja dos Brancos” lá no interior, símbolo da resistência negra, na localidade distante trinta quilômetros da sede do município, localidade essa com dificuldade de receber da mão do estado as benesses a que tem direito, foi um caso de resistência negra que atravessou o século XX e adentrou o século XXI servindo de exemplo de resistência e luta. A localidade de Rincão dos Negros, foi reconhecida como comunidade quilombola. O reconhecimento é uma prova de que o povo negro da cidade de Rio Pardo resistiu bravamente aos ataques sofridos e continua de pé firme e forte. O sentimento de pertença que vem sendo reforçado em cada atitude, seja admitindo que é negro, que tem orgulho da sua negritude, passando pelas caravanas de negros que vinham de várias localidades no estado para a festa da padroeira da igreja dos negros.

Concluo evidenciando que os indivíduos negros da cidade, mesmo com todas as dificuldades que a comunidade negra encontra, tem motivos para entender que nenhuma luta é em vão. Para um cidadão negro que mora ou que simplesmente visita à cidade, se depara com diversas situações em que é necessário um posicionamento. Alguns indivíduos tem dificuldade para entender a sua real situação, outros conseguem entender e muitos são combativos frente aos ataques das pessoas que de uma certa forma tentam impor aos negros a situação de cidadãos de menor valor. O negro sempre foi resistência, de uma forma ou de outra os negros sempre encontraram maneiras e meios de enfrentar de cabeça erguida as ameaças. Isso se chama resistência.

Entre os casos mais exitosos da resistência negra dos últimos tempos, cito a escola de Samba Embaixadores do Ritmo, que atravessou cinco décadas de glória e vitórias na avenida. No carnaval do ano de 2021, em plena pandemia mostrou que a resistência negra

está mais viva do que nunca e numa demonstração de coragem, ousadia e protagonismo, alugou o clube Literário, o mesmo clube da elite branca da cidade. Num ato inédito na cidade de Rio Pardo, a Escola de Samba Embaixadores do Ritmo alugou, pagou e fez no Clube Literário o carnaval negro mais significativo da recente história da cidade, justamente no espaço de sociabilidade mais branco que há na cidade, realizando assim um ato simbólico, demonstrando que o sentimento de pertença, a identidade com a sua etnia, e a garra inerente à “raça” negra. A luta e a vontade de seguir em frente com garra e determinação, demonstra que os negros são sim protagonistas da sua luta e agentes da mudança, reescrevendo a historiografia oficial.

Capítulo 6. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BANTON, Michel. A ideia de raça. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTH, Fredrick. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. – Fredrik Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000
- _____. "A Análise Da Cultura Nas Sociedades Complexas". In: O Guru, O Iniciador E Outras Variações Antropológicas. (Org.) Lask, Tomke. Rio, Contracapa, 2000. (P. 107-139)
- _____. "Temáticas Permanentes E Emergentes Na Análise Da Etnicidade". In: Antropologia Da Etnicidade. Para Além De "Ethnic Groups And Boundaries". (Org) Vermeulen & Govers. Fim De Século, Edições. Lisboa, 2003.(P. 19-44)
- BASTIDE, Roger. Brancos e negros em São Paulo; ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana / Roger Bastide, Florestan Fernandes. 4. Ed. rev. – São Paulo: Global, 2008
- BITTENCOURT, Carlos André Da Rosa. Carnaval de rua em Porto Alegre: a segregação de uma cultura popular. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. A esquina do Zaire: territorialidade negra urbana em Porto Alegre. In: Presença negra no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 40-46
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo/ sob direção de Pierre Bourdieu; com contribuição de A. Accardo... et. Al. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1998
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DAMATTA, Roberto, 1936 – Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro / Roberto DaMatta – 6a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997
- DINAMICAS DE CIDADANIA: abordagens etnográficas sobre a diversidade / organizadoras Cintia Beatriz Muller e Miriam de Fatima Chagas – Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2010.
- DIREITOS ETNICOS E TERRITORIALIZAÇÃO: dimensões da territorialidade em um comunidade negra gaúcha / Cintia Beatriz Muller Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas / Frantz Fanon; Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Primavera Para as Rosas Negras, Lélia Gonzáles em primeira pessoa. Coletânea organizada e editada pela UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanos

JARDIM, Denise; FONSECA, Claudia. Promessas e incertezas da ciência: Perspectivas antropológicas sobre saúde, cuidados e controle / organizado por Claudia Fonseca e Denise Jardim. - Porto Alegre Sulina 2017 256p.

LIMA, Alexandre Peres de. As lutas, os bailes, as retomadas: reconhecimento, identidades e cultura no processo de patrimonização do clube social negro 24 de agosto (Jaguarão - RS) Porto Alegre, Dissertação de mestrado, PPGAS/UFRGS, 2015. 165 f. :

MAESTRI FILHO, Mário. O Escravo Gaúcho. Resistência e Trabalho. São Paulo Brasiliense, 1984.

MOURA, Clóvis. Brasil: Raízes do Protesto Negro – Clóvis Moura. – São Paulo: Global Ed. 1983

NASCIMENTO, Abdias do, 1914 – 2011 – O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado/Abdias do Nascimento – 3 Ed. São Paulo: Perspectivas 2016.

PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul. 190 p. Rio Grande: EDIGRAF, 2018. (ver o texto on line no link que registrei aqui) - [Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul \(furg.br\)](http://www.furg.br).

PERUSSATO, Melina Kleinert. Como se de Ventre Livre Nascesse: Experiências de cativo, parentesco, emancipação e liberdade nos derradeiros anos da escravidão Rio Pardo Rs – c. 1860 c. 1888 / Melina Kleinert Perussato, São Leopoldo, RS 2010.

PRASS, Luciana – Maçambiques, Quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil / Luciana Prass – Porto Alegre: Sulina 2013.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro / Djamila Ribeiro 1 ed. – São Paulo, Companhia das Letras 2018

RS NEGRO: cartografia sobre a produção do conhecimento / organizadores Gilberto Ferreira da Silva, José Antônio dos Santos, Luís Carlos da Cunha Carneiro – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SANTOS, Rui Leandro da Silva – Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição: Articulação, sociabilidade e etnicidade dos negros do Rincão dos Pretos no município de Rio Pardo – Dissertação de Mestrado, 2001.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade/Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas]. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TELLES, Edward Eric – Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica/Edward Eric Telles / Tradução Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen – Rio de Janeiro: Relume Dumara: Fundação Ford, 2003.

VIGOYA, Mara Viveros. «La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación». IN: Debate Feminista, vol. 52, P. 1-17. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0188947816300603>

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000 464 p.

7. Anexos

Interlocutores em Rio Pardo
1. Dona Oracellia de Assis Silva
Membra da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo Familiar dos fundadores da escola Irmã do Paulo Roberto, meu interlocutor em outras ocasiões Me contou o significado e a importância da “Ala Branca”
2. Nívio Carrasco
Um dos fundadores da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo Ajudou a fundar a Escola de Samba Candangos Professor de Educação Física aposentado
3. Sr. Bagé
Um dos fundadores da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo Indivíduo branco com participação fundamental na consolidação da Escola na cidade Infelizmente veio a falecer durante a pesquisa
4. Sra. Juraci
Membra da Escola de Samba Velha Guarda Trouxe para a pesquisa uma ideia de como foi o início do Carnaval em Rio Pardo
5. Marcos Ramos
Mestre da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo Membro da Diretoria da escola de samba Brigadiano aposentado
6. Luciano
Membro da diretoria da escola de samba Embaixadores do Ritmo Funcionário público (prefeitura)
7. Carol
Doutoranda em história na UFRGS Responsável por fazer a historiografia do enredo da Escola Embaixadores do Ritmo Moradora de Porto Alegre, vai à Rio Pardo aos finais de semana para as atividades da Escola de Samba Embaixadores do Samba
8. Daniel
Funcionário da fruteira a mais ou menos 30 anos Inicialmente disse que iria me dar a entrevista mas depois começou a desconversar. Por diversas vezes que eu tentei conversar com ele sempre tinha um compromisso. Não consegui entrevista-lo. Deixo o registro
9. Ana Paula Rocha (Minha esposa)
A Ana Paula é minha esposa. Sempre contou histórias sobre Rio Pardo, dessas histórias, eu sempre tirava alguma coisa que me dava ideia de pessoas ou situações em que pudesse inserir no meu trabalho
10. Sra. Cuca
A Sra. Cuca mora na Comunidade Quilombola Rincão dos Negros, é irmã do Presidente da Associação Quilombola Sr. Adair David. Estivemos na comunidade em outubro de 2022. Dessa vez eu fui com a minha esposa e meus dois filhos.

<p>A Sr. Cuca nos recebeu muito bem. Nos mostrou um pouco das atividades que eles desenvolvem na propriedade deles, que é uma das propriedades dentro da comunidade quilombola que é maior.</p>
<p>Ela trabalhava como cuidadora de idoso na cidade, mas agora está aposentada, por isso está se dedicando às atividades na propriedade</p>
<p>11. Sr. Adair David</p>
<p>O Sr. Adair David é presidente da Associação Quilombola Rincão dos Negros Eu já havia entrevistado ele no início dos meus estudos, as informações que ele me deu serviram para o meu trabalho inicial sobre a “Igreja dos negros e Igreja dos Brancos Agora achei importante entrevista-lo porque estamos em um outro momento, principalmente pós-pandemia, nessa visita também visitei a sua irmã Sra. Cuca.</p>
<p>12. Zulu</p>
<p>Morador da Comunidade Quilombola Rincão dos Negros No dia em que visitamos a comunidade encontramos ele por acaso. Tinha acontecido uma coisa que só reforça a discriminação que sempre acontece na comunidade. Tem um atalho por dentro de uma propriedade que ele passa para não ter que dar uma volta maior, naquele dia a dona da propriedade fez ele voltar para não passar por ali. Essa proprietária, segundo ele, ficou muito braba quando foi feito o reconhecimento da comunidade como Quilombola O Zulu, eventualmente presta serviços a essa senhora, teve uma vez que ele fez um serviço e nem cobrou nada, mas ela não cede, está sempre contra a comunidade negra.</p>
<p>13. Raminhos Junior</p>
<p>Filho do Marcos Ramos Auxilio o pai como mestre de bateria Membro da bateria Também sai como puxador auxiliar da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo</p>
<p>14. Alessandra Reichel</p>
<p>Alessandra é uma mulher branca Tem uma grande identificação com a escola Saiu como destaque em carros alegóricos por muitos anos Quando completou 50 anos decidiu se aposentar dos desfiles É uma personagem marcante na história da escola de samba</p>
<p>15. Eva Elis Silva</p>
<p>A Eva é da família Panatieri A família Panatieri é uma família de médicos negros O avó dela Dr. Raul Panatieri foi o primeiro médico negro formado no Brasil</p>
<p>16. José Cledi Gouveia (meu sogro)</p>
<p>O Sr. José Cledi talvez tenha sido o interlocutor que mais me deu informações sobre a cidade de Rio Pardo. Atualmente ele está com 73 anos e é nascido e criado na cidade Sempre que chego a Rio Pardo nós mantemos um diálogo e ele me conta um monte de histórias do presente e do passado, algumas delas ele já contou 2, 3 ou mais vezes</p>

Tabela 1 – Interlocutores na cidade de Rio Pardo

DADOS DO MUNICÍPIO DE RIO PARDO
Rio Pardo é um município do Rio Grande do Sul, pertencendo à mesorregião geográfica do centro oriental Rio Grandense, que é composta por 54 municípios, agrupada em três microrregiões.
Localiza-se na região de transição do Pampa Gaúcho e do Bioma Mata Atlântica, foi uma das primeiras Vilas a serem criadas e sua História está intimamente ligada à formação do Estado, dando origem a mais de 200 municípios do Rio Grande do Sul.
Teve papel importante e estratégico como fortaleza de defesa das fronteiras na conquista do território frente aos espanhóis, por isso conhecida como “TRANQUEIRA INVICTA”.
Capitania de São Pedro foi criada em 1807. Em 1809 foram criadas as quatro vilas da Capitania de São Pedro do Sul (RS) entre elas a Vila de Rio Pardo, através do Decreto Real assinado por D. João VI.
Em 31 de março de 1846, a Vila foi elevada à categoria de CIDADE.
A população é de 37.591 habitantes (IBGE, 2010) e a população estimada para 2020 é de 38.265 habitantes.
A área é de 2.051 km ² .
Localização nas coordenadas geográficas de Latitude 29°59’23” S e Longitude 52°22’41” Oeste. A uma Altitude de 47 m do nível do Mar.
O Município faz DIVISA com: Butiá, Minas do Leão, Pantano Grande, Encruzilhada do Sul, Cachoeira do Sul, Candelária, Vera Cruz, Santa Cruz do Sul, Passo do Sobrado e Vale Verde.
Distância média de RIO PARDO a PORTO ALEGRE (capital): 145 km ²
O Clima de Rio Pardo é temperado do tipo subtropical, classificado como mesotérmico úmido. Conforme sua posição geográfica indica grandes diferenças em relação ao Brasil.
As temperaturas apresentam grande variação sazonal, com verões quentes e invernos rigorosos, com geadas e precipitação eventual de neve.
TEMPERATURAS médias variam de 15 e 18°C, e máximas podem atingir marcas superiores a 40° C.
HIDROLOGIA O município é cortado por dois rios principais. O Rio Jacuí, que corre no sentido oeste-leste, dividindo o território em duas porções e o seu afluente, o Rio Pardo, que corre no sentido nortesul.
BALNEÁRIOS FLUVIAIS: Proporciona lazer a população e atraem turistas. Praias Ingazeiros, Porto Ferreira, Porto das Mesas e Santa Vitória. (P 12 revista)
PAISAGEM “O Município de Rio Pardo apresenta uma complexa fisionomia natural, com mata nativa, campos com formações florísticas características e banhados. A transição entre estas formações é muitas vezes rápida e o contrato entre as áreas de campo e florestas, ocorre tanto no entorno de matas contínuas, quanto em áreas de vegetação ciliar dos rios e arroios ou até mesmo em capões de mato”.
“As atividades agrícolas e agropecuárias alteram o ambiente da região, principalmente na metade sul do município com o avanço de plantações de soja e de eucalipto em substituição aos campos de pecuária”.
Estes ambientes característicos em geral, o que caracteriza um ambiente é sua cobertura vegetal, acompanhada de suas respectivas características do meio físico. Os campos, matas, banhados, rios e o ambiente urbano, contribuem na dispersão e localização da biodiversidade ocorrente no município de Rio Pardo.
BIOMAS Rio Pardo tem uma região privilegiada, pois a maior parte do seu território se encontra no Bioma Pampa, mas mais ao norte em direção a Santa Cruz temos o Bioma Mata Atlântica.
Rio Pardo se classifica em uma zona de tensão ecológica, o que contribui para uma rica diversidade biológica.

Tabela 2 – dados do município de Rio Pardo

Publicação: Arquivo Histórico - Neuza T D Quadros. Fonte: (Revista Ecologia & Biogeografia do município de Rio Pardo, Nilmar A. de Melo, Vladimir M. Panta, 2018, p.16) Revista Ecologia 2018.